

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Ariadne Messalina Batista Meira

**UM MODO DE CIFRAR:
autistas e a escrita de si**

Belo Horizonte
2020

Ariadne Messalina Batista Meira

**UM MODO DE CIFRAR:
autistas e a escrita de si**

VERSÃO FINAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Estudos Psicanalíticos
Linha de Pesquisa: Conceitos Fundamentais em Psicanálise e Investigação Campo Clínico e Cultural

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ângela Maria Resende Vorcaro

Belo Horizonte
2020

150 M514m 2020	<p>Meira, Ariadne Messalina Batista.</p> <p>Um modo de cifrar [manuscrito] : autistas e a escrita de si / Ariadne Messalina Batista Meira. - 2020.</p> <p>119 f.</p> <p>Orientadora: Ângela Maria Resende Vorcaro.</p> <p>Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.</p> <p>Inclui bibliografia.</p> <p>1. Psicologia – Teses. 2. Autismo - Teses.. 3. Psicanálise - Teses. I. Vorcaro, Angela M. R. (Angela Maria Resende). II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.</p>
----------------------	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



FOLHA DE APROVAÇÃO

Um modo de cifrar: autistas e a escrita de si

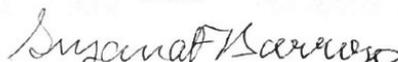
ARIADNE MESSALINA BATISTA MEIRA

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA, como requisito para obtenção do grau de Mestre em PSICOLOGIA, área de concentração ESTUDOS PSICANALÍTICOS, linha de pesquisa Conceitos Fund. Psicanálise Invest. Campo Clínico e Cultural.

Aprovada em 14 de fevereiro de 2020, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Angela Maria Resende Vorcaro - Orientador
UFMG


Prof(a). Marcia Maria Rosa Vieira Luchina
UFMG


Prof(a). Suzana Faleiro Barroso
PUC-MG

Belo Horizonte, 14 de fevereiro de 2020.

Agradecimentos

À professora Ângela Vorcaro, por abraçar a proposta desse trabalho e as mudanças realizadas no percurso, se empenhando com vigor em sua elaboração. Sou por demais grata pela acolhida sempre afetuosa e, principalmente, pela genuína generosidade de sua transmissão, fortemente marcada por seu desejo de saber sobre o autismo, que muito me tocou. Agradeço por sua confiança, seu olhar sensível, sua disposição ao trabalho e pela leveza com que conduziu esse processo, sempre dando espaço para que algo de meu estivesse presente. Gratidão pelas portas abertas, pela amizade e pela potência do nosso encontro.

À professora Marcia Rosa, pela sensibilidade de seu olhar que, desde nosso primeiro encontro, me despertou para questões em torno da escrita dos autistas, as quais foram retomadas na minha jornada.

À professora Suzana Barroso, que gentilmente aceitou o convite de ler este trabalho e contribuiu com seu olhar e experiência.

À minha mãe, Antônia Alves, por apostar em mim e nas minhas escolhas, me apoiando em todos os momentos e decisões. Gratidão por sonhar e trabalhar por uma educação melhor, transmitindo isso para mim. Agradeço por me encorajar sempre a ir em frente, a enfrentar meus receios e por me “criar para o mundo”, garantindo que eu tenha sempre a segurança de ter para onde voltar.

Ao meu pai, Eduard Montgomery, pela transmissão do seu desejo pelo universo acadêmico e pelos estudos, além de todo suporte e apoio nesse processo, que me deram segurança para trilhar esse caminho.

A todos os meus familiares maternos e paternos, que me encorajaram nesse processo e foram porto seguro em vários momentos. Meus irmãos, Edwin e Weena, pela fraternidade e, especialmente, Ícaro, pela amizade e pelo cuidado e dedicação com Bmo, meu amor e fiel escudeiro de quatro patas. Minha madrinha, Adriana Meira, por sempre me encorajar nesse caminho, me transmitindo paz e confiança; e minha avó Lúcia Meira, pela aposta de sempre e por emprestar com generosidade seus conhecimentos, fazendo a revisão desse trabalho.

Ao meu parceiro, Igor Araújo, pelo amor, paciência e companheirismo que tornaram essa jornada mais leve e possível. Sou grata por todo apoio que me deu nesse período e por se fazer sempre presente a despeito dos quilômetros de distância entre nós. Agradeço por ser ouvido quando precisei falar, por ser colo quando precisei chorar e por dividir comigo as alegrias do caminho. Agradeço ainda a toda sua família pela acolhida sempre afetuosa.

Aos amigos de longa data, que, mesmo à distância, da Paraíba, Bahia, Rio de Janeiro ou onde estivessem, se fizeram presente, dividindo comigo alegrias e dificuldades, trazendo leveza e risadas aos momentos difíceis, aplacando a solidão do processo de escrita.

Aos amigos que o mestrado e Belo Horizonte me presenteou, por partilharem do processo e aplacarem as angústias deste. Sou grata pelos encontros regados a risadas e entendimento mútuo.

À Julianne Oliveira, cuja amizade me fortaleceu nesse último ano de escrita. Sou grata por tudo que partilhamos, desde nossa cultura nordestina até nosso desejo mútuo de saber em torno do autismo, que nos trouxe muitas trocas e produções. Agradeço pela leitura desse trabalho, pelo encorajamento e por suas generosas contribuições.

Ao professor Gilson Iannini, por ler meu projeto de pesquisa e sugerir que eu deixasse um “espaço vazio” na minha leitura dos testemunhos, um lugar para a contingência, que sem dúvidas foi fundamental nessa produção.

À Daniela Paula, que gentilmente se dispôs a ler meu projeto de pesquisa e dar suas contribuições, além dos conselhos ao longo do processo, com sua leveza generosidade.

À Tito, Donna e Daniel, por seu esforço em escrever seus testemunhos, que são um verdadeiro presente, uma enorme contribuição e um encontro indescritível, que me moveram nessa pesquisa.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para o andamento e conclusão desse trabalho.

À CAPES, pela concessão da bolsa que permitiu minha dedicação integral aos estudos e à pesquisa.

“To you who think my words matter”

Tito Mukhopdhyay

Resumo

Para a psicanálise, a linguagem é o aparelho mediador da relação do sujeito com a realidade discursiva. O encontro da língua com o corpo deixa marcas no organismo que dependem de ser lidas para que se estabeleça uma gramática concatenada na rede do Outro e, nesse encontro, cada sujeito traça caminhos singulares. Das marcas estabelecidas no trauma do encontro com a língua, o vivo é enquadrado pela realidade discursiva imposta pelo simbólico, que lhe confere um corpo. Com os autistas, não é diferente, pois a despeito de recusar o laço com os agentes do Outro, dão testemunho desse enquadramento até nos casos mais recrudescidos. No entanto, apresentam um funcionamento psíquico que aparenta se orientar na linguagem de modo distinto do significante, levantando questões em torno dos usos específicos que fazem dessa e se esse uso circunscreve uma estrutura clínica distinta das categorias neurose, psicose e perversão. Partindo dos textos autobiográficos de três autistas, Donna Williams, Daniel Tammet e Tito Mukhopadhyay, o presente trabalho se trata de uma investigação sobre como o autista cifra o que vive e se o primado do signo pode ser considerado uma questão de estrutura. Para trilhar esse caminho, percorremos algumas produções sobre o autismo para situar a especificidade da estrutura autística, sublinhando elementos diagnósticos diferenciais e os desdobramentos da hipótese elaborada por Jean-Claude Maleval acerca da primazia da lógica do signo em detrimento daquela do significante. Buscamos localizar, então, o conceito de signo na linguística de Saussure e na semiótica de Charles Peirce, para entendermos como Jacques Lacan se apropria dos mesmos ao elaborar sua Linguística. Essa trajetória nos levou a localizar alguns conceitos e suas modificações ao longo do ensino de Lacan, como da fala à palavra, a partir de língua, e a conjectura do escrito. Do encontro com impasses na investigação proposta, à medida que, em seus testemunhos descrevem um funcionamento que, no entanto, não deixa traço no texto, colocando a certa distância a condição autística e a narrativa, levantamos interrogações a partir do que esses testemunhos colocam, junto aos registros cartográficos de crianças autistas atendidas pelo educador francês Fernand Deligny.

Palavras-chave: Autismo; Testemunho; Psicanálise; Escrita; Signo.

Abstract

For the psychoanalysis, the language is the best intermediate of the relationship between the subject and the discursive reality. The encounter of the language with the body leaves marks on the organism which depends on being read to establish a grammar concatenated with the network of the Other and, in this meeting, each subject traces singular paths. From the marks established in the trauma from the encounter with the language, the living is framed by the discursive reality imposed by the symbolic, which grants it a body. With the autists, it is not different, in spite of refusing the link with the factors of the Other, they give testimony of this framing even in the most rebounded cases. However, they present a psychic behaviour which is oriented by the language in a different way than the significant, raising questions about the specific uses of it and if this using circumscribes a distinct clinic structure from the neurosis, psychosis and perversion categories. Starting from the autobiographical texts of three autists, Donna Williams, Daniel Tammet and Tito Mukhopadhyay, the present work deals with an investigation of how the autistic figure out what lives and if the primacy of the sign can be considered a matter of structure. To follow this path, we go through some productions about autism to situate the specificity of the autistic structure, emphasizing differential diagnostic elements and the unfolding of the hypothesis elaborated by Jean-Claude Maleval about the primacy of sign logic over that of the signifier. We seek, then, to locate the concept of sign in Saussure's linguistics and Charles Peirce's semiotics, to understand how Jacques Lacan appropriates them when elaborating his *Linguisteria*. This trajectory led us to locate some concepts and their modifications throughout Lacan's teaching, such as from speech to *aparola*, from *lalangue*, and the conjecture of writing. From the encounter with *impasses* in the proposed investigation, to the extent that, in their testimonies they describe a functioning which, however, leaves no trace in the text, putting the autistic condition and the narrative at a certain distance, we raise questions from what these testimonies put, with the cartographic records of autistic children attended by the French educator Fernand Deligny.

Keywords: Autism; Testimonies; Psychoanalysis; Writing; Sign.

Lista de ilustrações

Figura 1: Triângulo Semiótico	58
Figura 2: Triângulo semiótico em cadeia	59
Figura 3: Signo linguístico	61

Sumário

Introdução.....	12
1. Aut(or)istas e a escrita de si	16
1.1 Tito Rajarshi Mukhopadhyay	17
1.2 Donna Williams	22
1.3 Daniel Tammet.....	27
2. Especificidade do Autismo: uma outra estrutura	33
2.1 Para o DSM, o TEA.....	33
2.2 Para a psicanálise, o sujeito autista.....	35
2.2.1 Autismo e Psicose.....	35
2.2.2 Uma quarta estrutura	42
2.2.3 O primado do signo	53
3. Um percurso sobre o signo	59
3.1 O signo na Semiótica de Peirce	59
3.2 A Teoria do signo de Saussure	62
3.3 Da Linguística à Linguística de Lacan	65
3.4 A clínica do escrito	84
3.4.1 A conjectura da escrita	85
3.4.2 O escrito como <i>pas-à-lire</i>	88
4. Escrita com o corpo.....	93
Considerações Finais.....	109
Rereferências	113
Anexos	120

Introdução

A atualidade das discussões em torno do autismo pode ser traduzida nos números da famigerada “epidemia” – de acordo com os dados dos Centros de Controle e Prevenção de Doença¹, em 2014, uma a cada 68 crianças é diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista, estatística 7350 vezes maior que há 34 anos (Mas, 2018) -, desencadeada pela categorização do DSM (Mas, 2018). Para além dessa epidemia, o autismo provoca mal-estar às mais diversas áreas diante dos enigmas apontados pela variabilidade e severidade dos casos incluídos sob essa rubrica.

O presente estudo ressoa ecos desse mal-estar na psicanálise lacaniana, que se depara com as insuficiências de registros clínicos acerca dos autismos, pondo-se a trabalho para equacionar a especificidade desse funcionamento, a partir das tentativas de formulação, na lógica estrutural da linguagem, de outra estrutura clínica, distinta das já contempladas categorias da neurose, da psicose e da perversão. Assim, se esse caminho é marcado pelos furos que o autismo faz emergir nas práticas psicanalíticas, é em seu arcabouço discursivo que se pode localizá-lo e problematizá-lo, acolhendo o impacto dos testemunhos² de autistas, que rompem seu suposto mutismo para manifestar, via escrita, suas vivências, testemunhando a singularidade de seu funcionamento psíquico.

Foi por meio dessas obras que um percurso se traçou desde nossas primeiras interrogações até o atual trabalho. Igualmente mobilizado pela escrita de autistas, o pré-projeto intitulado “Autistas e a escrita de si: diálogos sobre trajetórias, invenções e uma educação orientada pela singularidade” tocava questões concernentes ao campo da educação inclusiva. Consistia em partir dos testemunhos de autistas para identificar suas trajetórias na educação e o que cada um pôde inventar a partir das contingências.

A leitura do livro “Literatura de autistas” (Bialer, 2015), sugerida para selecionar os testemunhos a serem utilizados, provoca uma série de novas interrogações: muitos desses autistas remetem-se a suas modalidades de trajetória de “aprendizagem”, não necessariamente no sentido formal, escolar, mas especialmente as vias inventadas para acessar ou bloquear o campo do conhecimento, tecidas a partir do que Bialer denomina “(auto)estudo” (2015, p. 18), ou seja, um trabalho de construção de saber sobre suas próprias sintomatologias e estratégias

¹ Disponível em: <https://www.aap.org/en-us/about-theaap/Committees-Councils-Sections/Council-on-Children-with-Disabilities/Pages/RecentInformation.aspx>

² Embora não entremos aqui em uma discussão do estilo desses escritos, estes tiveram para nós, no presente trabalho, função de testemunho, de modo que assim nos referiremos a eles ao longo do texto.

de compensação. Apontam uma organização do seu fluxo de pensamento por meio da escrita textual, de modo que esta estabeleceria para eles uma ligação entre o corpo e a mente, em geral desconectados (Williams, 2012; Kedar, 2012; Sellin, 1995/1998), um “corpo desobediente”, nas palavras do autista japonês Naoki Higashida (2014). Situam, então, os trajetos que lhes foram possíveis a partir desse funcionamento e como puderam alcançar determinados lugares como o de escritor, de professor, etc.

Tais trajetórias ressoam no encontro do sujeito moderno com o discurso da ciência, do qual está foracluído (Lacan, 1965-66/1998), que hoje mostram seus efeitos na multiplicação de protocolos e técnicas para aprendizagem de comportamentos socialmente adequados e esperados para cada idade, na tentativa de fazer existir e valer o “educável” no autista. A psicologia e a psiquiatria são convocadas a garantirem que esses sujeitos aprendam a gerir o estresse, controlar emoções e comportamentos, numa explosão de um “*tout éducatif*” (Leblanc & Fajnwaks, 2017). Um caso trazido por Viscasillas & López (2017) ilustra essa constatação, quando uma criança, em um centro de tratamento, pergunta o que é apendicite e outra criança, com diagnóstico de autismo, entende “apendicite” e responde que “*l’appendicite est une inflammation du apprendre!*”³. Segundo as autoras, essa passagem é uma chave para o que as crianças autistas, seus pais e profissionais, enfrentam quando aprender, em excesso, se torna a única via de tratamento do autismo.

Com a psicanálise, podemos considerar a dificuldade humana de ler o ‘mundo’ fora do enquadramento discursivo no qual nos situamos. Dito isso, interrogamos se, ao partir da lógica neurótica que situa o falo como referente orientador, podemos ultrapassar a leitura do autismo que o enquadra em um déficit. O discurso psicanalítico vai procurar incidir em operações que outras práticas, educativas e pedagógicas, não se atém, buscando ultrapassar essa compreensão, afinal, todo sujeito tem especificidades e lida com a realidade a partir de seus aparelhos, desde seu corpo até os modos como estabeleceu uma gramática própria.

O presente trabalho delinea então um novo trajeto, marcado pelos encontros: com a conjectura lacaniana do escrito; com as construções de Jean-Claude Maleval (2008; 2010; 2012; 2014; 2017) em torno do autismo com a hipótese de uma quarta estrutura, marcada pela vontade de imutabilidade, pela retenção dos objetos pulsionais e pela primazia do signo; e o trabalho cartográfico de Fernand Deligny (1913-96/2015), com as “linhas de existência” dos autistas, que cernem os trajetos repetidamente percorridos por eles.

³ A passagem pode ser traduzida por: “a apendicite é uma inflamação da aprendizagem!”

Esse trajeto considera a distinção do humano em relação aos outros animais, na medida em que sua relação com o mundo não se dá de forma direta, pela via do instinto, mas mediatizada por um aparelho de linguagem, que testemunha a impossibilidade de uma realidade pré-discursiva (Lacan, 1972-73/2008). Desamparado dos instintos que lhe orientariam a sobrevivência, o humano necessita de um outro⁴ que lhe garanta a existência. Desse encontro, não sai incólume, sendo o organismo marcado pelo encontro com a linguagem, que franqueia a instauração de um aparelho psíquico⁵.

Das marcas estabelecidas no encontro com a língua, o vivo é enquadrado pela realidade discursiva imposta pelo simbólico, que lhe confere um corpo. Os autistas⁶, a despeito de manifestarem impedimentos ao laço com os agentes do Outro, dão testemunho desse enquadramento até nos casos mais recrudescidos, levantando, então, a questão: como podem habitar a linguagem e inventar usos tão específicos desta?

No esforço constante de alguns para sair do mutismo e estender pseudópodes em direção ao campo do Outro, a escrita de si⁷ é um caminho possível. Nelas testemunham as estratégias que usam e como as desenvolveram, compartilhando o (auto)estudo que fazem do próprio psiquismo, bem como o (auto)tratamento, traduzindo a lógica de cada autismo que só lhes é possível por meio de uma zona de segurança compartilhada (que num só tempo o protege e o projeta), localizada na escrita (Bialer, 2015).

Em torno dessas questões está o cerne da nossa proposta, que consiste em partir dos textos testemunhais de três autistas para identificar, em suas trajetórias, como o autista cifra e transmite o que vive. Para tanto, tomamos inicialmente, como chave de leitura, o que descrevem de seu (auto)estudo, da cifração com o corpo e da relação entre seus escritos textuais e fluxos de pensamento. Ao longo do trabalho, um retorno ao texto de Maleval (2009/2017), detido no capítulo sobre sua hipótese do primado do signo, leva a criação de uma segunda chave de leitura, que se decompõe em três questões: (1) O que falam sobre suas capacidades de abstração? (2) A aquisição da linguagem se dá por leitura e memorização? (3) O que cada um faz no momento de crise?

A primeira questão se forma a partir da ideia de que o processo de metaforização no sujeito autista seria precário, de modo que o recurso encontrado por este seria realizar associações metonímicas para efetuar uma correlação entre signo e referente (Maleval,

⁴ O outro é a modalização do discurso estabelecido no campo simbólico (A), sendo seu agente.

⁵ Voltaremos a esse ponto ao longo do trabalho.

⁶ A distinção de uma classe de sujeitos denominados autistas será objeto de discussões no decorrer do trabalho.

⁷ Entendemos aqui o “si” como uma ficção para se supor existir, ficção que cumpre um valor por situar o sujeito numa referência histórica (Costa, 1998).

2009/2017). A distância no acesso ao significante e propensão a pensar por meio de signos, segundo Maleval (idem), que implica nesse estreito laço entre o signo e a coisa, favorece distúrbios da linguagem, como a compreensão literal ou mesmo dificuldades de abstração. Contudo, o autor sustenta que isso não implica uma inaptidão para a abstração, mas que isso esbarra em limites, já que haveria uma dificuldade em proceder à mutação do real no significante, levando a um somatório de signos, por meio do qual chegariam à construção de uma compensação por meio de extremada capacidade de memorização (Maleval, 2009/2017). Aqui se delinea a segunda questão norteadora da leitura, na medida em que a memória excepcional é para Maleval (idem) uma estratégia para cifrar a realidade, uma compensação à ausência de recalque. Ele aponta que no sujeito autista a aprendizagem e aquisição da compreensão da linguagem se opera, com maior frequência, por meio do escrito ou desenho, dando preferência a buscar recurso no signo icônico ou escritural. Isso se deve ao princípio, previamente destacado, da forte busca por imutabilidade no autismo, que comandaria o primado do signo no sentido de incitar a procura por rígidas correlações entre termos. Ainda segundo o autor, de acordo com essa lógica do primado do signo, em momentos de angústia, alguns sujeitos autistas detêm-se na rememoração de signos preordenados, como canções, calendários, sequências numéricas, etc., os quais são tranquilizadores e, de algum modo, lhes auxilia a reestabelecer certo controle sobre o meio e retomar uma organização diante de alguma ruptura inesperada na imutabilidade. Essa afirmação nos conduz a terceira chave de leitura apontada anteriormente, com o questionamento acerca do que cada um desses sujeitos faz em momentos de crise e se os mesmos procuram se deter em um signo, como aposta o autor.

Efetivamente, no entanto, seguindo a direção apontada por Naoki Higashida (2014), autista japonês não verbal, que escreve: “o mundo do autismo deve parecer um lugar extremamente misterioso. Portanto, por favor, pare um pouco e ouça o que tenho a dizer. E faça uma boa viagem através do nosso mundo” (idem, p. 22-23), ao tomar essas palavras como ensinamento de método, buscamos ler os testemunhos sustentando um lugar vazio para o contingente. Assim pontuadas, não sem a incidência do nosso próprio imaginário, tentamos, desse envoltório, decantar o que se mantinha como enigma. Deixando-nos guiar por eles, fomos conduzidos a interrogar o que as narrativas colocavam em jogo, distinguindo o que nelas franqueavam a vertente simbólica (modalidades de depósito e articulação, no texto, dos significantes), imaginária (significações daí depreensíveis) e real (a insistência do impossível de narrar que aí se insinua).

Nossa dissertação será subdividida em quatro partes. No primeiro capítulo, traremos o que moveu o próprio trabalho, ou seja, o que foi por nós privilegiado nos escritos de Donna Williams, Daniel Tammet e Tito Mukhopadhyay. No segundo capítulo, debateremos, à luz desse depuramento de leitura, os elementos teóricos que nos parecem fundamentais para formalização da interrogação sobre as modalidades de cifração que os autistas colocam em jogo em sua experiência: o embasamento teórico do autismo enquanto categoria clínica em psicanálise e a hipótese de Jean-Claude Maleval da primazia de um funcionamento signico no autismo. No terceiro capítulo, realizar-se-á uma investigação em torno do conceito de signo, percorrendo, para isso, uma trajetória na linguística de Saussure, na semiótica de Charles Peirce para, então, debatermos as apropriações singulares do conceito pela psicanálise lacaniana enquanto linguística; tal caminho nos levará ainda a pensar os desdobramentos e modificações que alguns conceitos fundamentais da clínica estrutural da linguagem sofreram ao longo do ensino de Lacan; traremos, nessa direção, a conjectura lacaniana do escrito, partindo da afirmativa de que o inconsciente não calcula, não pensa, nem julga, apenas cifra (Lacan, 1973/2003a). Por fim, no quarto capítulo, buscaremos arrematar as discussões teóricas com os escritos dos autistas a fim de registrar os impasses e enigmas encontrados nesse percurso; traremos, então, a proposição das “linhas de errância” de Fernand Deligny (1913-96/2015) para pensarmos o corpo como a caneta que escreve e opera o ciframento, como mediador da cifragem e como incidência na cifragem; dos registros cartográficos de Deligny aos testemunhos dos autistas aqui trabalhados, situaremos nosso impasse diante dos testemunhos, que apresentam certa modalidade de higienização de gozo, de modo que levantaremos, assim, questões em torno desses enigmas, que parecem apontar para a necessidade de maior investigação, em aliança com casos clínicos, das incidências do tempo na estrutura, a partir da clínica estrutural topológica de Lacan. A conclusão tratará das consequências extraídas desse percurso na direção de tratamento clínico dos autistas.

1. Aut(or)istas e a escrita de si

O título dessa passagem carrega consigo um ato falho cometido pela autora durante sua escrita, bordejando algo do que é transmissível no trabalho de escrita desses sujeitos: ao escreverem sobre si, suas vidas e suas vivências extremamente singulares com o autismo, assumem um lugar ativo de autores da narrativa, cuja função subjetiva não passa despercebida

para seus leitores. Se o autismo tem, em suas vidas, grande protagonismo, por lhes impor difíceis limitações e modificar a lente através da qual é possível ler o mundo e estar nele, a escrita autoral e testemunhal permitiu, ao menos nas leituras sob as quais nos debruçamos, uma construção desse lugar de autista-autor, com funções distintas, porém notavelmente importante para todos eles.

1.1 Tito Rajarshi Mukhopadhyay

Tito Mukhopadhyay é um jovem indiano diagnosticado com autismo clássico, em um quadro severo ao ponto de ter recebido um primeiro diagnóstico – equivocado - de paralisia cerebral na infância (Mukhopadhyay, 2008). Até a idade de 3 anos, Tito não falava, e depois dessa idade suas emissões vocais eram difíceis tanto para ele, quanto para os outros, que não entendiam. Por um tempo, Tito pôde se comunicar através do quadro de comunicação facilitada, mas se incomodava por sua lentidão. Aos 6 anos, Tito começou a se comunicar através da escrita, que aprendeu com ajuda da sua mãe, por meio de um intenso trabalho que começou com a dessensibilização de sua seletividade tátil para que pudesse segurar o lápis, já que segurar um novo objeto lhe era muito doloroso; depois disso, passou longos períodos praticando continuamente, de diversas formas⁸, até realizar sua primeira publicação: quatro poemas em uma revista. Desde então, Tito passou a escrever histórias, contos, poemas e inclusive obras autobiográficas, que testemunham a riqueza de seu mundo.

Sua mãe, Soma, foi sua principal incentivadora e professora, apostando nas suas capacidades mesmo quando Tito não lhe respondia, ofertando um ponto de apoio e, ao mesmo tempo, de persistência, sem pressioná-lo, o que lhe permitiu aprender e desenvolver muitas habilidades. Soma se utilizou de diversas estratégias para auxiliar Tito ao longo da vida: desde treino de habilidades motoras com desenhos, escrita, quebra-cabeça, até ajudá-lo a lidar com sua forma distinta de estar no mundo, buscando sua autonomia, sem uso de recompensas⁹, mas sempre fazendo Tito sentir que ela estava ali.

⁸ Tito praticou desenhar linhas verticais continuamente, com o lápis preso a sua mão por um elástico; em seguida, linhas horizontais; após um tempo de prática, começou a praticar ligar pontos, sem mais precisar do elástico: sua mãe desenhava figuras com os pontos para ele ligar, primeiro com formas geométricas, depois letras do alfabeto; passou então a completar letras desenhadas pela mãe e, após, a copiá-las sem precisar do apoio dos pontos; aprendeu então a copiar palavras do quadro de palavras, até acostuma-se a escrever as letras da memória e não mais copiando.

⁹ Após um tempo, Soma lançou um método próprio de tratamento para autistas, o “*Rapid Prompting Method*”. Cf.: < http://www.halo-soma.org/about.php?sess_id=b6ab6042ea952df8222a8a0adf5dcafd>.

Em seu livro *“How Can I Talk If My Lips Don’t Move? Inside my autistic mind”*, Tito compartilha com o leitor a sua história de vida, dando-nos uma ideia do seu modo particular de perceber e vivenciar o mundo ao seu redor, tanto narrando situações importantes do seu cotidiano e seu funcionamento, como expressando suas emoções.

Dono de uma memória excepcional, Tito é capaz de relatar vivos detalhes de sua infância, mesmo aos 3 anos de idade. Seus relatos acerca da infância são marcados por experiências sensoriais intensas, com uma percepção extremamente fragmentada e muitas crises de descontrole corporal. Tendo a audição como sentido prevalente, chegando a sonhar em sons, relata que as “vozes feitas de sons” (Mukhopadhyay, 2008, p. 4) lhe causavam horror quando era pequeno; graças à sinestesia, pode ver cores e sentir sabores nas vozes e, assim, quando pequeno, criava histórias com as cores que via refletidas no espelho da sua casa, como uma conversa entre a parede e o chão. Mesmo após crescer, ainda lhe é mais fácil lembrar da voz de uma pessoa do que de seu rosto ou do conteúdo que fala. Além disso, sua visão era extremamente seletiva, só lhe sendo possível olhar para coisas que acalmavam seus sentidos, enquanto outras os estressavam em demasia, levando a crises por super estimulação. Na infância e adolescência, Tito possuía também grande sensibilidade tátil, vivendo experiências de desconexão corporal e grande incômodo com o uso de um novo sapato ou roupa e mesmo com o calor.

Seu testemunho é marcado ainda por sua grande necessidade por previsibilidade e controle, aliada à dificuldade de lidar com o inesperado. Na infância, diante de situações inesperadas, fortes crises de grito eram desencadeadas, nas quais ele perdia o controle de sua voz e experienciava forte ansiedade, que chegava à dor física. Essas crises estavam associadas à sua forte necessidade por obsessões, cuja energia e intensidade eram tamanhas que vinham de direções indefinidas e assumiam o controle de sua razão e seus comportamentos. Ele desenvolve, ao longo da vida, uma série de estratégias para lidar com essas questões: se no início sua voz perdia o controle e ele gritava sem parar, após um tempo passa a não gritar mais e extravasar sua angústia por meio de gemidos e da necessidade de apertar algo com força; girar e bater as mãos também passam a lhe ajudar a ‘recarregar os sentidos’ e sentir seu corpo unificado. Sua estratégia mais complexa, então, são os “mapas mentais”:

Um mapa mental é uma imagem mental que eu formo, que eu espero enfrentar no processo de eventos, para que então eu não seja surpreendido ou chocado com nenhuma situação repentina. Situações repentinas, que invadem meu mapa mental, são como meteoros batendo um canto sublime de um planeta pacífico. E como os impactos de meteoros no planeta, a contingência de uma situação desconhecida cria um efeito desprazeroso na minha mente. Isso cria ansiedade, e, como uma corrente de reações de uma fissão nuclear, continua explodindo tudo

ao redor da minha mente, de modo que ao invés de um processo pacífico de pensamento tomando lugar, o que acontece é a destruição combinada de uma explosão depois da outra¹⁰ (Mukhopadhyay, 2008, p. 191).

Tito testemunha diversas estratégias que desenvolve para lidar com a experiência de uma percepção muito distinta do mundo e de um corpo extremamente desobediente. Diante de um novo ambiente, Tito tem dificuldade em formar uma imagem completa deste, sobretudo se tem grande interesse em algum objeto do ambiente, ficando absorto neste. Esse foco extremo, contudo, não lhe impede de perceber o entorno; Tito relata uma percepção tardia deste, por memorização indireta: “longo tempo após nós termos deixado aquele cômodo (...) eu comecei a realmente ‘ver’ o cômodo voltando vivamente diante dos meus olhos” (Mukhopadhyay, 2008, p. 99).

Ao longo do tempo, ele foi entendendo melhor seu funcionamento e desenvolvendo estratégias para lidar com essa percepção fragmentada. Diante da dificuldade de se acostumar com os estímulos visuais que recebe de um ambiente ou situação, sua estratégia envolve maior exposição, rotulagem e combinação de elementos para então alcançar uma imagem completa, em que todos os elementos precisam combinar para que consiga lembrar. “Quanto mais exposição, melhor a imagem visual. Se a exposição não é suficiente, isso permanece um símbolo, como um som, cheiro, cor, gosto, ou alguma combinação de dois ou mais sentidos” (idem, p. 115).

Essa percepção fragmentada também está presente na sua relação com seu corpo: “Em algum ponto (...) minha mente e meu corpo não transmitem as mesmas mensagens” (idem, p. 208), ele diz, “eu encontro minha mente me conduzindo para longe para alguma experiência mental, a qual pode ser bem diferente da que meu corpo deveria estar experienciando no ambiente físico” (Mukhopadhyay, 2008, p. 208). São inúmeras as situações descritas por Tito acerca de sua relação com o corpo, carregadas de experiências de dispersão e desconexão corporal, sobretudo em momentos de crise por super estimulação sensorial ou mudanças muito abruptas, fora de seu controle e previsibilidade. Uma das estratégias narradas por ele para conseguir diminuir essa sensação de dispersão corporal constitui 3 etapas: primeiro, eliminação do estresse e distrações; segundo, familiarizar-se com a atividade com ajuda de alguém; terceiro, entender o que seu corpo deve fazer. Até certa idade, era incapaz de identificar dores ou desconfortos em seu corpo, de modo que, para identificar uma parte deste, ele precisava estar olhando. Com ajuda da sua mãe, Tito aprendeu a localizar sem precisar do

¹⁰ Tradução livre.

olhar: “para aprender a sensação física da dor, eu tive que experienciar isso mentalmente” (Mukhopadhyay, 2008, p. 210).

Seu corpo é marcado, ainda, pela relação conflitante entre a impulsividade e, simultaneamente, uma grande dificuldade em tomar iniciativas. Tito relata que primeiro tinha necessidade do toque e dos movimentos de outra pessoa para conseguir iniciar atividades; aos poucos, pôde passar a precisar só do toque, até, finalmente, conseguir prescindir deste, bastando-lhe a presença. Ao mesmo tempo, em diversas situações, sobretudo em crise, age por impulsividade ou pensa em uma ação e seu corpo realiza outra. Além disso, sua “fronteira entre imaginar e experienciar algo era muito delicada” (idem, p. 22), sendo-lhe necessário estar sempre checando com sua mãe se viveu ou não algo que imaginou; é o que ele chama de “modo sensorial visual” que, quando predominante, é sua mente que o faz ver, não seus olhos, como explica.

Diante dessa forma de perceber o mundo, Tito narra saídas singulares, demonstrando com clareza a complexidade de seu funcionamento e de suas modalidades de auto tratamento, a despeito de seu mutismo. Seu mundo sinestésico e sensorialmente aguçado faz com que ele precise traçar estratégias subjetivas ao longo da vida para tratar o que lhe chega, indo desde o “trabalho com interruptores” (idem, p. 53) para privilegiar um aspecto do ambiente e sentir-se no controle, até uma decomposição de unidades mentais que lhe permitem balizar emoções e memórias. Estas estão frequentemente dominadas pelo componente sensorial, sem um tratamento prévio que lhe garantiria um privilégio do que está posto no transfundo:

Várias vezes eu e minha mãe comparamos os mesmos acontecimentos e eu fiquei surpreso em descobrir que o que minha mãe chama de compras de supermercado era, para mim, uma boca cheia de sabor de abobora amarga, embora eu estivesse certo de que minha boca não estava cheia de bile (Mukhopadhyay, 2008, p. 204).

Assim, a decomposição da mente em unidades de linguagem, crenças, emoções e de ações parece lhe permitir transmitir o que vive a partir de um sistema compartilhado com o outro:

Eu me sinto seguro com respostas armazenadas na minha memória factual porque elas são baseadas em leis naturais. Armazenar memória factual não envolve o componente extra da emoção (...) se alguém me pergunta a definição de catástrofe, eu posso seguramente dizer “catástrofe significa a perda da estabilidade em um sistema dinâmico”. Eu poderia ligar essa definição mais com a matemática das probabilidades em mutação genética, que podem ter me causado e outros como eu a viver com autismo. Para relembrar essa memória, eu não experienciaria nenhuma cor extra como componente adicional no ambiente. Minhas palavras seriam apoiadas diretamente em leis da ciência, tolerando as leis da natureza. Eu me sentiria mais seguro relembrando essa resposta do que algo como ‘O que você vai fazer na quinta-feira, quando você ouvir o telefone?’ (Mukhopadhyay, 2008, p. 204-205).

Apesar dessa decantação das emoções que sua memória factual lhe permite, Tito dá exemplos de maneiras muito particulares de conexões entre conceitos em sua memória, como por exemplo visualizar um “cachorro marrom mascando o cabo de madeira de um martelo, sentado em um chão de mosaico” (idem, p. 208) para pensar nas leis do movimento, ou mesmo utilizar símbolos para representar rostos, como por exemplo: “Toda vez que eu escutava a voz do rosto da minha professora em Austin, eu via sua presença como uma tigela amarela. Seu rosto é representado como um vaso de plástico amarelo com a largura de uma circunferência” (idem, p. 111). Em algumas situações, como para escrever, ou diante de alguns fatos, Tito consegue ter uma ‘imagem mental’ tão próxima da coisa/situação que é capaz de experienciar isso, por exemplo, visualizando a si mesmo como um ângulo do triângulo trigonométrico, ou ser o vento quando pensa sobre o vento. “Como eu percebo isso? Eu não preciso perceber isso porque eu sou isso quando eu penso nisso. Vivo e poderoso. ‘Eu penso na parede, eu sou a parede. Eu fui construído para permanecer (...)’” (idem, p. 119).

Um outro aspecto bastante relatado por ele é a dificuldade de iniciar tarefas de acordo com seu “desejo mental”, como na seguinte passagem:

Eu lembro de sentar no sofá várias vezes e mamãe perguntar o que eu gostaria de fazer em seguida. Eu responderia que eu gostaria de pegar meu lápis e escrever algumas linhas no meu caderno. E eu lembro de que todas essas vezes, eu permaneceria sentado, sem realmente levantar e pegar o lápis ou caderno. Meu plano de escrever algumas linhas permanecia um mero plano porque eu não conseguia ter o mapa mental requerido para realmente fazer algo além de ficar sentado onde eu estava, ou implementar meu plano (Mukhopadhyay, 2008, p. 126).

A estratégia que Tito passa a pôr em ação nessas situações é sugerida pela sua mãe: primeiro, ele precisa fragmentar a atividade e criar um plano, ilustrando seus pensamentos, de modo a construir “uma imagem mental básica dos objetos e uma representação mental da orientação do meu corpo naquele ambiente” (Mukhopadhyay, 2008, p. 127); em seguida, levantar; encarar a porta; andar até ela, e etc.

Como fica evidente, essas estratégias de fragmentação e rotulação auxiliam Tito em diversos aspectos de sua vida, ajudando-o a filtrar o que, do mundo, lhe chega massivamente e lhe invade, bem como lhe ajudando a “mapear seu corpo” no espaço, de modo a localizar algo de uma animação pulsional desconectada. Diante, sobretudo, das expectativas do outro, essa estratégia lhe permite dosá-las para não paralisar ou entrar em uma crise por super estimulação. Um exemplo disso é quando, diante de uma pesquisa científica, lhe é dito “Tito, nomeie esse objeto”, e ele desesperadamente começa a “pesquisar todos os nomes que estavam associados com aquele objeto, como carnívoro, listra, feroz, floresta, caçar, etc. Todos esses nomes apareceram na minha mente exceto a palavra tigre” (idem, p. 116),

ficando ansioso por se sentir preso nos “pontos focais dos olhos de espera daqueles cientistas que estavam prontos para provar ‘quem sabe o quê’” (idem). O desfecho ilustra mais uma vez sua corrente estratégia: “‘Um animal listrado, que não é uma zebra, é um TIGRE.’ (...) Eu fiz o teste inteiro descrevendo o objeto através da aparência e propriedades para encontrar seu nome” (idem, p. 116). Quando em uma situação social como um diálogo ou uma palestra, mesmo depois de adulto, Tito fala de um estilhaçamento dos sentidos, em que “escrever a próxima palavra é como remar uma canoa rio acima, quando toda a pressão e força estão trabalhando contra você, contra minha mão segurando meu lápis” (Mukhopadhyay, 2008, p. 140), de modo que precisa se afastar e “recarregar os sentidos” para conseguir continuar¹¹.

Apesar disso, a escrita é para Tito uma modalidade de expressão e viabiliza uma extensão para o mundo: “aprender a escrever foi a habilidade mais importante que eu adquiri porque isso me ajudou a ser um contador de histórias”, diz ele, “eu tinha minhas palavras e eu tinha minhas histórias, que fluíam entre mim e o espelho. (...) Eu precisava que as pessoas acreditassem que elas eram minhas próprias histórias (...)” (idem, p. 157).

1.2 Donna Williams

Nascida no interior da Austrália em 1963, Donna Williams ou Polly Samuel¹² foi diagnosticada com autismo somente após a idade adulta, tendo recebido, aos 2 anos de idade, o diagnóstico de “psicose infantil”, em 1965, pois, nessa época, o termo autismo era fortemente ofensivo para as mães, segundo ela. Donna/Polly faleceu em 2017, aos 53 anos, de câncer de mama, deixando vastas contribuições literárias acerca de sua história e sobre o autismo.

Donna foi filha de pais alcoólatras e de uma mãe com graves problemas mentais, que fez extenso uso de substâncias tóxicas durante sua gravidez, além de duas tentativas de aborto e, após o nascimento de Donna, tentativas de homicídio. Sua infância e adolescência foram severamente marcadas pela negligência, violência doméstica, abusos diversos, além de uma grande lista de problemas de saúde¹³, que envolveram sérios problemas imunológicos,

¹¹ Há palestras e conversações com a participação de Tito disponíveis no Youtube, nas quais é possível observar esses momentos; por vezes, ele mesmo digita para a plateia que está em sobrecarga.

¹² Em 2015, ela modificou legalmente seu nome para Polly Samuel, embora Donna Williams seja seu “nome de fama”, por não se identificar com o nome “Donna”, dado por sua mãe, significando “fêmea”. Polly era o nome que os próximos usavam para chama-la na infância, como seu pai, e Samuel é seu sobrenome de casada. Fonte: < <https://www.donnawilliams.net/index185b.html?id=about>>.

¹³ Sua história encontra-se detalhada em: < <https://www.donnawilliams.net/index185b.html?id=about>>.

respiratórios, síndrome de Ehlers-Danlos, diversas alergias e intolerâncias alimentares, recorrentes infecções de ouvido que levaram a considerá-la surda; rubéola e caxumba, além de problemas para dormir, dentre muitos outros. O caos emocional e perceptivo ensinou-a a relatividade da ‘normalidade’ e transformaram-na numa “antropóloga natural”, como definiu. Donna encontrou um modo de funcionar no mundo em meio a uma existência violentada e conturbada, buscando soluções singulares para lidar com “o mundo”, ameaçador e invasivo, o qual estava do lado oposto do “seu mundo”.

As ameaças e violências constantes lhe causavam medo dos “intrusos” do ‘mundo’ e, na sua exaustiva ocupação para se sentir segura, Donna se serviu de um primeiro duplo: Willie, um par de olhos verdes que não lhe trazia tranquilidade, mas lhe servia como “guardião do corpo contra intrusos noturnos” (Williams, 2012, p. 39). Baseado no nome da família e na sua mãe, aos 3 anos, Willie se tornou a “encarnação exterior” de Donna, lhe permitindo ter relações com o mundo, ainda que de forma agressiva. Após um tempo, Donna cria um outro duplo, inspirado em uma garota que conheceu no parque: Carol. Começou vendo-a por meio de seu reflexo no espelho e depois a reencontra dentro de si mesma. “Carol reunia em si tudo aquilo que é possível amar: gostava de rir, tinha amigos, trazia uma porção de coisas para casa e, enfim, tinha uma mãe”, diz Donna (Williams, 2012, p. 52). Passa então a se servir desses dois personagens que cria para si, para sair de seu isolamento e solidão: Carol, amável e sociável; Willie, agressivo e protetor. “Entretanto, Donna havia desaparecido. Eu tinha então cinco anos” (idem, p. 52). “Se Willie entrou em guerra com o mundo, Carol assumiu que ela era parte dele” (Williams, 1994, p. 15).

A fala verbosa e ecológica foram suas primeiras formas de manifestação verbal, faltando-lhe a compreensão do significado das palavras; em suas palavras, ela “monologava obsessivamente” (Williams, 1994, p. 54). Foi com Carol que aprendeu a se comunicar, aprendendo fonética e memorizando palavras difíceis, enquanto com Willie lia pilhas de livros, decorando fatos. Assim, como um catálogo de informações, Donna podia se comunicar de maneira evasiva, impessoal e desligada, pois “expressar o que eu pensava era simplesmente muito apavorante” (Williams, 2012, p. 216). Mesmo depois de adulta, o problema da comunicação continuava, pois Donna seguiu tendo problemas com o sentido do que lhe era dito, sobretudo pela dificuldade de não se distrair pela entonação ou pelas expressões faciais do interlocutor:

No momento em que eu conseguia entender, eles estavam, geralmente, a uma meia dúzia de sentenças além (...) a única pessoa que eu tinha sido capaz de ouvir diretamente com sentido

tinha sido eu mesma. (...) Eu só poderia compreender cerca de cinco a dez por cento do que era dito para mim, a menos que eu repetisse as palavras para mim (Williams, 1994, p. 89).

Ela, então, repetia para si o que lhe haviam dito, inclusive com sua fonética, de modo a não se sentir tão ameaçada. Sua mente, diz ela, funcionava como uma loja de departamentos, em que ou o plano de fundo era privilegiado em detrimento do primeiro plano ou o contrário, nunca os dois juntos. Sua única forma de se comunicar era extraindo qualquer demonstração de seus afetos, tendo aprendido a fingi-los através de seus personagens, que “serviam de intérpretes entre o mundo deles e o meu” (Williams, 2012, p. 231), mas nunca as suas próprias: “eu tinha compulsão para fugir de emoção” (Williams, 1994, p. 12).

Donna tinha muita sensibilidade ao “toque emocional” do outro e embora tenha desenvolvido formas de lidar com o toque “prático”, o toque intencional do outro lhe causava crises. Estas eram intensas e marcadas pela autoagressividade, desencadeadas pela super estimulação de seus sentidos, o que acontecia sobretudo em situações sociais:

Havia um rasgo no centro da minha alma. A automutilação era o sinal externo do terremoto que ninguém via. (...) Enquanto eu queimava fusíveis, minhas mãos puxavam meu cabelo e batiam no meu rosto. Puxavam minha pele e a arranhavam. Meus dentes mordiam minha carne como um animal morde as barras da jaula, não percebendo que a gaiola era meu próprio corpo (Williams, 1994, p. 14-15).

Nesses momentos de angústia, Donna também relata a vivência de uma fuga do sentido, em que a imagem visual das coisas perdia o significado, lhe sendo impossível nomear os objetos e pessoas ao seu redor. O “Grande Negro Nada” (Williams, 1994) era o “lugar” para onde se retraía em momentos de extrema angústia, ao se ver diante de suas emoções: seu mundo interior, “um mundo inescapável de garantias” (idem, p. 86). Nele, não havia conexões, ou pensamentos:

Só há olhos que não registram nada em uma escuridão mental e ouvidos que ouvem sons tão distantes e inacessíveis como se estivessem do outro lado da terra. No nada, não há nenhum corpo a ser confortado e o toque apenas confirma o já doloroso senso dessa coisa presa fora de você, da qual você deve escapar. Você deve escapar, porque você ouve o rugido de ‘maremotos’(...) (É o som sangue correndo através dos músculos de seus próprios ouvidos) (...) As ‘ondas’ são a morte. (...) Após vinte e seis anos, aprendi que não era a morte chegando, mas as emoções” (idem, p. 94).

Essa tirada de consciência do mundo, como ela descreve, era o que lhe permitia drenar a energia da sobrecarga, em um sistema que a regra era ‘todo mundo, nenhum eu’ *versus* ‘todo eu, nenhum mundo’. Esse sistema funcionava para ela como o “santuário da prisão” (idem, 1994, p. 105) do autismo, pois “desistido de lutar com os sentidos (*meanings*), meus

sentidos (*senses*) deixavam de me torturar” (idem, p. 105), e ela podia então se entregar ao mundo incompreensível e hipnótico dos sentidos, procurando padrões e observando detalhes:

Eu poderia passar por uma fileira de árvores e concentrar-me acentuadamente sobre uma folha de cada árvore, até o detalhe do contraste na largura de cada veia. Era desse jeito quando estava no piloto automático. (...) Era como ter um cérebro sem peneira, mas as consequências do meu ‘sucesso’ e ‘alto funcionamento’ eram o desligamento, a sobrecarga, a dissociação e a perda de tempo. Existem duas formas de ser ninguém em nenhum lugar. Um é ficar congelado e incapaz de fazer algo espontaneamente por si mesmo. Outro, é poder fazer qualquer coisa com base em repertórios espelhados armazenados sem qualquer autoconsciência pessoal, sendo, no entanto, virtualmente incapaz de fazer algo complexo com consciência. E ainda há diferentes combinações de ambos (idem, 1994, p. 45).

Foi necessário um grande (auto)trabalho para expandir “seu mundo” e permitir-se existir ao mesmo tempo que o outro. Com as estratégias que desenvolveu e o auxílio de profissionais e amigos que encontrou, Donna pôde progressivamente realizar essa expansão. É em seu segundo livro, *Somebody Somewhere*, que Donna conta sobre sua abertura e as mudanças implicadas na sua vida, sobretudo após o lançamento do primeiro livro, *Nobody Nowhere*. Este foi uma bruta exposição de ‘seu mundo’, que a jogou ‘no mundo’, junto à sensação de não ter para onde voltar, ao mesmo tempo que foi possibilidade de abertura em direção ao outro:

Ao escrever a autobiografia, Willie, Carol e eu começamos a nos conscientizar de quem era cada um de nós e o que cada um de nós tinha vivido. Um eu deve ter um passado. O livro era o único lugar em que esse passado estava encadeado como um todo, mas foi um começo. (...) Mais que um livro, tinha sido um exorcismo. Escrever tinha sido como uma febre antes do despertar. (...) Havia pouca consciência do que estava sendo escrito. Não foi reescrito, revisto ou revistado (Williams, 1994, p. 20).

Em um trabalho gradativo de abandono de certos hábitos, controlado por regras impostas por ela mesma, Donna foi derrubando o muro que fazia fronteira entre esses dois mundos que não se tocavam e se permitindo sair do seu isolamento. Aprendendo a estar no mundo partilhado, confrontou-se com a ideia de abrir mão da “vida” que atribuiu aos objetos à sua volta. Para suportar tal mudança, cria exceções à nova regra: Carol e Willie, seu reflexo e o Cão Viajante e Urso Orsi, seus ursos de pelúcia, as manchas (partículas de ar), botões e rendas. Eram suas “pontes para o mundo externo” (Williams, 1994, p. 68), e mesmo se esforçando para aceitar suas memórias e habilidades como suas, e sabendo que não eram reais, eles lhe haviam dado o conceito de pertencimento. Aceitá-los, no entanto, como uma ponte para o mundo, implicou perder a coesão que eles lhe garantiam até então.

Esse lançamento de si em direção ao mundo é vivido com muitos momentos de intensa angústia, demandando dela diversas estratégias. Uma delas foi a criação de um mundo protegido na sua casa, onde a segurança era garantida pela ausência da sua língua materna, o inglês. Toda comunicação, TV, rádio, ou mesmo pensamentos, dentro da sua casa, passaram a ser em alemão; pensar e comunicar em inglês, só em ‘o mundo’. A segurança de utilizar uma língua que não era a sua estava no fato de que “não representava nenhuma expressão direta” dela mesma (Williams, 1994, p. 69).

Em seu embaraço com a linguagem, ela persegue diversas formas de tentar *compreender* esta, como um meio de expandir seu mundo para ‘o mundo’, indo desde a mera repetição, passando pela ânsia por devorar informações, chegando até a fazer graduação em linguística e a dominar diversos idiomas, trabalho que fez através da decantação da linguagem e de apoios concretos e visuais das palavras.

Em alguns momentos de angústia, diante do sentimento de dispersão corporal que sente e da fuga de sentidos, Donna se utiliza desse mesmo sistema para se reconectar a si: “O nome não tinha sentido. (...) Olhei para a superfície plana e fria ao meu lado e toquei. ‘Janela’, eu disse, nomeando isso, tentando obter as palavras para me conectar novamente (...)” (Williams, 1994, p. 155), e em outro momento: “bati na superfície dura debaixo da minha mão. *Splat*, disse a superfície. “Tijolos”, eu respondi” (idem, p. 199). Com a ajuda de amigos que a apoiaram nesse momento de mudanças, lhe foi possível uma reorganização.

No campo da comunicação, Donna, gradativamente, passa a buscar captar palavras-chave do que lhe era dito e impor um sistema a isso para buscar compreender. Esse árduo trabalho envolve sua busca de desconstruir a imagem do seu idioma como uma arma, por ameaçar sua contenção de emoções. O aprimoramento de seu sistema de linguagem, visando a comunicação, sobretudo através do seu interesse em estudar línguas, possibilita a Donna dar aulas de outros idiomas - que não o inglês -, lhe permitindo trocas.

Em uma das crises que ela vivencia nesse momento, por estar trabalhando em demasia, tanto subjetivamente, quanto com o lançamento de seu livro, Donna descreve suas dificuldades inerentes, não apenas com as emoções dos outros – que não distinguia ou reconhecia com clareza -, mas as suas próprias: “não havia tempo para que as emoções se registrassem no momento em que ouvi ou vi ou fui tocada pelas coisas”, de modo que, diz ela, “os sentimentos acabavam de ser empilhados na lavanderia para serem passados mais tarde. (...) Os maremotos eram minhas próprias reações tardias e fora de contexto” (Williams, 1994, p. 95). Suas definições para as emoções eram traduções, baseadas em definições de dicionário, perdendo nuances e equívocos aí presentes: “na matemática das pessoas, eu estava

em um estágio equivalente à contagem básica, e a adição e a subtração de números de um dígito” (idem, p. 106). Foi com a ajuda de amigos, imagens, escalas, balões de conversas e diagramas, que Donna começou a buscar compreender as emoções humanas.

A partir do seu trabalho subjetivo, junto à escrita e a arte, Donna sublinha o lugar da desconexão do seu corpo com a sua mente e a sua distinta percepção da realidade, na sua forma de existir. Suas dificuldades sensoriais extremas, aliadas à uma série de outros fatores de sua história, levaram-na a ter problemas para compreender o mundo e suportá-lo, ao que respondeu com a cisão de seu mundo, como testemunha: “Eu tinha sido como uma casa de cartas, sem vigas de suporte ou aterramento sólidos. Eu tinha tido um telhado que caía sobre mim o tempo todo e paredes que precisavam de uma reforma e fortalecimento constantes na ausência de estruturas de suporte” (idem, p. 116).

O autismo, diz Donna, tentava controlar quem ela parecia ser, lhe retirara o corpo, lhe roubara suas emoções. Por vezes, o autismo também a tornava tão consciente da presença dos outros que lhe sobrecarregava, fazendo-a sentir que não tinha individualidade, pois se perdia. Também podia fazer o oposto, e apagar o mundo ao seu redor, por torná-la demasiado consciente de si mesma. Seu trabalho para “simplesmente ser” implicou compreender que, embora “o sistema permaneça autístico” (Williams, 1994, p. 198), lhe era possível experimentar a sensação de ‘ser’, sem perder o controle. Por meio de suas estratégias, pôde se abrir mais ao mundo, progressivamente esvanecendo a divisão entre ela e o outro, mantendo limites e controles que agora eram mais conhecidos e maleáveis, chegando a construir um relacionamento e casar-se, além de trabalhar com a pintura, a escrita e ministrar palestras e consultorias em torno do autismo, até seus últimos anos de vida.

1.3 Daniel Tammet

Daniel Tammet é um inglês autista de alto funcionamento, “*nascido em um dia azul*” de 1979, como estampa o nome do seu primeiro livro. “Sei que era quarta-feira porque para mim essa data é azul, e as quartas-feiras sempre são azuis, como o número nove e o som de vozes discutindo (...)” (Tammet, 2006, p. 7), diz ele. Embora Tammet só tenha recebido o diagnóstico de Síndrome do Gênio Autista aos 25 anos, em 2004, por pesquisadores do Centro de Pesquisas sobre Autismo da Universidade de Cambridge, sua infância foi marcada pela epilepsia e por comportamentos atípicos.

Quando bebê, segundo seus pais, Tammet chorava em demasia, sem que abraços ou carinhos lhe acalentassem, parando apenas quando alimentado ou com a sensação de movimento (Tammet, 2006). Andou e falou com pouco mais de um ano; teve recorrentes infecções de ouvido e, aos dois anos de idade, batia a cabeça na parede repetida e ritmicamente. Aos dois anos e meio foi para um berçário, no qual se nota que, apesar de ter outros irmãos, ele não brincava com outras crianças. Muda de um bebê chorão para uma criança demasiado tranquila, absorta em seu mundo, apesar das dificuldades para dormir. Tammet tinha alimentação seletiva, reduzida a cereais, pão e leite. Além disso, não lidava bem com mudanças, acontecimentos inesperados ou imprevisibilidade: “uma manhã, a caminho da creche, meu pai decidiu mudar levemente o percurso” (Tammet, 2006, p. 30), conta ele, “para sua surpresa, comecei a uivar no carrinho. Não tinha sequer três anos e já havia aprendido de memória todos os detalhes do percurso entre minha casa e a creche” (idem). Brincava com coisas incomuns, como fazer uma moeda girar no chão, bater o sapato da mãe contra o chão porque gostava do som ou brincar com grãos de areia, pelos quais tinha fascinação.

Um encontro contingencial com uma série de livros infantis foi para Tammet o que criou um primeiro objeto autístico: “Meus livros de Mister Men e eu nos fizemos inseparáveis. Não saía de casa sem levar um” (idem, p. 32). Passava horas durante o dia e a noite observando seus livros, ficando tranquilo e feliz nesses momentos, pelo que, para seus pais, parecia a primeira vez. Através de seu interesse, seus pais se utilizaram dos livros para incentivá-lo a melhorar seus comportamentos, prometendo um novo livro - a série tinha 46 - para cada “dia inteiro sem birras” (idem, p. 32).

Daniel era uma criança solitária, que raramente falava se não se dirigissem a ele antes. Não gostava do toque, não brincava com seus irmãos e tinha muita sensibilidade a sons e movimentos inesperados, o que fazia com que quase sempre estivesse isolado, em “períodos de total absorção, como quando estudava concentradamente as linhas das palmas das minhas mãos” (idem, p. 39) como diz ele. Apesar de perceber sua diferença em relação às outras crianças, não se sentia só e “não abrigava nenhum desejo de fazer amigos” (idem, p. 36), pois não as considerava parte de seu mundo.

Para Tammet, havia muitas coisas difíceis de lidar no dia a dia: se perdia com facilidade por carecer de um senso de orientação; era extremamente rígido e inflexível com mudanças mínimas; tinha dificuldades em manter a concentração por longos períodos, assim como de se desconectar de ruídos ou estímulos ambientais que atrapalhavam seu foco; possuía

pouca coordenação motora de seu corpo e sentia certos estímulos sensoriais de maneira distinta, o que fazia com que atividades como escovar os dentes se tornasse muito doloroso.

Apesar de seu comportamento diferente, Daniel estudou em escola regular, ambiente difícil para ele que precisava de ordem, rotina e silêncio para sentir-se protegido e se concentrar, de modo que sentia frequentes dores na cabeça e estômago. “Eu achava muito difícil filtrar o ruído externo e costumava tapar os ouvidos com os dedos para poder me concentrar” (Tammet, 2006, p. 60). Tinha muitas obsessões como coleções diversas e interesses específicos, ante os quais se debruçava com total empenho.

Os números têm em sua vida um lugar de destaque: “são minha primeira linguagem, em que eu geralmente penso e sinto” (idem, p. 14). Desde que se recorda, sua percepção sinestésica e predominantemente visual afeta fortemente a forma como percebe o mundo da linguagem e dos números. Em sua mente, os números possuem cores, formatos, texturas, movimentos e sons, em combinações tão distintas quanto lhe são possíveis contar: “o número 1 é de um branco brilhante e luminoso, como se alguém focasse os olhos com uma lanterna”, diz ele; já “o 5 é como um trovão, ou como o som de ondas quebrando contra as rochas. O 37 é encarado como um mingau, enquanto o 89 me lembra a neve caindo” (idem, p. 9). A partir disso, os números, sobretudo os primos, se tornam para Tammet seu ponto de ancoragem, provendo-lhe segurança e felicidade em momentos de ansiedade, de modo que basta fechar os olhos, contar e caminhar pelas paisagens numéricas que visualiza sinestesicamente. Foi também através dos números que encontrou um meio de entender melhor as outras pessoas, uma vez que acha difícil compreender emoções alheias e reagir a elas. Assim, ele conta: “se um amigo me diz que se sente triste ou deprimido, me imagino sentado na obscura cavidade do número 6 para me ajudar a experimentar o mesmo tipo de sensação e assim compreendê-la” (Tammet, 2006, p. 14).

Utilizando-se desse funcionamento, já adulto, em 2004, Tammet ganhou atenção pública após recitar de cabeça, diante de um auditório, 22.514 decimais da constante matemática Pi (3,14...) no decorrer de 5 horas, batendo um recorde. Para isso, treinou por semanas caminhar pelas paisagens numéricas do ‘Pi’, que formavam um “país” em sua mente, composto inteiramente por números.

Na escola, cria um primeiro código próprio, obedecendo às regras do seu funcionamento:

(...) substituindo letras por números, por exemplo: ‘24 1 79 5 3 62’ cifrava a palavra: ‘DANIEL’. Nesse caso, combinava as letras do alfabeto: ‘ab’, ‘cd’, ‘ef’ (...) e concedia a cada

par um número de 1 a 13: $ab = 1$, $cd = 2$ (...). Logo, só precisava distinguir entre cada letra do par. O fazia adicionando um número aleatório se queria utilizar a segunda letra de cada par. Se não, simplesmente escrevia o número que correspondia o par a que pertencia a letra. Assim, '24' significava a segunda letra do segundo par: 'd', enquanto '1' representava a primeira letra do primeiro par: 'a'" (Tammet, 2006, p. 82-3).

Apesar de seu funcionamento especial com os números, Tammet conta que álgebra não lhe era fácil, uma vez que era “muito difícil utilizar equações que substituíam números – para os quais eu tinha uma resposta sinestésica e emocional – por letras, para as quais eu carecia de resposta” (idem, p. 124).

A sinestesia também afeta sua forma de perceber a linguagem. Aos oito anos aprendeu a escrever, desencadeando uma compulsão por fazê-lo, escrevendo histórias sem diálogos ou emoções, mas cheias de densas descrições. Estudava minuciosamente cada letra, ponto, palavra e separação, necessitando que estivessem perfeitas, o que lhe demandava muito tempo, sobretudo por sua dificuldade com a junção das letras. Esses momentos marcaram-no “com uma fascinação permanente pelas palavras e linguagem” (Tammet, 2006, p. 56), com as quais opera de maneira muito visual:

(...) podia visualizar todas as palavras na minha cabeça, me baseando na forma que tinham suas letras. Por exemplo, *dog* (cachorro) está composta por três círculos com uma linha ascendente na primeira letra e um laço descendente na última. O fato é que a palavra se parecem bastante com um cachorro se imaginamos que a língua ascendente é a orelha e o laço descendente a cauda. Da mesma maneira, os dois 'oes' em 'look' (olhar) me recordam um par de olhos (idem, p. 61).

Como também muito sensorial, como demonstra outro exemplo:

Por exemplo, o termo *ladder* (escada de mão) é azul e brilhante, enquanto *hoop* (aro) é macio e branco. O mesmo acontece com palavras em outros idiomas: *jardin*, palavra francesa, é de um amarelo difuso, enquanto que *hnuggin* – triste, em irlandês – é branco, com muitas manchas azuis (idem, p. 17).

A partir de seu contato com outros idiomas, ficou fascinado por aprendê-los, destacando esse interesse a partir da sonoridade particular de um, as curvas das letras de outros, chegando a aprender dez idiomas fluentemente, por meio dos quais construiu uma forma de se manter profissionalmente na vida adulta.

Foi sobretudo na escola, aos 10 anos de idade, que Tammet começou a se dar conta de suas diferenças e de sua solidão, criando assim seus próprios amigos. Um deles se chamava Anne, uma senhora de mais de 100 anos, alta, vestida em uma grande capa azul, que lhe

escutava falar longamente sobre temas existenciais, sem interrompê-lo, e que sempre lhe dizia coisas tranquilizadoras.

Olhando para o passado, posso afirmar que Anne era a personificação da minha sensação de solidão e incerteza. Era um produto dessa parte de mim que queria lidar com minhas limitações e começar a se liberar delas. Ao liberá-la tomei a dolorosa decisão de tentar achar meu caminho para um mundo mais amplo no qual eu pudesse viver (Tammet, 2006, p. 94).

Em sua elaboração posterior desse período, conta que não compreendia o propósito de se manter uma conversa, pois não sabia o que falar, nem o que fazer. Conversar, para ele, se resumia a falar sem parar sobre um assunto de seu interesse particular, detalhando-o a ponto de esgotar o tema, sem interrupções e pausas que permitissem um diálogo. Olhar para o outro e escutá-los demandava muito esforço, sentindo-se “como se estivesse tentando sintonizar com uma emissora de rádio em particular e que muito do que dizem entra e sai da minha cabeça como se houvessem interferências, sem acabar de entender” (Tammet, 2006, p. 89). Mesmo depois de adulto, Tammet vivencia esses impasses, tendo dificuldades para relacionar frases entre si para entender uma situação relatada, responder frases que não adotam a forma correta de uma pergunta, as quais ele tende a receber como informações, dificuldades de usar a linguagem de maneira social, com termos coloquiais, e ainda, de lidar com o “efeito dominó” ou “efeito cascata” das imagens que aparecem em sua mente ante o que escuta:

(...) quando escuto o nome Ian, aparece espontaneamente na minha cabeça uma imagem mental de alguém a quem conheço que tem esse nome, sem que tenha pensado nele. Logo, a imagem pula para uma em que conduz sua Mini, que por sua vez faz com que eu recorde várias cenas do filme clássico O trabalho italiano. A sequência dos meus pensamentos nem sempre é lógica, mas aparece como uma forma de associação visual (idem, p. 90).

A partir da adolescência, o sentimento de solidão passou a lhe assolar de maneira ainda mais intensa, mas sua falta de habilidade para compreender emoções o levava a ações que afastavam ainda mais os outros. Sentindo a necessidade de estar perto de alguém, mas sem compreender o conceito de espaço do outro, aproximava-se de qualquer pessoa até sentir o calor de seus corpos, o que as assustava e afastava. Nessa fase, começou a se sentir atraído por outros meninos e se apaixonou pela primeira vez.

Uma de suas estratégias para aplacar a solidão nesse período consistiu na criação de seu próprio idioma, sonho que alimentara por muito tempo e que se baseava na “delícia que experimentava com as palavras” (idem, p.191):

Chamei meu idioma de ‘mänti’, da palavra finlandesa mänty, que significa ‘pinheiro’. (...) Muitas das palavras mänti são de origem escandinava ou báltica. Essa é outra razão do nome: os pinheiros só crescem juntos e em grande número, e simbolizam amizade e comunidade. O

mänti é um projeto em desenvolvimento com uma gramática desenvolvida e conta com um vocabulário de mais de mil palavras” (Tammet, 2006, p. 191).

Tammet faz do mänti a “expressão tangível e comunicável do meu mundo interior” (Tammet, 2006, p. 192), criando as palavras a partir das cores e texturas que experimenta sinestesticamente e do seu ‘dom de línguas’:

Em mänti, tento conseguir que os termos reflitam as relações entre coisas distintas: hamma (dente) y hemme (formiga, um inseto mordedor), ou rât (cabo) e râtio (rádio), por exemplo. Algumas palavras contam com vários significados relacionados: puhu, por exemplo pode significar ‘vento’, ‘respiração’ ou ‘espírito’. Em mänti existem muitas palavras compostas: puhekello (telefone, literalmente ‘falar-sino’), ilmalâv (avião, literalmente espaço- nave), tontöo (música, literalmente ‘arte tonal’) e râtälö (parlamento, literalmente ‘lugar de discussão’) e outros exemplos.(...) Quando penso ou falo em mänti, sinto como se pintasse em palavras (idem, p. 192).

Ao fim da escola, decidi não fazer faculdade e resolveu buscar maior abertura para o mundo. Com a aposta e apoio de seus pais, foi para a Lituânia dar aulas de inglês, onde faz diversas amizades que o auxiliam a perceber melhor suas diferenças e como afetavam sua vida e suas interações. A partir de sua própria necessidade de vencer suas barreiras, Daniel se apoia no seu interesse por línguas para construir sua profissão e ter maior abertura para o mundo. Em 2000, conhece Neil, seu marido, com quem vive até hoje, junto de suas gatas de estimação: “decidimos ali mesmo que fomos feitos um para o outro. Era o princípio de algo importante. Não custou a Neil me aceitar como eu era” (idem, p. 164).

Com o apoio de Neil, Tammet investiu na ideia de criar um website educativo que oferta cursos de idiomas, de modo a ter sua independência financeira podendo trabalhar em casa, sem ter que lidar com a ansiedade de ambientes que não pode controlar. “*Optimnem*” é um projeto baseado no fascínio de Tammet pelas línguas e na sua maneira de perceber o mundo, apostando que este pode ser válido para o aprendizado de outras pessoas:

Queria criar cursos que refletissem minhas próprias experiências pessoais como estudante autista. (...) As lições evitam linguagem técnica do tipo ‘nominativo’ e ‘genitivo’ ou ‘conjugação verbal’, e no lugar disso tentam explicar como mudam as palavras, dependendo por exemplo de sua situação em uma frase, mediante uma linguagem simples e clara (Tammet, 2006, p. 170).

Ele se baseia, portanto, na sua relação com os idiomas, que é bastante estética, sensorial e visual. Em suas particularidades com a linguagem, Tammet descreve a importância da ancoragem visual para sua compreensão das palavras, sendo-lhe particularmente difícil compreender palavras abstratas, expressões idiomáticas ou outras como:

(...) quando uma frase começa com ‘Você não...?’, como em ‘Não lhe parece que deveríamos ir agora?’ ou ‘Você não gosta de sorvete?’. Me confunde muito e me dói a cabeça, quando não está claro o que a pergunta quer dizer; ‘Você gosta de sorvete?’ ou ‘É verdade que não quer um sorvete?’; é possível responder as duas perguntas com ‘si’, e não gosto que a mesma palavra tenha dois sentidos totalmente diferentes” (Tammet, 2006, p. 183).

Assim, através do “*Optimnem*”, Tammet inventa um fazer com suas limitações, abraçando sua forma singular de apreensão da linguagem como algo que pode ser benéfico para outros:

Por exemplo, utilizar cores distintas para apontar as palavras como substantivo, verbo ou adjetivo pode proporcionar uma introdução da gramática simples e eficaz. Do mesmo modo, nos cursos de idiomas que escrevo para minha página web, o vocabulário novo aparece com as letras das palavras em tamanhos distintos, o que ajuda a proporcionar a cada termo uma ‘forma’ única. As letras com baixa frequência, como q, w, x ou z se escrevem pequenas, enquanto as de frequência intermediária como b, c, f ou h, aparecem em um tamanho normal. As de alta frequência (vogais e consoantes como l, r, s, ou t) são maiores. Assim, a palavra alemã *zerquetschen* (esmagar) se apresenta como *zerquetschen*; a palavra francesa *vieux* (velho) como *vieux*, e a espanhola *conozco* como *conozco*” (Tammet, 2006, p. 248).

2. Especificidade do Autismo: uma outra estrutura

2.1 Para o DSM, o TEA

O que popularmente recebe o nome de autismo tem uma longa história de classificações e reformulações, desde que foi isolado por Léo Kanner na década de 40. Sua classificação foi reconhecida oficialmente pela Associação Americana de Psiquiatria em 1980, quando foi integrada ao DSM-III, deixando de estar sob a rubrica da psicose¹⁴. Na Classificação Estatística Internacional das Doenças (CID-10), autismo e Asperger, diferenciados, integram a categoria dos Transtornos Globais do Desenvolvimento, fixado no código F 84. Dele, derivam: Autismo Infantil F 84-0; Autismo Atípico F 84-1; Síndrome de Rett F 84-2; Outro transtorno desintegrativo da infância F 84-3; Transtorno com hipercinesia associada a retardo mental e a movimentos estereotipados F 84-3; Síndrome de Asperger F 84-5; Outros Transtornos Globais do Desenvolvimento F 84-8; Transtorno Global do Desenvolvimento não especificado F 84-9 (Pimenta, 2018).

¹⁴ No campo do DSM, o autismo em seus primórdios foi considerado sintoma da esquizofrenia, emergindo enquanto categoria “Transtorno do Espectro Autista (TEA)” apenas no DSM V, com a finalidade de estabelecer uma “linguagem comum”, globalizante. Cf. Mas (2018).

A mais nova classificação, lançada pelo DSM-V em 2013, passou a adotar uma categoria globalizante denominada “Transtorno do Espectro Autista” (TEA), englobando “transtorno autista”, “síndrome de Asperger” e “transtorno global do desenvolvimento”, justificada por um ‘continuum’ de prejuízos que variam em intensidade (American Psychiatric Association, 2014) baseados nos estudos de Lorna Wing (Pimenta, 2018). A finalidade dessa mudança é estabelecer uma ‘linguagem unificada’ para fortalecer a psiquiatria no campo das psicopatologias infantis, mediante crescente influência da farmacologia e das neurociências (Mas, 2018).

Segundo essa classificação, os critérios diagnósticos do TEA englobam: (a) prejuízos na comunicação e interação social em múltiplos contextos; (b) manifestação de (pelo menos dois) padrão de comportamento repetitivo e restritivo de interesses ou atividades, como fala ou movimentos estereotipados, inflexibilidade de rotina, padrões ritualísticos, interesses restritos, hiper ou hiporreatividade à estímulos ambientais/sensoriais; (c) presença dos sintomas no início do desenvolvimento da criança; (d) prejuízos significativos no funcionamento social, ocupacional ou em outras áreas, provocados pelos sintomas; (e) os sintomas citados anteriormente não são bem explicados pelo transtorno do desenvolvimento intelectual ou atraso global do desenvolvimento. A autonomia está na base da definição da severidade dos casos, decompostos em três: “(1) *exigindo apoio*, classificado como ‘leve’; (2) *exigindo apoio substancial*, designado como ‘moderado’; (3) *exigindo apoio muito substancial*, qualificado como ‘grave’” (Pimenta, 2018, p. 118).

O diagnóstico médico é clínico e, segundo Teixeira (2016), não é ajudado por exames de imagem, mas por uma avaliação e rastreamento do desenvolvimento da criança, podendo ser auxiliado por escalas padronizadas, a exemplo da Escala de Avaliação do Autismo na Infância (CARS), Lista Modificada para Autismo em Crianças Pequenas (M-CHAT), Lista de Comportamento Autista (ABC) e Perfil Psicoeducacional Revisado (PEP-R)¹⁵.

Segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria (2019), o TEA tem origem nos primeiros anos de vida e costuma ser observado em crianças muito pequenas, havendo desde bebê atrasos relacionados ao comportamento social, não assumindo postura antecipatória e podendo haver indiferença ao afeto; no entanto, sua trajetória não é uniforme, observando-se também o início normal do desenvolvimento e posterior interrupção, entre os 12 e 24 meses, dando início a uma regressão em habilidades já adquiridas, chamado autismo regressivo. Suas causas são desconhecidas, mas apontam forte ligação com fatores genéticos associados à

¹⁵ Cf. Teixeira (2016) para mais informações.

fatores ambientais; admite-se nas mais diversas etnias, raças e todos os grupos socioeconômicos. No mesmo campo de incertezas, até o momento, não existe cura para o TEA.

Além disso, alguns transtornos podem ainda ser associados ao TEA, como deficiência intelectual - que atinge 30% dos casos (Sociedade Brasileira de Pediatria, 2019) -, bem como transtorno obsessivo compulsivo, transtornos de humor, epilepsia, transtorno de ansiedade generalizada, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (74% dos casos), dentre outros (idem).

Para a Sociedade Brasileira de Pediatria (2019) o tratamento padrão-ouro para autismo é a intervenção precoce, que envolve as seguintes modalidades terapêuticas: Modelo Denver de Intervenção Precoce para Crianças Autistas, Estimulação Cognitivo Comportamental baseada em ABA, Coaching Parental, Comunicação suplementar e alternativa como o PECS (Sistema de Comunicação por Troca de figuras), Método TEACCH (Tratamento e Educação para Crianças Autistas e com outros prejuízos na comunicação), Terapia de Integração Sensorial, além de equipe interdisciplinar, intervenções dietéticas e tratamento medicamentoso para controles de sintomas.

2.2 Para a psicanálise, o sujeito autista

2.2.1 Autismo e Psicose

Na psicanálise de orientação lacaniana, a especificidade do diagnóstico diferencial consiste em uma distinção estrutural a partir dos modos de defesa do sujeito diante do encontro traumático com a linguagem. Com isso, na impossibilidade de existência de uma realidade sem discurso, não há estrutura que não seja de linguagem. A partir dessas modalidades de defesa, a saber, recalque, forclusão e denegação, três classes foram daí derivadas e definidas em estruturas clínicas: neurose, psicose e perversão, respectivamente. Essa classificação, no entanto, se distingue da psiquiátrica. Enquanto esta última funciona de modo predominantemente descritivo, buscando equivaler o sujeito à determinada classe psicopatológica, de modo a encaixá-lo em uma categoria diagnóstica universal, a psicopatologia lacaniana, ao formular a lógica das relações entre real, simbólico e imaginário, sem abandonar a classificação estrutural, dá um tratamento distinto ao impasse entre o universal e o particular (Vorcaro, 2018a). Suas classes paradoxais sustentam a tensão entre o

que é singular do caso e o universal com os elementos do grupo, na medida em que há algo nestes que, ao mesmo tempo que aproxima e coloca em relação com os outros elementos, também comporta algo de inagrupável, escapando à universalização e franqueando a emergência do sujeito (Milner, 1996).

O autismo não foi um tipo clínico assinalado por Freud ou Lacan em suas classificações, mas o aumento expressivo dos casos¹⁶ nas últimas décadas pôs a psicanálise a trabalho, na medida que as modalidades específicas do autismo perturbam a vigência dessas estruturas e se descola das mesmas (Vorcaro, 2019), levantando a questão de sua localização como uma estrutura específica ou como subestrutura da psicose. Essa aproximação da psicose tanto tem terreno na psicanálise (Lefort, 1980/1995), quanto está imbricada no DSM com a exclusão da rubrica da psicose infantil e sua aglutinação ao espectro do autismo.

Nessa querela, Álvarez (2014) é um psicanalista que toma a posição do autismo como uma psicose desencadeada muito cedo, o que faria obstáculo a estruturação subjetiva; segundo ele, no entanto, dependendo da suplência que se realize, um enodamento poderia ser feito, permitindo a continuação da estruturação subjetiva. Miller (2012a), no livro *A psicose ordinária*, endossa essa posição, asseverando o autismo como “uma falta radical de qualquer processo primário de simbolização. É a falha de *Bejahung* primordial que poderia corresponder ao desencadeamento” (Miller, 2012a, p. 43), de modo que seria uma “escolha da psicose em seu polo extremo” (idem, p. 45). Tratando de um caso de autismo secundário ou regressivo, ele aponta aí um “desencadeamento de uma psicose cuja expressão sintomática é autística” (idem, p. 43), aos seis meses de idade do “pequeno Noël”. Tal posição, a nosso ver, carrega incongruências e problemas teóricos diversos, acerca de como haveria desencadeamento num sujeito “inconstituído”, além de nos levar a questionar se, na infância, seria possível falar de estrutura subjetiva constituída.

É ante essa questão que os Lefort, na década de 80, diante do encontro de Rosine com o caso Marie-Françoise, criança de 30 meses, é levada a aposta de que, para essa criança, o Outro não existe, consistindo em um fracasso da estrutura (1980/1995). Em suas palavras:

A estrutura com a qual o sujeito afeta seu corpo é só um efeito do significante que se articula com o Real do próprio corpo. Sem articulação entre o Real o significante, cada um deles isolados, por sua conta, não pode formar uma estrutura, como mostra Marie-Françoise. A psicose é a a-estrutura (Lefort, 1980/1995, p. 381).

Apesar de situar o autismo, inicialmente, no campo das psicoses, entre o *O Nascimento do Outro*, que é sua primeira grande publicação sobre o tema, e *A distinção do*

¹⁶ Embora questionemos esse aumento a partir da querela diagnóstica do DSM-V, é evidente que a questão está mais pronunciada hoje.

Autismo, de 2003, os Lefort contribuíram com grandes considerações teóricas em torno da clínica da infância e, sobretudo, dos sujeitos autistas, abrindo importantes questões no campo teórico-clínico psicanalítico. Neste último livro, dão um passo distinto ao trazer como questão pertinente a localização de uma “estrutura autística” (Lefort, 2003/2017, p. 11), que “viria em quarto lugar entre as grandes estruturas: neurose, psicose, perversão, autismo” (idem, p. 11-12).

Interrogados acerca do que diferencia o autismo da esquizofrenia, segundo eles, a entrada na esquizofrenia comporta uma dissociação entre mundo exterior e interior, uma *Spautung*, cuja predominância do mundo interior levou Bleuler a nomear “autismo” como um sintoma predominante da esquizofrenia (Lefort, 2003/2017). Isso não é o mesmo que equivaler ambos. O autismo, além de se manifestar muito cedo na vida do *infans* e de não apresentar delírio, também difere da esquizofrenia em sua evolução, a qual se apresenta em picos alternantes, diferente da constância que caracteriza o autismo.

Considerando as distintas modalidades de defesa, que franqueiam o balizamento das estruturas e que são exercidas a partir da operação das leis da linguagem, mediante as quais a forclusão dos significantes fálicos localiza os mecanismos da psicose, os Lefort levantam a questão: Há forclusão no autismo?

“Certamente há forclusão” (Lefort, 2003/2017, p. 51), porém, esta pode dizer respeito a dois níveis distintos: “a função forclusiva da *Bejahung* que interessa ao julgamento de atribuição e, secundariamente, a *Verneinung*, o julgamento de existência, o que dá a abertura fundamental para o registro simbólico” (idem, p. 51). Embora mantenham a questão aberta, apontam no autismo, uma ausência da função forclusiva. Enquanto na psicose há falha em significantizar a relação com o Outro e o objeto, que apesar disso, estão em questão na estrutura, no autismo, segundo sustentam os Lefort, não há Outro e não há objeto. Desse modo, enquanto na psicose, o Outro goza do sujeito, no autismo, é o sujeito que goza, e este gozo de que se trata é de destruição, apenas pulsão de morte (Lefort, idem). Estando fora da alienação significativa, neste último não há, para os autores em questão, objeto *a*, nem S_1 .

Essa posição, no entanto, possui entraves teórico-clínicos que levantam a necessidade de maior investigação. Vorcaro (2019) aponta, de partida, um problema teórico na antinomia dos termos estrutura e ausência do Outro, na medida em que a noção de estrutura da psicanálise é a linguagem.

Por outro lado, a ausência do Outro se sustenta na consideração de uma forclusão da forclusão, ou seja, a radical forclusão relativa à ausência da função forclusiva necessária à afirmação (*Bejahung*), em que impera o excesso de real impossível de ser negativedo. Essa ausência do

Outro localizaria o autismo em exterioridade ao sujeito, o que se contraporía a toda abordagem psicanalítica de que o ser humano habita necessariamente a linguagem, mesmo que não fale (Vorcaro, 2019, p. 7).

Respondendo a essa questão, segundo a autora, no autismo não se trata de ausência do campo da linguagem, “mas de ausência de enodamento da linguagem à pulsão, implicadas na incorporação da linguagem, pelo ser” (idem, p. 7), de modo que o autista é afetado pelo campo imposto pelo Outro, sem que, no entanto, o tome como referente privilegiado.

Situando, de antemão, que não se trata de uma hipótese propriamente dita, mas tão somente de uma *articulação do problema*, Vorcaro (2019) parte da consideração lacaniana da *Verwefung* como operação constitutiva de todo sujeito (Silveira & Vorcaro, 2016), franqueada no esboço do aparelho psíquico, retornando a Freud e sua leitura por Lacan, para situar, na função psíquica do pensar que implica o julgamento, uma distinção constitutiva entre a psicose e o autismo. Segundo ela, mesmo que não seja suficiente recorrer apenas às descrições freudianas para situar o autismo, podemos tomar essas hipóteses como ponto de partida:

Da minha clínica com autistas, eu apuro que o organismo neonato foi afetado pela linguagem, franqueando o juízo de atribuição em que a negação específica que suspende, isola e anula o desprazer comparece em contraste com a afirmação que admite, assimila e incorpora o prazer, conforme explicitados no cuspir/engolir salientado por Freud (1925/2016) (Vorcaro, 2019, p. 10).

Antes de um aparelho psíquico propriamente constituído, o neonato está submetido a uma série de estímulos, endógenos e exógenos. Está em jogo, em um momento primitivo da vida desse ser, um Eu-real, responsável pela conservação do organismo e matriz de uma primeira diferenciação do mundo interno-externo (Silveira & Vorcaro, 2016) em que o interno equivale ao que é prazeroso, enquanto o mundo externo é equivalente ao indiferente (Vorcaro, 2019). Nesse momento, não são guardados vestígios do que é percebido pelo organismo. O acúmulo de tensão, sentido como desprazer, quando proveniente de fontes exógenas é eliminável pela ação muscular do choro ou grito; aqueles provenientes de fontes endógenas, necessidades pulsionais, no entanto, ao não serem satisfeitos autoeroticamente, necessitam da ação específica de um agente externo (Silveira & Vorcaro, 2016).

Desse Eu-real, deriva um Eu-prazer purificado, que põe em ação o mecanismo de incorporação ao Eu daquilo que é sentido como prazeroso, e o que é desprazer é rechaçado, expelido como estranho, hostil. A partir de Freud (1896/1995) e Lacan (1959-60/1997), Vorcaro (2019) assinala que é esse o primeiro sistema a registrar as sensações, assimiladas pelo ritmo, por uma constância de reaparição que marca um *gap* entre tensão-apaziguamento,

que “inapreensível, trata-se, nessa constância, do surgimento da dimensão do *real*” (Vorcaro, 2019, p. 12). É a partir desse primeiro registro que se franqueia uma função de referência pelo agente do Outro, ainda que irrepresentável, mas que dá garantia de existência ao bebê (idem).

Esse primeiro sistema de distinção dos objetos que distingue um Eu de um não-Eu, opera, no entanto, sem fazer diferença entre o que é mau, estranho ou externo, já que se orienta pelo puro prazer e, o que não é prazeroso, é cuspidor. Decidir se uma coisa tem certa característica ou não, depende do Eu operar um primeiro julgamento de atribuição, no qual o que é bom é aproximado do Eu e o que é ruim, é repellido. Aí estão em jogo duas faces da mesma operação: a incorporação pela afirmação (*Bejahung*) “de um primeiro corpo de significantes” (Vorcaro, 2019, p. 18), que formará um sistema de representações significantes; e a expulsão (*Ausstossung*) daquilo que é não-Eu, o “fora como real exterior, um fora demarcado no interior, a Coisa (*das Ding*), impossível e perdida para sempre no sumidouro do inconsciente” (Vorcaro, 2019, p. 18). Outro e Coisa, real e simbólico, são aí separados e demarcados (idem).

Essas operações, por formarem as primeiras modalidades de simbolização, permitem regular a atividade do organismo e os excessos que o atingem. Se, primeiramente, sua via de regulação da economia era a descarga, esta, ao atrair uma ação específica, proporciona uma vivência de satisfação por meio do apaziguamento das tensões. “O resultado dessa vivência é a de uma facilitação na condução nervosa, que se faz entre a *percepção do objeto* que satisfaz e a *imagem de movimento* que lhe é correlativa” (Vorcaro, 2019, p. 14). Desse modo, com o reaparecimento de um estado de urgência, há uma reativação da imagem recordativa desse objeto de satisfação que se interpõe no automatismo do arco-reflexo, com o objetivo de manter a homeostase. “Essa reativação ocasiona algo idêntico a uma percepção, equivalente a uma *alucinação*” (idem, p. 14), que funciona se sobrepondo à realidade, na medida em que o aparelho psíquico conduz o organismo a crer perceber o objeto de satisfação. “O mundo da percepção depende dessa alucinação fundamental sem a qual não haveria nenhuma atenção disponível” (Lacan, 1959-60/1997, p. 69).

A inibição desse processo alucinatório é efetivada a partir da formatação de um novo estado do aparelho psíquico, o Eu-real definitivo, que ocorre por meio de uma operação que franqueia critérios de diferenciação entre a percepção e a recordação, um teste de realidade: o juízo de existência (Freud, 1911/2010; Vorcaro, 2019). Tratando-se de evitar a decepção provocada pela alucinação, que não leva a satisfação efetiva, o aparelho psíquico retém uma parcela de energia para voltar sua atenção ao mundo externo em busca de um signo de realidade. Com isso, busca saber se algo presente no Eu como *representação*, enquanto

recordação, pode também ser reencontrado na *percepção*: “Agora, não se trata mais de saber se algo percebido (uma coisa) deve ou não ser acolhido no Eu mas se algo presente no Eu como representação pode também ser reencontrado na percepção (realidade)” (Freud, 1925/2016, p. 307-8).

A instalação desse teste de realidade dá lugar a função psíquica do pensar, no sentido de que o reencontro buscado é do objeto primordial do complexo perceptivo que, no entanto, está perdido (Vorcaro, 2019). Remete à função representativa, instaurada justamente pela perda do objeto, sendo somente reprodução singular de uma percepção anterior. Esse princípio de realidade é o que limita a intensidade da satisfação, a qual dependerá da diferenciação entre o que a alucinação representa como aquilo que *teria sido* o primeiro objeto de satisfação – que não se trata da coisa, propriamente dita. Assim, apesar da busca do inconsciente pela identidade das percepções, o identicamente idêntico sempre faltará (Vorcaro, 2019; Lacan 1961-2/2003).

Das primeiras experiências de prazer vividas pelo neonato, primeiros registros seriam forjados, marcas provenientes de sensações que, embora indiscerníveis, são garantidoras da existência do ser pela sua constância de reaparição. Das variações dessas vivências, um resíduo comum seria decantado, resultando no traço que Lacan denomina unário (Lacan, 1961-2/2003), traço que “testemunha o núcleo incapturável do objeto de satisfação, mas não tem qualidades nem atributos. É o simples traço distintivo de algo ausente, traço vazio que, doravante poderá suportar qualquer existência” (Vorcaro, 2019, p. 4). O traço unário é a marca da alteridade no corpo, por realizar a inscrição da perda como representação, instaurando assim o registro simbólico (Silveira & Vorcaro, 2016), visto que é desse apagamento que o primeiro significante (S_1) advém, substituindo o traço e, ao mesmo tempo, apagando-o, negando-o. Esse apagamento, contudo, não o extingue, franqueando “a remissão a uma perda incapturável, no entanto passível de ser imaginarizada na temporalidade do futuro anterior: terá havido um objeto de satisfação plena” (Vorcaro, 2019, p. 4); desse modo, o sujeito está marcado por uma presença-ausente que pressupõe a impossibilidade de satisfação, e está suportado justamente por esse vazio do traço enquanto real negativado (Vorcaro, 2019).

Nessa medida, faltará sempre a reaparição de um significante que responda ao traço original, pois tais marcas só são ligadas de forma significante, fazendo com que o sujeito só possa percebê-las em sua diferença (*idem*).

O reconhecimento do primeiro objeto de satisfação é o primeiro objeto prazeroso, hostil e o único a poder auxiliar o neonato. Caso o *próximo* seja objeto da percepção (FREUD,

1995/1895, p. 44), este se configura como um complexo perceptivo decomponível em uma estrutura constante (que permanece reunido como Coisa [*das Ding*] inassimilável) e o que é compreendido através do trabalho recordativo (rastreável até uma notícia do próprio corpo) (idem, p. 16).

Apesar de inassimilável, *das Ding* é também referência e orientação para o sujeito, por funcionar como índice de realidade, já que é em seu entorno que se organizam as representações. Sendo seu núcleo um fora-do-significado (idem), tais representações dependem de qualidades e atributos, que são variáveis, e que por isso orientam seus movimentos e ligações. As representações (*Vorstellung*) atraem umas às outras a partir de trilhamentos que remetem à associação da cadeia significativa, e sua modulação em combinações distintas em deslocamentos e condensações, constituem-nas como representante da representação (*Vorstellungrepräsentanz*), que tem a estrutura do significante (Vorcaro, 2019).

A operação que intervém na psicose, a forclusão (*Verwerfung*), segundo Vorcaro (2019), que seguimos até aqui, é distinta da *Ausstossung*, expulsão primordial da Coisa, em jogo no juízo de atribuição, na medida em que a forclusão “se refere a um fragmento da bateria significativa, introduzido no sujeito pela afirmação [*Bejahung*]” (idem, p. 18). Essa negação, portanto, implica primeiro a afirmação desse corpo de significantes que, no entanto, dessa inscrição inaugural, os traços mnêmicos percebidos não passam à representação significativa, retornando ao sujeito como real.

Por outro lado, a criança autista, segundo sua argumentação, teria “acessado uma primeira distinção em que algo da sensação de satisfação se afirmou decantado em traços mnêmicos que mantêm atributos da vivência de prazer” (Vorcaro, 2019, p. 10), de modo a poder distinguir um dentro e fora e localizar-se em um ‘aqui’, distinto de um ‘ali’, que franqueia e atesta algo de uma inscrição simbólica primária. No entanto, não entra em jogo a transcrição dos traços mnêmicos como traço unário, não havendo perda de objeto e, por consequência, não há instauração de uma função representativa.

Vorcaro (2019) conclui que “sendo impossível lidar com semelhanças e dessemelhanças implicadas no semblante dos representantes da representação, o autista se mantém no plano do juízo de atribuição” (idem, p. 10), na medida em que não conta com o traço vazio do objeto perdido, mas sim com traços consistentes “que busca reencontrar em sua iteração” (idem, p. 10). Desse modo, a imutabilidade testemunhada pela clínica do autismo seria essa busca de encontro de uma identidade perceptiva que, no entanto, é impossível, franqueando uma matriz de funcionamento segundo uma relação biunívoca, que tenta fazer o

juízo de existência a partir de um traço carregado das sensações de prazer capturadas, e não a partir do traço unário distintivo, que seria esvaziado, rasurado (idem). Assim, a autora propõe um *mecanismo de neutralização global da realidade*, ou mesmo a *exclusão ativa da realidade* que opera no autismo, incidindo no julgamento de existência. Segundo ela (Vorcaro, 2019), “é o que seu recurso ao signo esclarece, ao só admitir uma circulação recíproca e imediata em equivalência, absorvendo e exilando a criança das partilhas simbólicas” (p. 11). Considerando a fixidez da relação que o signo estabeleceria, ou seja, a biunivocidade entre referentes, a autora sustenta que a insuficiência da alucinação primária não pode ser equacionada com novos elementos diferenciais pois, no autismo, os ditos signos de percepção freudianos (WZ) mantêm o estatuto de marcas de sensações, sem se decantarem como traço unário vazio (que assim inaugura a perda do objeto de satisfação e franqueia sua substituição diferencial) no primeiro extrato da memória, tornando insuportáveis as experiências de desencontro entre o registro dessas marcas e o que se apresenta em permutação que, mesmo tendo algo em comum com a marca, é sempre distinto desta. Assumindo essa posição, sua defesa é que o autismo é uma quarta estrutura dentre as outras e não uma subestrutura da psicose.

Ainda seguindo essa trilha em relação à psicose, em “Por que a hipótese de uma estrutura autística?”, Maleval (2015) sustentará alguns elementos diferenciais do autismo em relação a psicose. Aponta: a ausência de delírio e a presença de certo onirismo diurno, o qual deve ser distinguido de um automatismo mental; a impossibilidade de considerar alucinações como critério diferencial, por se apresentar em diversos sujeitos na clínica infantil; o fato de, diferentemente das psicoses, o autismo não desencadear, estando presente desde o nascimento ou idades muito precoces; além do ponto de que autismo evolui na direção do autismo, ao contrário do que muitos teóricos sustentaram, apontando vias de “psicotização” do autismo (Belaga, 2007). Além desses pontos, Maleval (2015) também destaca a diferença entre os escritos dos autistas e psicóticos: enquanto os primeiros escrevem “para se fazerem reconhecer como seres inteligentes e para demandar uma melhor consideração de sua diferença” (idem, p. 8), a escrita dos psicóticos, em geral, não têm um caráter reivindicativo por outros psicóticos, muitas vezes renegando esse diagnóstico, e escrevem para relatar grandes feitos que acreditam ter realizado ou descoberto.

2.2.2 Uma quarta estrutura

Como vimos anteriormente, apesar das controvérsias, sólidas são as bases argumentativas que sustentam a distinção entre o autismo e a psicose, além das outras estruturas, perversão e neurose. Tal raciocínio nos leva a defender aqui o autismo enquanto funcionamento subjetivo singular, que configura um modo de estruturação frente ao laço social. Contudo, mantemos o enigma em torno de tal definição, advertidas que, apesar da intensa produção dos psicanalistas nos últimos anos, cernir de forma contundente seu funcionamento ainda é muito complexo. Dentre as razões dessas dificuldades estão os diferentes graus de severidade dos casos; a ainda baixa publicação tanto de sucessos quanto insucessos clínicos; a incipiência de estudos acerca das diferenças entre autismo primário e secundário; as dificuldades diagnósticas inerentes à clínica psicanalítica com crianças que, muitas vezes, não diferencia manifestações autísticas de estrutura autística; além, dentre outras, das dificuldades em discernir o diagnóstico psicanalítico do diagnóstico psiquiátrico do DSM.

Como apontado pela Sociedade Brasileira de Pediatria (American Psychiatric Association, 2019), há casos de autismo em que sintomas sugestivos são evidentes antes do primeiro ano de vida da criança, como, por exemplo: não se voltar para sons, ausência de sorriso social, baixo contato ocular, preferência por objetos e pouca atenção à face humana, pouca ou nenhuma vocalização, não aceitar o toque, fixação em estímulos sensório-viso-motores, imitação pobre, distúrbios do sono, irritabilidade, dentre outros. Já em outros casos, estudos evidenciam crianças de 6 meses cujo desenvolvimento se encontrava dentro do esperado para a faixa etária e que passaram a apresentar diferenças consideráveis nos comportamentos sociais e comunicativos próprios da idade por volta dos 12 e/ou 18 meses (American Psychiatric Association, 2019). O psiquiatra Gustavo Teixeira (2016) endossa tal descrição, apontando as características de bebês com autismo e, por outro lado, bebês cujo desenvolvimento é inicialmente “normal (...) mas de repente esse processo é interrompido e a criança começa a regredir em seu desenvolvimento social” (Teixeira, 2016, p. 41-42).

Esses dados, apesar de sua grande relevância, não são muito explorados no campo psicanalítico. A despeito da gênese do autismo, “o fato de que um indivíduo tenha um acometimento em seu neuro-desenvolvimento – o que é o caso no autismo – não diz qual sujeito vai se deduzir disso” (Ansermet, 2017, p. 1). Ao considerar a constituição do sujeito, tendo em vista tudo que foi situado nas páginas anteriores, pensamos ser fundamental sopesar, para além de uma perspectiva puramente desenvolvimentista, as diferenças em jogo em um bebê que desde seus primeiros meses de vida já se encontra “encapsulado” em certo fechamento ao laço social, e um outro que em seus primeiros meses está aberto às trocas

sociais, balbuciando, interagindo, imitando e, “de repente”, ou seja, sem que algo tenha sido observado, apresenta regressões, fechando-se em um quadro de sintomatologia autística.

Embora essa distinção não seja evidenciada na maioria dos trabalhos em torno do assunto, consideramos que as teorias do autismo na psicanálise lacaniana se referem ao que seria esse “autismo primário”, em evidência desde idade muito precoce. No entanto, ressaltamos aqui uma ressalva, posto que muitos psicanalistas se baseiam nos escritos de autistas para suas construções sem que seja levantada a questão pontuada.

Maleval foi um dos autores que se engajou e buscou, a partir dos testemunhos de autistas, cernir elementos diferenciais do autismo para a psicanálise. Tendo em vista a importância de sua produção para essa clínica e a razão deste trabalho, cujas perguntas norteadoras foram estruturadas a partir de suas hipóteses, percorreremos aqui um caminho em torno de suas principais contribuições.

Sua proposta aproxima-se da ideia de espectro, defendendo que o autismo evolui para autismo, na medida em que há, de acordo com os testemunhos de autistas, um núcleo que permanece invariável (Maleval, 2009/2017). Sua proposição inicial, esboçada em 1998, é de uma abordagem psicanalítica estrutural do autismo que vai do autismo de Kanner à síndrome de Asperger, havendo uma gradação de gravidade nas suas manifestações. Segundo ele, o entrave dos Lefort foi justamente por “não conceberem saída do autismo infantil precoce para além da paranoia ou da morte!” (Maleval, 2009/2017, p. 82).

Embora a noção de espectro seja vaga e enfrente forte resistência tanto no campo psicanalítico como nas concepções genéticas, Maleval aponta que sua imposição vem da clínica, não de hipótese etiológica, sugerindo um “mesmo modo de funcionamento subjetivo por trás de uma grande variedade de quadros clínicos” (2009/2017, p. 84). Segundo essa proposta, os escritos de autistas que atingem um alto nível de funcionamento na linguagem e na organização social, podem ser tomados como base para pensar o funcionamento estrutural do autismo a partir do que permanece invariável. Esses testemunhos trazem relatos sobre a infância desses sujeitos que demonstram, sobretudo, mudanças em seu funcionamento ao longo do tempo, porém com a dificuldade persistente de tomar a posição de enunciação.

Nessa direção, para Maleval (2009/2017), estão em jogo dois modos de defesa fundamentais: o primeiro diz respeito a um momento inicial, dominando o quadro do autismo infantil precoce, no qual prevalece o mutismo e a solidão, dada a recusa a ceder o gozo vocal ou qualquer perda de gozo, resultando numa cisão entre emoções e intelecto; a segunda defesa, contudo, implica a tentativa de sair da solidão, sentida como dolorosa, a partir do franqueamento de uma borda (ou *neoborda*, para Laurent, 2014) construída com a utilização

do duplo, do objeto ou de interesses específicos, que permitem a localização do gozo; o tratamento construído nesse segundo momento está situado na síndrome de Asperger¹⁷ (Maleval, 2009/2017).

Em “*Por que a hipótese de uma estrutura autística?*” (Maleval, 2015), situa elementos diagnósticos, dentre eles: a vontade de imutabilidade; a retenção dos objetos pulsionais; o primado do signo; retorno do gozo sobre uma borda. Já em publicação mais recente, o autor pontua três características segundo as quais se pode apreender a estrutura autística: (1) **uma retenção inicial dos objetos pulsionais**; (2) **uma alienação retida, que se opera sem a dobradiça do significante-mestre**¹⁸/ **Uma estruturação do sujeito pelo Outro de signos**; (3) **uma aparelhagem do gozo pela borda** (Maleval, 2018).

A *imutabilidade* é destacada pelo autor como o principal elemento desse diagnóstico diferencial, apontada desde Kanner (1943) como a principal característica do autismo, junto à solidão. Está revelada na busca escrupulosa por regras e trajetos fixos, vontade de viver num mundo estático, configurando um trabalho “para pôr ordem em um mundo caótico” (Maleval, 2010, p. 31), como diz o autista Daniel Tammet: “(...) eu também sinto uma necessidade quase obsessiva por ordem e rotina, que afeta virtualmente a todos os aspectos da minha vida” (Tammet, 2006, p. 8). Retomando a aposta kanneriana, Maleval sustenta que, considerando que 30% do tempo de crianças autistas é dedicado a tentar se aproximar do outro, a solidão não é um elemento aí tão fundamental, mas sim a imutabilidade (Maleval, 2015), que estaria refletida em diversos aspectos do autismo. Birger Sellin (1995/1998), autista não-verbal de sintomatologia grave, encontra uma saída através da escrita, por meio da qual frequentemente demonstra sua infelicidade por “sofrer de uma solidão constante” (p. 54), a qual funciona como uma “lei interna” (Sellin, 1995/1998, p. 96) do seu autismo que o “proíbe de sair de” seu “caixão” (idem, p. 96):

solitário eu sou
solitário eu vou ficar
se eu não sair da solidão autista estrangeira
no mundo eu não quero mais ficar sozinho
ah quando virá o dia” (idem, p. 22-23)

¹⁷ Utilizaremos o nome Asperger, conforme Maleval os utiliza, porém salientamos que não corroboramos com o uso do nome, sobretudo tendo em vista a publicação recente de Edith Sheffer (2019) acerca dos extermínios de crianças consideradas intratáveis autorizados por Hans Asperger no nazismo.

¹⁸ Na Conferência realizada em Bogotá, em 2017, no áudio original, Maleval diz “**Uma estruturação do sujeito pelo Outro de signos**” (Disponível em < <http://www.radiolacan.com/pt/topic/1029#>>).

Ido Kedar, outro autista não verbal de sintomatologia grave, aponta o autismo como “viver atrás de uma parede de isolamento” (2012, p. 57). Tendo aprendido a se comunicar por meio da comunicação facilitada, Ido diz que:

Antes de me comunicar, eu estava frequentemente lá, em corpo, mas não em espírito. Eu entendia a maior parte das coisas, mas sabia que estava preso e não podia mostrar que entendia. Isso me forçava a estereotípias porque eu tinha que viver interiormente. (...) Uma vez que tive comunicação, meu mundo se abriu (Kedar, 2012, p. 57).

No que diz respeito a vontade de imutabilidade, por sua vez, Donna Williams (2012), autista inglesa de alto desempenho, aponta sua procura por um mundo de coerência e com referências fixas, como uma maneira de “reduzir” as coisas, controlá-las, a fim de não ficar para trás, por não conseguir entender as pessoas. Assim, Donna diz:

Um dos procedimentos que me permitiram reduzir o mundo consistia, ou em piscar os olhos, ou em fechar e acender alternativa e rapidamente a luz. (...) Igualmente, eu parava ou recomeçava o som da televisão, apagando ou esmagando as vozes à vontade. Bastava-me o prazer de ver a imagem. (...) Meus sentidos só funcionavam normalmente quando eu acionava o interior do meu próprio mundo, o que me exigia excluir dele os outros (Williams, 2012, p. 91).

Tito Mukhopadhyay (2008), que também é não-verbal, corrobora com essa concepção de imutabilidade ao apontar:

Desde que de momento a momento isso ou aquilo poderia ser tão imprevisível, quando meus sentidos alternavam com muito mais intensidade e frequências, era melhor trabalhar com interruptores, ligando e desligando-os em ordem para trazer mais previsibilidade para o meu entendimento e compreensão do ambiente. Senão, isto poderia ficar muito fragmentado e difícil de coletar todas as peças e combina-las em uma imagem completa de um ambiente real (Mukhopadhyay, 2008, p. 53-54).

Outra característica apontada por Maleval é a **retenção dos objetos pulsionais**, que pode ser observada desde os primeiros meses de vida da criança, manifestada em maior ou menor escala na recusa da mobilização de trocas, seja da voz, das fezes ou alimento (Maleval, 2018). Demonstrem, com esses fenômenos, angústia na interação com os outros, recusando a troca de objetos pulsionais.

Para Maleval (2008), uma vez que recusa radicalmente a alienação na linguagem, o autista recusa toda dependência com o Outro e, dessa forma, recusa ceder o objeto de gozo vocal, vivendo em um “mundo interior no qual o significante não introduziu seus cortes” (Maleval, 2009, p. 74). Embora não esteja exilado da linguagem, esse sujeito mobiliza seus esforços para não assumir a posição de enunciador, a qual é sentida como verdadeira mutilação, como perda de espaço subjetivo (Maleval, 2009): “(...) assim que tento falar com alguém, minha voz simplesmente desaparece”, diz Naoki Higashida (2014, p. 21), “claro que

às vezes consigo articular umas poucas palavras, mas elas podem acabar dizendo o completo oposto do que eu pretendia!” (idem, p. 10). A voz, bem como o olhar, encarnam a falta no campo verbal e dizem da inscrição do ser do sujeito no campo do Outro, algo que o autista rejeita, pois o desejo do Outro não cessa de angustiá-lo (Maleval, 2008) de modo que, comandado por um gozo imperioso, ao não ceder o gozo vocal, o autista sofre diante da sua inaptidão para falar. “(...) eu não tinha uma voz falante” (Mukhopadhyay, 2008, p. 9), diz Tito

Um dia aconteceu de eu perceber que quando as pessoas moviam seus lábios, eles faziam sons de conversa conhecida como voz. (...) Pelos próximos dias eu subiria e ficaria em frente ao espelho na esperança de ver meus lábios se moverem (...) Eu podia ver o ventilador se mover. (...) Até minhas mãos se moviam quando eu agitava elas. Só meus lábios não se moviam. Não é de admirar que eu não fale. Como eu vou falar se meus lábios não se movem? Estranho! As pessoas não entendem esse simples fato! (Mukhopadhyay, 2008, p. 17).

Birger Sellin (1995/1998) demonstra ainda mais vivamente a dimensão do sofrimento experienciada por essa “inaptidão” a falar:

Eu também só quero como você investir meus instrumentos bucais na linguagem
mas eu ainda ando muito longe da língua
porque todos os métodos falham
falando certamente esqueceria as preocupações do autismo
uma multidão de problemas simples são atribuíveis ao mutismo
e a solidão é essencialmente provocada pelo nosso silêncio
(...)
Eu quero me aplicar como você para encontrar uma língua
Uma linguagem como todo ser humano (...) ¹⁹ (Selling, 1995/1998, p. 131).

Maleval (2015) situa quatro maneiras distintas de o autista se virar com a fala, a partir de seus testemunhos, que se relacionam com o que chama de **alienação retida, que se opera sem a dobradiça do significante-mestre** (Maleval, 2018) ou **uma estruturação do sujeito pelo Outro de signos** (Maleval, 2009/2017): o mutismo; uma língua verbosa; uma língua factual, a qual pode ser de signos fixos ou ordenados (Maleval, 2018); e as frases espontâneas (Maleval, 2015). Para entrada do autista na linguagem, há dois canais principais: balbucios pobres e ecolalias, nos quais a significação está desconsiderada e que se desdobram em uma língua verbosa; e a escrita, na qual o gozo vocal está excluído e que desemboca na língua factual, “apta à comunicação, mas desprovida de afetos” (Maleval, 2018, p. 7).

Quando saem do *mutismo*, que seria o primeiro e mais radical desses modos, esses sujeitos podem apresentar *balbucios*, em tenra idade, com características atípicas, como baixa frequência, pouca coordenação do balbucio com o olhar, mais monótono e pouco interativo (Maleval, 2018). Considerando estudos recentes, o balbucio configura uma espécie de

¹⁹ Tradução livre.

“protolinguagem”, sendo colocado como precedente da entrada na linguagem, na medida em que “revela uma adaptação precoce aos princípios estruturais da língua materna” (idem, p. 8). Baseando-se em estudos que demonstram que o balbucio no autismo não é ausente, como pensavam os Lefort, mas sim estatisticamente pobre, Maleval (2018) formula a hipótese de que no autismo haveria uma “lalíngua pobre”.

Para o psicanalista, lalíngua, enquanto bateria de significantes, enraíza-se no balbucio, o que no autismo implica a não emergência dos significantes mestres por lalíngua, a não transformação do grito em apelo e a ausência das “articulações que produzem a animação do gozo do corpo” (Maleval, 2018, p. 9). Na sua leitura, o S_1 está foracluído, de modo que lalíngua não se articula ao discurso do Outro e, portanto, não se apaga, sendo constituída de S_1 justapostos: “A lalíngua autista é pobre porque seus S_1 não têm potencial para tornarem-se significantes-mestres que podem marcar o corpo de uma letra no princípio de um *sinthoma*” (idem, p. 10).

Por meio da *língua verbosa*, encontrariam uma forma de reter o objeto do gozo vocal, usando uma voz diferente, robótica, alta, aguda, grave, etc., a serviço de um gozo solitário da voz, mais com fim de autossatisfação do que de comunicação (Maleval, 2015). Acerca disso, o autista japonês Higashida (2014) aponta a dureza de manter uma conversação e a necessidade de “falar numa língua estrangeira desconhecida a cada minuto de cada dia” (Higashida, 2014, p. 34) para ser compreendido e, inclusive, para que lhe seja suportável falar. Se tenta segurar essa voz, é doloroso, “como se eu estrangulasse minha própria garganta” e completa “eu ficaria bem com essa voz [aguda, estranha] se estivesse sozinho” (idem, p. 30) [grifo nosso]. Essas emissões verbais, cujo início frequentemente é nas ecolalias, contribuiriam para guardar certo controle nas trocas entre ele e o outro (Maleval, 2018).

Donna Williams, por sua vez, apesar de ter alcançado outros usos da linguagem, ao contar sobre seus primeiros anos de vida, relata a presença de uma língua verbosa em seu funcionamento:

Autismo tinha estado lá antes do som, porque minhas primeiras palavras eram o eco sem sentido das conversas das pessoas ao meu redor. Autismo tinha estado ali antes das palavras, porque 90% do meu repertório verbal era uma coleção armazenada – acima das definições de dicionário literal e frases guardadas. Autismo estava lá antes que eu jamais tivesse uma vontade do meu próprio eu, porque minhas primeiras ‘vontades’ eram cópias daquelas vistas nos outros (muitas das quais vinham da TV)²⁰ (Williams, 1994, p. 11).

Maleval aponta, ainda, uma outra modalidade do autista se virar com a fala, que é através das “frases espontâneas” (Maleval, 2015, p. 19) ou “vocalizações involuntárias”

²⁰ Tradução livre.

(idem, 2018, p. 10), enunciações ligadas diretamente ao gozo, e que estão situadas, sobretudo, em um rompimento do silêncio diante de momentos de extrema angústia (idem). Trata-se de uma frase ou palavra que “sai das entranhas” (Maleval, 2018, p. 10), imperativamente. Maleval (2015), ao postular essa ideia, primeiramente afirmara que aí a presença do sujeito está claramente marcada. Contudo, mais recentemente, reformula: “As vocalizações involuntárias não representam o sujeito: elas constituem uma extração do gozo vocal equivalente a uma defecação sem sentido, a uma alimentação sem fome ou a um olhar largado no vazio. São constituídas de diversos S₁ isolados” (idem, 2018, p. 10).

Temple Grandin, autista norte-americana, por muito tempo viveu a comunicação como “uma rua de mão única (...) entendia o que me diziam mas era incapaz de responder. Berrar e bater os braços eram minhas únicas formas de comunicação” (Grandin & Scariano, 1999, p. 27), dizendo que tentava, mas que nada saía de sua boca. Sua primeira palavra foi “Gelo!”, diante de um acidente de carro, momento de extrema angústia no qual rompeu seu silêncio. Embora seu exemplo ateste algo desse S₁ isolado, existem outros exemplos nos quais essas frases espontâneas franqueiam uma marca do sujeito da enunciação, como é o caso de Birger Sellin, que diz ao seu pai “devolva minha bola” (Sellin, 1993/1994, p. 24), diante da perda de um objeto autístico. Autista não-verbal, Birger, além dessa frase, chegou a pronunciar, raras vezes, palavras isoladas durante sua escrita. Acerca disso, ele diz:

(...) como pode um mudo tornar-se loquaz
 como pode um silenciado iniciar a língua
 mas às vezes eu posso dizer algo inesperadamente
 Estou muito surpreso com o que aconteceu, eu não tenho uma explicação
 Eu acho que é simplesmente uma prova de que a faculdade de falar existe
 Resta continuar a encontrar uma saída para sair do silêncio (...) ²¹ (Sellin, 1995/1998, p. 24-25).

É fundamental, então, depurar com Maleval (2015) o que essas falas espontâneas atestam: “que o autista não é totalmente incólume às repercussões do significante em seu ser. Ele não permaneceu na borda da alienação; ele está na alienação, mas a recusa (...) Não há *aphanisis* do sujeito; a linguagem faz, em contrapartida, eco em seu corpo” (Maleval, 2015, p. 12).

Segundo sua compreensão, essa rejeição da alienação se concatena com a rejeição do S₁, elemento base da linguagem, materialidade significante separada da significação e originado na cifração de gozo do sujeito, que, uma vez negado, não instaura a borda pela via significante no autismo (Maleval, 2015). Desse modo, não havendo buraco no corpo

²¹ Tradução livre.

constituído enquanto borda erógena, dar-se-á a ausência do circuito pulsional, resultando em um gozo desregulado. Essa primeira defesa é definida por Maleval (2009/2017) como autismo infantil precoce, marcado pela negação a ceder o gozo e pela dominação da perda, impedimentos à alienação, sucumbindo na elisão entre emoções e intelecto. Na construção de uma fronteira dominada, o autista faz **uma aparelhagem do gozo pela borda** que lhe permita delimitar o buraco e pôr alguma ordem na relação do gozo de seu corpo (Maleval, 2018): “ao delimitar o buraco real, a borda permite transmutá-lo em uma falta menos inquietante, com a qual o sujeito pode contemporizar” (p. 28).

Essa ideia se apoia no que Laurent (2014) intitula “forclusão do furo”, um espaço topológico em que não falta nada. Schejtman (2014) retoma isso a partir da topologia para tentar situar melhor a questão: “quando Laurent fala da forclusão do furo no autismo, de que furo se trata? É do furo corporal em termos desse real pulsional? Ou do furo do inconsciente, dessa borda que faz furo e que Freud denominou umbigo do sonho?²²” (p. 84). Ele responde mais adiante que, em sua opinião, “supõe a afetação dos dois furos” (idem, p. 87).

Definindo o furo corporal como o que se relaciona com o real pulsional, Schejtman (2014) aponta que um comprometimento deste afeta a relação do real com o imaginário. A pulsão, enquanto eco no corpo do fato de que há um dizer, tem efeito retroativo sobre o significante da falta do Outro, tamponando-o por uma intrusão de gozo no furo. O furo do inconsciente, por sua vez, está relacionado ao recalque primário, ao significante da falta do Outro, na medida em que o simbólico é furado, marcado pela falta de um significante que responda ao ser do sujeito (idem). Fazendo uma analogia com uma folha de papel, Schejtman propõe pensarmos o furo do inconsciente como uma margem, aquilo que introduz uma borda sob a qual se pode delimitar a folha e, com isso, se pode escrever. Desse modo, a falta de uma borda, uma margem, seria a chave da forclusão do furo (Schejtman, 2014):

Não é que o Outro não está barrado no autismo, porque o está; mas falta a borda que faz desse vazio, um buraco, porque um buraco tem que ter bordas, tem que ter essa margem, que é esse traço que se localiza no umbigo do sonho: o significante da falta do Outro (...) na falta dessa borda, o autista tenta criar neobordas (Schejtman, 2014, p. 87-88).²³

Seu encapsulamento advém como repercussão da ausência de borda sobre o furo corporal, provocando perturbações na economia de gozo do sujeito autista e, com isso, levantando impedimentos na constituição do corpo (idem).

²² Tradução livre.

²³ Tradução livre.

Enquanto na neurose o furo passa ao registro da castração e o objeto é negativizado em falta; na psicose há furo, porém não há extração de objeto, de modo que não há negativização do furo em falta; no autismo, por sua vez, há dificuldade de produzir um furo e sua borda (Tendlarz & Bayón, 2013). A partir da extração do objeto, o gozo sem forma, pela operação de separação, permitiria a inscrição de uma borda topológica, necessária para que se constitua um corpo.

Schejtman se questiona ainda se, no lugar de falar sobre recusa a alienação, não estaríamos falando de uma alienação levada ao extremo. Para ele, no autismo trata-se de uma alienação não esburacada, pois falta o elemento terceiro da marca que constitui furo entre o sujeito e o Outro. Não se trata de não haver relação com o Outro no autismo, mas de que esse, por vezes, está reduzido a uma Outridade radical de *lalíngua*, sem furo e, portanto, não chegando a fazer borda (Schejtman, 2014).

Nessa medida, a dinâmica libidinal do autista se volta para a construção de uma borda, que o proteja do mundo externo, ameaçador. Essa borda a ser construída é tanto lugar de proteção, como lugar de gozo, e suas modalidades vão desde a rejeição completa ao Outro, incluindo seus cuidados, até a inclusão de pessoas e objetos. São elas, de acordo com Maleval (2010): uma borda-superfície corporal, na qual nenhum trajeto é possível e qualquer cessão de gozo é experimentada com extrema angústia; a borda objetual tranquilizadora, na qual os objetos autísticos²⁴ temperam a relação com o Outro, de modo que a inclusão do novo sempre se acompanhe da extração de outra coisa; e a borda dinâmica, na qual a eleição de um novo objeto implica a perda progressiva de outro, dando espaço para o duplo²⁵ e para algumas trocas sociais, controladas, e na qual se abre espaço para as “ilhas de competência” ou interesses específicos, aptidões que se apresentam a partir de um domínio específico do conhecimento (Miller, et al., 2014).

Construir uma borda, portanto, configura uma operação de tratamento do gozo ao encarná-lo “em um objeto concreto, em uma imagem, em uma pessoa, ou em um conjunto temático de signos” (Maleval, 2018, p. 28). A partir do exemplo de Donna Williams, Maleval postula que, em um nível mais elevado, é possível ao sujeito produzir um esvaziamento dessa borda, operando progressivas cessões de gozo. Esse esvaziamento, diz ele, leva a um investimento em um interesse específico, por meio de uma apropriação solitária da linguagem

²⁴ Um objeto mediador entre o sujeito e o Outro que acalmam e tranquilizam, possibilitam a localização da perda e sua dominação, temperam a relação com o Outro, e situam o gozo pulsional nesse objeto fora do corpo, encontrado pelo sujeito em seu meio e pode ser qualquer objeto: uma bola, um pano, uma chave, um vídeo, etc.

²⁵ O duplo, quando é construído sob essa borda protetora, localizando o gozo, torna-se um eu de apoio, “um eu auxiliar” (Maleval, 2010).

sob o privilégio do signo, que franqueia uma borda como formatação do objeto de gozo (Maleval, 2018).

Essa construção de uma borda sob a qual se pode produzir um retorno do gozo diz respeito à segunda modalidade de defesa que Maleval (2009/2017) identifica no autismo. Nesta, está implicado o outro canal de entrada na linguagem (Maleval, 2018): o escrito. Enquanto o balbucio pobre se desdobra em uma língua verbosa, predominante nos autistas kannerianos das “desordens mais severas” (Maleval, 2019, p. 1), como anteriormente explicitado, a aquisição da língua pelo escrito se desdobra em uma língua factual, mais presente nos autistas Asperger.

Às vezes, no entanto, eles criam uma língua particular (Maleval, 2018), forjando neologismos que estabelecem uma gramática cifrada ora com elementos da língua do Outro, ora sem relação, mas que guardam certa fixidez e pouca ambiguidade, impondo ordem nos equívocos da linguagem. Tomando o exemplo de Tammet, Maleval (idem) fala de sua “língua materna”, a língua dos números, como um objeto de satisfação solitária, sem subordinação aos equívocos. Além do “Mänti”, sua outra língua particular, de extenso vocabulário que, no entanto, é sem Outro, pois ninguém, além dele, a fala (Maleval, 2018). Para Maleval (2018), nas línguas particulares os termos são inequívocos, são línguas de S_1 , diferindo assim de lalíngua, posto que não esperam por um S_2 que venham determiná-los.

A língua factual, por sua vez, também chamada de língua funcional, permite a comunicação por meio de signos, não significantes, marcada por um tom monocórdio, sem ceder o gozo vocal, depurando daí somente elementos linguísticos. Maleval (2018) a divide em língua factual dos signos fixos e dos signos ordenados. Essa língua funcional, embora esteja às voltas com o discurso do Outro, costuma ainda configurar um certo monólogo, sendo bastante descritiva e não intencional, apesar do esforço em comunicar. Trata-se, na perspectiva espectral, de um segundo momento no funcionamento de autistas que buscam romper a solidão que sentem como imposta, sendo, por isso mesmo, mais frequente nos autistas de alto funcionamento (Maleval, 2018), na medida em que implicaria uma passagem de um nível a outro.

Uma das características iniciais dessa língua factual dos signos fixos é a forte correlação entre um signo sonoro ou escrito e a experiência imediata ao momento de sua apreensão. Isso gera uma aderência que tende a manter estático o significado, como na situação narrada pelo autista não-verbal Tito Mukhopadhyay:

Quando eu era muito pequeno, eu lembro de formar associações errôneas entre palavras e objetos. Por exemplo, quando eu escutava a palavra banana enquanto eu estava olhando para uma nuvem, eu nomeava a nuvem de ‘banana’. Depois eu ficava muito confuso quando em outra circunstância, eu olhava para a nuvem e alguém falava a palavra ‘mesa’. Eu me perguntava porque as vezes nuvens se chamavam de bananas e outras de mesa. Educação me ajudou a resolver minha disputa entre nomes. (...) (Mukhopadhyay, 2008, p. 214)²⁶.

É interessante localizarmos aqui que, apesar de Maleval situar uma prevalência dessa língua nos autistas de “alto nível”, Tito é um autista que, no entanto, é não-verbal, com sintomatologias consideradas graves. Apesar disso, sua forma de apreender e descrever seu funcionamento está em sincronia com o que é conceitualizado como língua factual.

O autor aponta ainda como característica dessa língua o emprego demasiado de substantivos, exprimindo, segundo ele, certa ancoragem na concretude, pela busca de palavras cujo referente esteja discernível na realidade. Sua aposta é de que, no trabalho subjetivo de atribuição do valor de um significante, dado somente em rede, o “autista de Kanner não se arrisca” (Maleval, 2018, p. 18). Seu funcionamento se utiliza de uma linguagem descritiva, sem que o sujeito precise interpretá-la, buscando alcançar um ideal de conexão rígida entre palavras e objetos ou situações, ou seja, uma língua reduzida a um código biunívoco, na qual os afetos estão destacados (idem).

Em todo caso, essa dificuldade em modificar essa referência se dá, para Maleval (2019), pela rigidez do signo, cuja primazia na língua factual incita o sujeito a buscar primeiro o significado da palavra, sem situá-la em oposições significantes. A teorização de Maleval em torno dessa primazia do signo na língua factual é um dos pontos de partida desse trabalho, na medida em que foi do encontro quase contingencial com tal construção que algumas questões puderam se delinear. Assim sendo, a seguir, nos ateremos mais ao tema.

2.2.3 O primado do signo

No livro “*O autista e sua voz*” (2009/2017), partindo do princípio da busca por imutabilidade, Maleval supõe que, no autismo, há uma questão de primeira ordem, que se trata de: como chegar a uma comunicação que seja desprovida de ambiguidades e que desemboque em mundo coerente e fixo? Segundo ele, diante do predomínio de referências imaginárias e da falta de acesso ao significante (Maleval, 2009/2017), os primeiros elementos da linguagem não são processados como relações de representação entre significantes, mas operariam numa relação signíca, não encadeada nem concatenada, e ainda, não entre

²⁶ Tradução livre.

significantes, mas entre a coisa e a palavra, de forma biunívoca. A isso, então, corresponde o “primado do signo”.

“Como adquirir a linguagem pelo signo?” (2019, p. 6), questiona Maleval. Situa então que “el rechazo inicial del autista, frecuentemente mudo en sus primeros años, a introducir la voz en el intercambio, lo conduce a una apropiación solitaria del lenguaje, que pasa de buen grado por el escrito” (Maleval, 2019, p. 6). A apropriação da linguagem, nesses casos, se dá separada do gozo vocal, numa forte preferência por uma abordagem não social da linguagem. A escrita, portanto, compõe para muitos um meio de apropriação da linguagem, por sua acessibilidade a uma assimilação solitária, como apontam alguns testemunhos: “Eu aprendi a escrever antes de aprender a articular minhas palavras”, diz Tito (Mukhopadhyay, 2008 p. 129).

Esse funcionamento signico está presente na língua factual, anteriormente abordada, na qual Maleval localiza, sobretudo, o funcionamento dos autistas de alto funcionamento e dos considerados prodígio (Maleval, 2009/2017). Em crianças pequenas, segundo ele, estaria posto de maneira mais manifesta a incorporação dos signos um-a-um, o que lhes franqueia uma percepção fragmentada e, por vezes, palavras que não se unem, como testemunha Donna Williams: “Minha compreensão ao ler as coisas, palavra por palavra (em oposição a leitura dinâmica) era tão fraca quanto a minha audição” (Williams, 2012, p. 81). É o que Maleval (2019) intitula de “língua factual de signos fixos”.

Os autistas de alto funcionamento, no entanto, conseguiriam, por meio de um trabalho intelectual e de memória, alçar tal operação a maior dinamismo, de modo a aprender outras utilizações contextuais que mudam o sentido da palavra, sem necessariamente provocar uma desorganização, o que ele intitula “língua factual dos signos ordenados” (Maleval, 2019). Williams, ao longo de sua vida pôde fazer um (auto)trabalho, que descreve em outro ponto:

(...) Antes, eu costumava dizer tudo o que as pessoas diziam de volta para mim (...) (e meus sentimentos não era tão ameaçados (...) porque eu estava, na minha perspectiva, me respondendo. Agora (...) estou obtendo as palavras-chave e impondo meu próprio sistema de sentido nisso (antes eu impunha meu próprio tudo, até a fonética que havia nele). (...) o idioma não é uma arma como antes (Williams, 1994, p. 92).

Retomando e fazendo uma apropriação da semiótica de Charles Peirce e suas três ordens de signos – ícone, índice e símbolo – Maleval (2009/2017) aponta que os autistas privilegiam o ícone e o índice, uma vez que o símbolo implica um gênero de coisas e não uma só. Os dois primeiros estão atrelados a noção de signo, enquanto o último, mais abstrato, se dá no uso do significante, precisamente por não ter o referente na coisa em si, abrindo uma dimensão do equívoco que não se aplica aos outros dois.

Ele os nomeia “signos de síntese do autista”, apontando sua diferença em relação aos significantes do inconsciente no fato de não apagar a coisa representada, bem como não representar a pulsão, pelos testemunhos dos autistas que ressaltam a desconexão entre linguagem e afetos (Maleval, 2009/2017). Esses signos funcionam segundo maneiras próprias de cada sujeito organizá-los, contendo coerências e regularidades internas distintas em cada um. Disso dá testemunho Donna Williams:

Eu podia dizer o que pensava protegida por Carol ou por Willie, mas nunca o que sentia. Meu único recurso era demonstrar uma fria objetividade para todos os assuntos que pudessem suscitar em mim qualquer emoção. (...) Eu podia repetir sem a mínima expressão o que os outros diziam, falar com um tom insolente, gaguejar, ou até mesmo nunca mais encontrar as palavras. Mas, quando isso me acontecia, era por medo de ser aniquilada por um dilúvio de emoções muito fortes. Para me comunicar com o exterior, eu precisava da interpretação dos personagens que criara para mim (Williams, 2012, p. 102-231).

Maleval conclui, então, que os signos de síntese não funcionam como receptáculo de gozo, dando testemunho do enlace da linguagem com o real (Maleval, 2009/2017). “Essa aquisição de saber, produzida na cifragem do gozo pela entrada do sujeito na cadeia significativa, não funciona na língua factual” (Maleval, 2015, p. 14).

Na leitura de Maleval (2009/2017), os signos icônicos se destacam por estabelecerem conexões imediatas entre o signo e a imagem do referente (idem), guardando aí relação com o objeto. Essa lógica, de certo modo, está presente na fala da autista norte-americana Temple Grandin:

Para paz, pensei numa pomba, num cachimbo ou em fotos de assinatura de um tratado de paz. Para honradez, alguém jurando, a mão sobre a bíblia, dizer toda a verdade diante de um tribunal. [...] O termo “pecar” (*trespass*) fazia aparecer uma imagem de uma placa laranja e preto de entrada proibida (*no trespassing*)” (Grandin, 2009, p. 35).

Essa fala, em uma primeira leitura, parece testemunhar um modo de operar com a linguagem na qual o referente do signo está na coisa propriamente dita, sem operar aí a inversão, localizada por Allouch (1994/2007) no segundo tempo do estabelecimento da linguagem²⁷. Essa questão é fundamental no presente trabalho e será alvo de discussão ao longo deste. Um outro exemplo dessa dificuldade está presente na obra do autista Daniel Tammet (2006):

As palavras abstratas me são menos fáceis de compreender e na minha cabeça guardo uma imagem de cada uma que me ajuda a deduzir o significado. Por exemplo, a expressão “complexidade” me faz pensar em uma trança de cabelo, muitas mechas entrelaçadas formando um todo. Quando eu leio ou escuto que algo é complexo eu imagino isso com muitas partes distintas que necessitam unir-se para alcançar uma resposta. De igual maneira, a

²⁷ Exploraremos mais isso a seguir.

palavra “triunfo” cria a imagem na minha mente de um grande troféu dourado, como os que se ganham nos grandes eventos desportivos (...) Algumas estruturas de frases podem me resultar especialmente difíceis de analisar, como: “ele não é inexperiente nessas questões”, onde as partículas negativas “não” e “in” se eliminam entre si. Seria muito melhor se as pessoas falassem “tem experiência nessas questões” (p. 183)²⁸.

Pela lógica da primazia do signo, os autistas buscam estabelecer um índice das situações ou informações obtidas e armazenadas, formando um vínculo entre a situação e o texto, obedecendo ao princípio do ícone (Maleval, 2009/2017). Desse modo, extraem recursos dos signos, numa espécie de saída por não dispor do significante, realizando uma memorização não por uma gramática ou uma lógica significante, mas por outros elementos, como imagens (Maleval, 2019). Essa primazia lhes leva a considerar mais cada elemento linguístico isolado do que o contexto todo, entendendo que os signos são independentes uns dos outros, diferentemente do significante. “La ventaja de este método es que se basa en una clasificación externa ya existente que evita que el autista se enfrente a la dificultad de producirla por sí mismo” (Maleval, 2019, p. 9). Isso fica evidente na fala de Williams: “era preciso que se repetisse uma frase várias vezes porque eu só entendia pequenos pedaços. A maneira pela qual meu espírito dividia a frase em palavras deixava-me apenas uma estranha mensagem, a maioria das vezes incompreensível” (Williams, 2012, p. 129). Assim, operam associações metonímicas originais ao deslizar da palavra a um objeto portador de parte da palavra, como exposto nas falas acima, para conectar signo-referente (Maleval, 2019).

Maleval afirma que “suas capacidades de simbolização que passam (...) pelo índice, e mesmo pelo ícone (...) colocam em ação um processo de substituição que lhes permite levar a coisa à linguagem” (Maleval, 2015, p. 14) e, dessa forma, com a língua factual consegue utilizar signos, sejam escriturais ou sonoros, saídos da língua do Outro, para descrever o mundo, havendo aí possibilidade de certa coletivização.

A aposta do psicanalista é de que a aquisição da compreensão da linguagem nesses sujeitos passa mais pelo escrito textual, porque este mantém maior proximidade com as imagens mentais que com os signos sonoros, mais difíceis de suportar e, portanto, memorizar. Estando o corte da conexão entre gozo e significante na origem da defesa autística, seu ideal seria o de um positivismo lógico, em que a ordem simbólica se enoda com o real sem mediação do sujeito (Maleval, 2009/2017). São estratégias que, para o autor, compõem um aspecto da vontade de imutabilidade, justamente pela ausência de um princípio organizador, mobilizando o sujeito a se empenhar numa separação entre o gozo e o significante-mestre.

²⁸ Tradução livre.

Alguns autistas realizariam isso na linguagem do intelecto, por meio dessa busca por signos primordiais, unívocos, que possibilitam um ordenamento intelectual do mundo, sem as perdas que são inerentes ao simbólico. Esse trabalho para sair de sua dolorosa solidão busca uma solução de compromisso pela localização do gozo na borda, e seu funcionamento mais dinâmico marcaria uma segunda forma de defesa, o autismo de alto nível, com a construção do Outro de síntese²⁹ (Maleval, 2009/2017).

Este último constitui uma das estratégias para suprir a falência simbólica que não dá conta de temperar o caos que é o mundo para o autista, uma vez que a ordem simbólica aqui não se instaurou pela via significante, não se interpondo para mediar o caminho dos estímulos ao aparelho psíquico (Maleval, 2009/2017). Trata-se, portanto, de uma construção que lhes permite ordenar a realidade por meio da memorização de signos, uma espécie de registro de dados por elementos decorados, seja por imagens, cifras ou ícones, que lhes configuram uma base para interpretar a realidade e circunscrever o simbólico, tornando-o controlável (idem). É um Outro que, conectado à borda, consegue fazer de uma “fixação”, como o caso do interesse específico, uma competência social, pela “combinação de sinais controlados de modo a captar o gozo” (Maleval, 2010, p. 20).

O Outro de síntese apresenta duas grandes modalidades (Maleval, 2009/2017): (1) fechado, constituído por um saber coagulado e controlado, sem espaço para o inesperado, estando associado ao conhecimento de um domínio, porém numa atividade solitária, que pode se efetuar num trabalho repetitivo ou mesmo num *expert* prodigioso em determinada área, sem no entanto, implicar aí as emoções do sujeito; este, tem afinidade com a língua privada, neologismos, separada do Outro, mas conectada com o gozo do sujeito; (2) aberto, considerado como uma gradação do anterior, adquirindo certo dinamismo, capaz de suportar novas situações e certa abertura ao vínculo social, com capacidades criativas. Por meio do aprofundamento em uma gramática intelectual que lhes permite flexibilizar os índices, se atando à língua do Outro, reduzem esta a signos separados do gozo, e com isso, abrindo o sujeito a comunicação e ao laço, sem que para isso abra mão de comunicar sem afetos.

Constituídos de sinais, e não de significantes, a competência não é somente “desabonné do inconsciente”, como é o *sinthome*, ela não tem mesmo a possibilidade que seja efetuada a assinatura. A competência não se interpreta: ela é assimilada pelo intelecto. Diferente do delírio e do *sinthome*, ela não surge *ex – nihilo*, ela se funde num saber já existente (Maleval, 2010 p. 20).

²⁹ É importante destacar que em seus últimos trabalhos, Maleval não aborda a perspectiva do Outro de síntese.

Maleval (2019) argumenta que uma distinção importante na aquisição da linguagem pelo autista está na aquisição espontânea da gramática que estes precisam aprender de memória. No entanto, a memorização do significante não é da ordem da memória visual, mas “está regida por uma gramática preconsciente, así como por el goce unido en el inconsciente a los significantes-amos” (Maleval, 2019, p. 12). Tentando apreendê-la pela memória, acabam diante dos embaraços da fixidez do referente. No entanto, embora as primeiras aquisições do signo sejam estáticas, fixas, Maleval aponta que, à medida que o sujeito desenvolve suas capacidades, estas tendem a ser mobilizadas. No que ele chama de “língua factual dos signos ordenados” (idem, 2019), o autista consegue soltar ou flexibilizar a conexão com o referente, de maneira a organizar esses signos de um modo particular que não mais por “termos-etiqueta” (idem, p. 11). Afirma:

Quando Grandin se ve obligado a recurrir a íconos como “una paloma o una pipa” para representar la noción abstracta de paz, no es solo por la vinculación de estas palabras con la imagen de un referente: ella los inserta en relaciones de oposición para la paloma con otras aves, y para la pipa con otros objetos que se fuman (Maleval, 2019, p. 11).

A partir disso, ele se questiona acerca do estatuto desse signo quando se torna flexível e combinatório: se transforma em significante? Segundo sua concepção, embora se assemelhem aos S_2 , diferem deste por não apagar completamente a ligação com o referente. Nos autistas mais estruturados, portanto, embora os signos se tornem menos rígidos e se estabeleça certa conexão com os afetos, do que dá testemunho Donna Williams, ainda estão às voltas com as dificuldades com o semblante. O significante não possui significação própria, cada um só tendo seu valor ao ser colocado em relação com outros significantes, e sem ligação direta com um referente no mundo, de modo que é possível situar o significante na dimensão de semblante (Lacan, 1971/2009) e, por isso, sempre equívoco.

Quais são as implicações dessa compreensão para o tratamento? Segundo Maleval (2018), há uma dificuldade de primeira ordem no estabelecimento da transferência com o autista, porque ela é bloqueada. É por meio de um manejo não intrusivo que o analista pode possibilitar a instauração de uma “transferência fusional” (idem, p. 31), em que ocupa o lugar de um duplo. O manejo do tratamento, nessa perspectiva, deve visar o esvaziamento da borda, considerando que sua produção se dá por “saltos criativos gerados por uma perda” (idem, p. 31), levando em conta a dificuldade implicada nessa estrutura na perda de objetos pulsionais; tendo isso em consideração, pode conduzir o descolamento desse duplo e levar a um investimento em um interesse específico.

O percurso percorrido por Maleval nessa construção esbarra, para nós, em algumas questões, levantadas a partir do dito: “tudo leva a crer que o que Grandin descreve quanto ao primado do signo no Outro de síntese dos autistas é generalizável (...) constitui um mecanismo já presente nas elaborações mais grosseiras” (Maleval, 2009/2017, p. 248). Pensando sua noção de clínica espectral, seria, portanto, o primado do signo uma questão de estrutura? Podemos conceber que o modo como o autista cifra o que vive está amarrado a um funcionamento signico? Quais as implicações clínicas disso?

3. Um percurso sobre o signo

A partir das questões despertadas acima, julgamos importante realizar um sobrevoo no conceito de signo, de modo a situar as bases teóricas utilizadas por Maleval e ser possível um debate em torno das apropriações próprias que a psicanálise lacaniana fez do termo. Isso implica percorrer um caminho na linguística que resumiremos a seguir, destacando, contudo, nossa posição um tanto leiga no campo. Implica também adentrar no campo da Linguística, franqueado por Lacan, o que nos leva a um mergulho em alguns conceitos caros à psicanálise.

3.1 O signo na Semiótica de Peirce

Uma importante referência para nós nesse estudo é o anteriormente citado Charles S. Peirce (1834-1914), linguista e matemático, cuja produção intelectual teve grande impacto sobretudo no campo da semiótica, que ele define como a doutrina dos signos, sendo a lógica apenas um outro nome desta (Peirce, 2005). Maleval faz certa apropriação de uma parte de sua teoria ao propor a noção de primado do signo antes exposta, o que nos traz a essa investigação do que Peirce propõe.

Segundo a definição de Peirce “um signo, ou *representâmen*, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém” (Peirce, 2005, p. 46), mas implica necessariamente uma relação triádica pois

Dirige-se a alguém, isto é, cria, na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino *interpretante* do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu *objeto* (...) não em todos os seus aspectos, mas com referência a um tipo de ideia que eu, por vezes, denominei *fundamento* do representâmen. (...) (Peirce, 2005, p. 46).

Ele enfatiza o fato de que o signo apenas representa o seu objeto, se refere a ele, sem pressupor um reconhecimento deste, e guarda sua particularidade sobretudo na relação

mantida com o interpretante, por seu modo de significar (Peirce, 2005): “O Signo em si mesmo retém seu significado total quer seja efetivamente afirmado ou não” (idem, p. 54).

Desse ponto, seguindo a explanação do assistente de Lacan na intervenção de 14 de junho de 1972, dessa definição dada por Peirce é possível destacar 4 elementos: “alguém” é o primeiro deles, pois o signo cria um signo mais desenvolvido, outro signo, no espírito do destinatário; o segundo elemento é o interpretante, esse segundo signo criado na recepção do signo; o terceiro deles é o objeto, a coisa que o signo está a ocupar o lugar. Juntos, esses três elementos formam o triângulo semiótico. O quarto termo, destacado na intervenção, é o *ground*, o plano de fundo da relação do signo e do objeto, posto que o signo está no lugar de algo, porém não o apaga, mas mantém uma referência com a ideia, uma espécie de ponto de vista.

O triângulo semiótico pode ser representado assim:

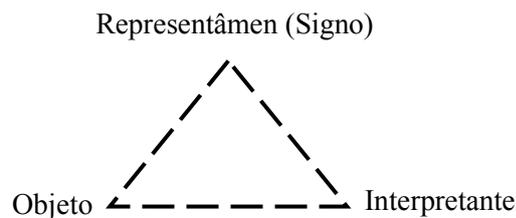


Fig. 1: Triângulo Semiótico (elaboração da autora)

Com esses elementos, o triângulo semiótico de Peirce envolve, no eixo Representâmen – Objeto, uma relação primitiva desse signo com o objeto, relação essa que comporta algo de degenerado, não idêntico; essa relação pode determinar uma terceira, que é o Interpretante, o qual tomará a própria relação Representâmen – Objeto como objeto do qual será signo. A relação do representâmen com o objeto, pois, é marcada ao mesmo tempo por uma determinação, o plano de fundo já supracitado, e por algo de indeterminável, que vai motivar o Interpretante, *ad infinitum*.

Pegemos o exemplo trazido pelo assistente de Lacan na intervenção em questão (Lacan, 1972) para aclarar: tomando a justiça como objeto (O) e a balança como signo ou representâmen (R), deriva daí, como um primeiro exemplo de interpretante, a igualdade (II). Segundo esse exemplo, é possível entender que, embora igualdade guarde uma relação semelhante à balança com a justiça, não visa somente esta última, mas justamente a relação que há entre balança e justiça. Daí é possível derivar outros interpretantes, como comunismo, por exemplo, como podemos observar na imagem:

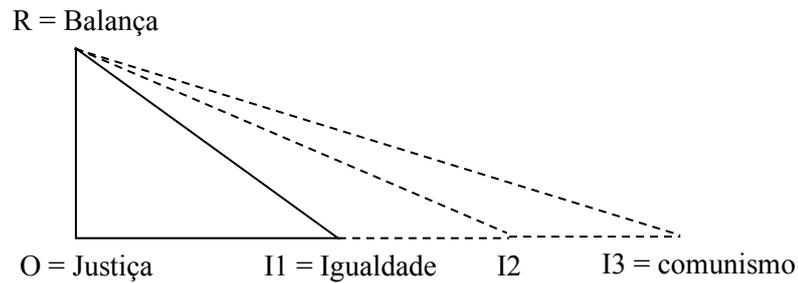


Fig. 2: Triângulo semiótico em cadeia (intervenção de 14 de junho de 1972 no Seminário de Lacan (1972).

Indo um pouco além do triângulo semiótico, Peirce (2005) estabeleceu em seus estudos uma série de divisões dos signos, dentre as quais estabelece três tricotomias destes. A primeira tricotomia diz respeito ao signo com relação a ele próprio, segundo a qual um signo pode ser: *Qualissigno*, definido como uma qualidade que é um Signo; um *Sinsigno*, um evento real que é Signo; e *Legissigno*, qual seja, uma lei que é Signo (Peirce, 2005). A segunda tricotomia diz respeito ao signo com relação ao seu objeto, e nela um Signo pode ser denominado *Ícone*, *Índice* ou *Símbolo*. A terceira tricotomia diz respeito ao signo em relação ao interpretante e divide os signos em *Rema*, “um Signo que, para seu Interpretante, é um Signo de possibilidade” (idem, p. 53); *Dicissigno*, “(...) que para seu Interpretante, é um Signo de existência real” (idem); e *Argumento*, “(...) um Signo que, para seu Interpretante, é Signo de lei” (idem).

A segunda tricotomia, por sua vez, é alvo de nosso maior interesse e por isso será melhor explicitada, uma vez que Maleval (2009/2017) se utiliza dela na elaboração da hipótese do Primado do Signo. Conforme dito no parágrafo anterior, ela indica o caráter interpretativo do signo, sua relação com o objeto.

O *Ícone* pode ser entendido como aquilo que materializa algo do seu Objeto, sem estabelecer uma conexão dinâmica com este, mas apenas por possuir qualidades semelhantes, provocando sensações análogas no interpretante, e é ainda destacado por Peirce como única maneira de comunicar diretamente uma ideia. São exemplos de *Ícone*, segundo o autor, as formulações algébricas, a escrita primitiva, fotos e diagramas, dentre outros (Peirce, 2005).

O *Índice*, por sua vez, diferentemente do *Ícone*, está fisicamente conectado a seu Objeto, é afetado por este, tendo ambos alguma qualidade em comum, na medida em que o índice é fragmento extraído do Objeto, conformando assim um “par orgânico” (Peirce, 2005, p. 73). Seus exemplos dão uma clara ideia dessa conexão: um relógio é índice das horas; um

barômetro, por exemplo, é índice da chuva; um cata-vento, índice da direção do vento. De modo geral, para o autor, tudo aquilo que atrai atenção, é índice, como uma batida na porta, uma vez que dá indício de algo, como causa e efeito. Assim, Peirce postula que “psicologicamente, a ação dos índices depende de uma associação por contiguidade, e não de uma associação por semelhanças ou de operações intelectuais” (Peirce, 2005, p. 76).

O terceiro elemento dessa divisão, o *Símbolo*, se refere ao Objeto em virtude de uma lei geral, conectando-se ao objeto pela força de uma ideia geral, na qual o Interpretante tem papel fundamental no estabelecimento dessa conexão. O Símbolo, em si mesmo, não identifica o Objeto, mas “é aplicável a tudo o que possa concretizar a ideia ligada à palavra” (idem, p. 73 [grifo do autor]). Seu uso faz com que seu significado cresça e se espalhe entre as pessoas. Desse modo,

Todas as palavras, frases, livros e outros signos convencionais são Símbolos. Falamos em escrever ou pronunciar a palavra “man” (homem) mas isso é apenas uma *réplica* ou corporificação da palavra, que é pronunciada ou escrita. A palavra, em si mesma, não tem existência embora tenha um ser real que *consiste* no fato que os existentes se *deverão* conformar a ela (Peirce, 2005, p. 71) [grifos do autor].

Em seu estudo, Peirce (2005) sustenta que essa é a mais importante divisão dos signos, destacando que nas três ordens de signos pode ser observada uma progressão linear: o ícone sem conexão dinâmica com o Objeto, ligado apenas por qualidades análogas a este; o índice conectado fisicamente ao Objeto; e o símbolo conectado a este por força da mente que usa o símbolo, que materializa essa conexão.

3.2 A Teoria do signo de Saussure

Além da Semiótica de Peirce, uma outra importante referência é Ferdinand de Saussure (1857-1913), importante linguista francês, cujas elaborações teóricas foram condição de possibilidade para a concepção da linguística como ciência moderna. A importância de retomá-lo aqui se justifica na grande influência que suas construções tiveram no ensino de Jacques Lacan, que se apropriou de maneira singular de diversos conceitos da teoria saussuriana do signo, relação que discutiremos mais adiante.

Até chegar em seu objeto, a linguística passou por sucessivas fases: a Gramática, a filologia, a Gramática Comparada, até chegar, finalmente, na neogramática, na qual, por compreender a língua como produto coletivo, Saussure vai extrair bases para a linguística científica. Em sua busca por definir leis gerais da língua, Saussure (1916/2006) apontara,

enquanto tarefa da linguística, realizar a descrição e história de todas as línguas, esbarrando aí na própria definição desse objeto que, apesar de sua dimensão fortemente atrelada as impressões acústicas, não pode ser reduzida ao som.

Embora, para o autor, a linguagem não seja uma faculdade natural, inerente ao homem, a capacidade de estabelecer um código entre signos correspondentes a conceitos distintos o seria. Equivale a isso o sistema da língua, enquanto conjunto de convenções adotadas pelo corpo social, que só existe por completo na massa, sendo apenas registrada passivamente pelos indivíduos. A estes intervém o lado executivo, a *fala* (Saussure, 1916/2006). Assim, define:

Enquanto a linguagem é heterogênea, a língua assim delimitada é de natureza homogênea: constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas (idem, p. 23).

Partindo dessa concepção, Saussure concebe a Semiologia, definida enquanto “*ciência que estuda a vida dos signos no seio da vida social*” (idem, 1916/2006, p. 24 [grifo do autor]), e a língua então como esse sistema de signos, entidades concretas desta ciência, com ordem própria.

A natureza do signo linguístico, intimamente associado à noção de língua, é conjugar um conceito à uma imagem acústica, a qual é psíquica, não da ordem da fala; portanto, imagem acústica não equivale a palavra falada. Ela é substituída, então, por significante que, junto ao conceito, definido no lugar do significado, formam o signo como unidade. Essa unidade tem duas características no Curso: é arbitrário, ou seja, significante e significado não se articulam por correspondência natural; além disso, destaca que o significante obedece a uma certa linearidade, forma uma cadeia por meio de uma sucessão no tempo.

O arbitrário do signo, pois, implica que o significante não mantém um laço natural com o significado, sendo imotivado em relação a este último. Ele se desenvolve baseando-se na lei da tradição, sofrendo, portanto, a ação do tempo e da massa falante, o que lhe confere tal caráter arbitrário (Saussure, 1916/2006). Tal relação foi representada por Saussure na seguinte imagem:



Fig. 3: signo linguístico (Saussure, 1916/2006)

Segundo essa lógica, uma propriedade básica do signo saussuriano seria a união indissociável entre significante e significado, tal qual as faces de uma folha de papel³⁰, de modo que cortando uma delas, corta-se a outra. O que está representado na figura é, portanto, traço de união entre as faces simétricas da palavra, significante e significado.

Nesse ínterim, o esquema de comunicação estabelecido por Saussure se define por processos psíquico, fisiológico e físico, respectivos, em um circuito no qual conceitos e imagens acústicas se unem formando signos no cérebro de A, que são dirigidos a B, que, por sua vez, recebe essas imagens acústicas e realiza o processo inverso.

A língua constitui, assim, o domínio das articulações, servindo de intermédio na decomposição e organização do pensamento - massa amorfa e caótica - com a matéria fônica, não menos indeterminada (Saussure, 1916/2006). Essa combinação, segundo ele, produz uma forma, não substância, que, fazendo parte de um sistema, implica a impossibilidade desses elementos formais serem tomados isoladamente; desse modo, Saussure forja um algoritmo, elemento, portanto, crucial nesse estatuto científico da linguística.

Sendo parte de um sistema linguístico, implicado na coletividade, um termo não pode ser considerado mera união entre som e conceito, uma vez que a língua comporta diferenças conceituais e fônicas resultantes desse sistema. É pela concatenação e vizinhança, ou seja, o contexto em que um termo é usado, que se pode obter uma distinção de seus elementos, o que alude a concepção de que o valor de um termo é determinado pelo que está ao seu redor:

Quando se diz que os valores correspondem a conceitos, subtende-se que são puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema. Sua característica mais exata é ser o que os outros não são (Saussure, 1916/2006, p. 136).

A respeito disso, Vorcaro (2004) sustenta, com Deleuze (1967), não haver designação extrínseca ou significação intrínseca que dê aos elementos simbólicos uma significação, pois não são dados de uma realidade pré-existente, mas que, pelo contrário, precisam da concatenação para que possam ser distinguidos. O valor simbólico de um elemento linguístico é justamente seu valor na rede social que está inserido, estando seu sentido subordinado ao critério de posição. Portanto, é a partir das diferenças que o signo se distingue, haja visto que só é audível porque é diferente dos outros elementos vizinhos; da mesma forma, é somente em um estado momentâneo que o valor de um signo pode ser precisado.

³⁰ “A língua também é comparável a uma folha de papel: o pensamento é o anverso e o som o verso; não se pode cortar um sem cortar, ao mesmo tempo, o outro; assim tampouco, na língua, se poderia isolar o som do pensamento, ou o pensamento do som; só se chegaria a isso por uma abstração cujo resultado seria fazer Psicologia pura ou Fonologia pura” (Saussure, 1916/2006, p. 131).

Ao postular, a partir da noção de valor e posição, que o signo se constitui por um sistema latente de oposições e agrupamentos que determinam sua significação, ou seja, ao ser colocado em um sintagma, Saussure (1916/2006) se depara com a interrogação da própria arbitrariedade do signo, na medida em que se vê às voltas com a negatividade da diferença (Vorcaro, 2004), concluindo que “*o signo pode ser relativamente motivado*” (Saussure, 1916/2006, p. 152). Afirma que, embora a língua apresente unidades independentes, é pelas relações sintagmáticas - uma coisa alinhada a outra em uma combinação de termos que se unem a um núcleo, formando uma oração - ou seja, um grupo de signos, que constituem uma massa organizada, que o arbitrário se limita (idem).

3.3 Da Linguística à Linguística de Lacan

A legitimação da linguística enquanto ciência foi uma ambição almejada por Saussure ao longo de suas pesquisas, que buscou organizar o discurso dessa disciplina em torno de um modelo tido por ele como ideal de ciência³¹. Nesse sentido, embora Milner (2012) chame atenção para o fato de Saussure não ter sido o primeiro a usá-lo ou a referenciá-lo à linguagem³² e, portanto, não funde algo novo, ao distinguir o Signo linguístico, Saussure pôde constituir a linguística em conformidade com o modelo de ciência em questão. No entanto, para alcançar o lugar de objeto de uma escrita científica, a linguística, pensando a linguagem como meio de transformar a realidade em pensamento, toma a língua como uma classe una, atribuindo-lhe caráter unívoco, uma vez que se ampara na lógica da língua matematizável que, por isso mesmo, não é falada por nenhum sujeito.

Para Vorcaro (2004) a delimitação do campo da linguística feita por Saussure implicou, por sua tentativa de constituir a língua como um real, a exclusão do sujeito psicológico, na medida em que considera um enunciador sem sujeito e privilegia uma noção de comunicação na qual há simetria entre o que é emitido e o que é recebido (Milner, 2012). Sua teoria do signo, com a noção de arbitrariedade, diz respeito a isso, posto que tenta fazer do signo um mestre de si mesmo (Milner, 2012). Por essa concepção, Saussure separa linguagem, fala e língua, entendendo esta última como a linguagem *sem* a fala, embora afirme

³¹ Segundo Milner (2012), Saussure se baseou na ciência euclidiana, cujos princípios são: ter o mínimo de axiomas e que estes sejam evidentes, dispensando demonstração.

³² Cf. Milner (2012), segundo o qual o conceito de signo remonta a Aristóteles enquanto inferência e fora pela primeira vez colocado a serviço de uma teoria da linguagem por Santo Agostinho.

a interdependência de ambas³³ (Saussure, 1916/2006). A fala, para ele, não exprime a coletividade, mas manifestações individuais e momentâneas da língua, de modo que a fala estaria subordinada a língua. A esse respeito, Milner (2012) atenta para a dimensão do equívoco, presente no campo da fala, que a linguística tenta tamponar, imaginariamente, ao provocar essa cisão. Ao separar língua e fala, está em questão um tratamento da língua como se ninguém a falasse, “(...) via mais segura de impedir todo e qualquer retorno incômodo daquilo que pudesse desfalcar o objeto a ser representado” (Milner, 2012, p. 43).

É preciso, no entanto, trazer à baila um outro Saussure, cujas pesquisas foram publicadas apenas anos depois de sua morte, através de uma compilação feita por Starobinski (1971). Trata-se do Saussure que, interrogado (ainda que indiretamente) pela questão do sujeito (Le Gaufey, 2001/2018), dedicou-se a uma longa pesquisa em torno das poesias antigas. Nessas leituras, Saussure escuta nos anagramas uma escrita escondida sob outra, palavras sob palavras, numa busca por “encontrar o antecedente fônico que está disperso no texto (...) uma palavra tema cujo material fônico mesmo seria utilizado pelo poeta, e se tratava de isolar e de escutar debaixo dele” (Miller, 2012, p. 113).

Sem perder de vista esse contexto, ao colocar em questão a arbitrariedade a partir de Lacan, no seminário 20 “*Mais, ainda*”, para quem é a contingência e não a arbitrariedade que está aí em jogo, Le Gaufey (2001/2018) aponta para uma existência localizada do signo, vindo a arbitrariedade dar conta de uma anterioridade do signo que só pode ser teoricamente pensada, como um mito de origem, em que se localiza unidades pré-formadas como uma parte do significado e uma parte do significante fora de sua combinação, para que assim se possa pensar no laço que os une. Em sua concepção, é por meio desse mito arrojado sob o nome de “arbitrário” que Saussure, sem nomear como tal, aloja o sujeito, para dar conta da inventividade da língua, não satisfeita pela oposição língua-fala. Aqui ele franqueia a diferença entre o arbitrário relativo, que rege a fabricação dos signos sob os princípios da língua, e o arbitrário absoluto, nessa dimensão impossível de explicar a produção da palavra por vias racionais, remetendo a esse sujeito inventivo. Para Le Gaufey (2001/2018), essa dimensão do arbitrário foi apartada e limitada tendo como horizonte a ambição de uma linguística científica, mas justamente porque ela colocava em jogo algo da ordem desse sujeito, como fica evidente com as pesquisas saussurianas sobre a dimensão anagramática, que foram por ele silenciadas no *Curso*.

³³ “Enfim, é a fala que faz evoluir a língua: são as impressões recebidas ao ouvir os outros que modificam nossos hábitos linguísticos. Existe, pois, interdependência da língua e da fala; aquela é ao mesmo tempo instrumento e produto desta” (Saussure, 1916/2006, p. 27).

Lacan, colhendo daí o que lhe interessa, toma outra via, trazendo à cena o sujeito foracuído e entendendo que a língua ressoa singularmente em cada um. A leitura anagramática feita por Saussure toma o significante como enigma e é com a descoberta freudiana do inconsciente, as contribuições do estruturalismo de Levi-Strauss e essas análises das palavras sob as palavras, que Lacan pode ir além no que diz respeito à comunicação, que não se trata somente de transmissão de informações, como almeja a linguística saussuriana. A linguagem comporta uma dimensão de uma “elucubração de saber sobre a matéria significante sonora fundamental” (Miller, 2012b, p. 116), que marca uma distância entre o que se diz e o que se escuta, constantemente sublinhada por Lacan. Mais que isso, comporta duas dimensões do dito: o que chega ao ouvido e o que se compreende disso (idem). Portanto, o que da linguística interessa à psicanálise é que é graças ao fato de que há língua, que há inconsciente, pois há uma escrita possível (Milner, 2012).

A linguística atesta a articulação significante entre língua e desejo e é nesse ponto que sua escrita toca um real. Há nessas escutas dos anagramas uma condição de possibilidade para o que Lacan forja como *lalíngua*³⁴ (Miller, 2012b):

Disso decorre, mais precisamente, que possa ser definido um ponto em que a língua – ao mesmo tempo o fato de que ela existe e de que ela tenha tal forma – e o desejo inconsciente se articulem. Esse ponto (...) Lacan nomeou: é *lalíngua* (...) (idem, 2012, p. 65).

A linguística, ao tomar a língua como objeto científico, apreendida como completude e consistência, ignora a falta e ignora o que vem de *lalíngua*, na medida em que busca tamponar o não-todo próprio deste elemento e, com isso, a dimensão do equívoco, que é própria da língua. Contudo, é pela linguística de Saussure que são dadas as condições de possibilidade de se pensar a linguagem enquanto estrutura (Vorcaro, 2004), de modo que há algo de *lalíngua* que só é possível devido à existência dessa disciplina e a psicanálise reconhece nessa possibilidade a evidência dos processos inconscientes.

Sem negar à linguística o devido reconhecimento, ao considerar e reintroduzir o sujeito no campo da linguagem, a partir da subversão freudiana, Lacan toma a devida distância desse campo: “meu dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem não é do campo da linguística” (1972-73/2008, p. 22). Para ele, não se trata apenas de uma diferença interpretativa, mas de uma verdadeira divergência na exploração do Significante e Significado. Sua distinção é que a experiência da linguagem e a relação significante lhe

³⁴ Uma nota de rodapé no texto “A instância da letra” mostra esse encontro: “A publicação, feita por Jean Starobinski no *Mercure de France* de fevereiro de 1964, das notas deixadas por Ferdinand de Saussure sobre os anagramas e seu uso hipogramático, desde os versos saturninos até os textos de Cícero, dá-nos a certeza que faltava na ocasião (1966)” (Lacan, 1957/1998, p. 506)

permite articular a dimensão simbólica, radicalmente distinta do real (Lacan, 1961-62/2003). Há originalidade no traço de serialidade do significante, que Saussure não ultrapassa, pela lógica imaginária do arbitrário do signo, que acredita que os efeitos de significado nada têm a ver com o que os causa. Ele diz: “Por que é que damos tanta ênfase à função do significante? Porque é o fundamento da dimensão do simbólico, o qual só o discurso analítico nos permite isolar como tal” (Lacan, 1972-73/2008, p. 27). Então, para nomear o domínio no qual se encontra, ou seja, a mudança de discurso, ele forja um nome: Linguisteria.

Há uma importante distinção entre valor e significação que Saussure aponta no Curso: significação é “a realização do significado de um signo feito no nível da fala, da execução” (Saussure, 1916/2006, p. 133); é o que marcam as setas colando significado e significante em seu algoritmo. Logo, a significação em Saussure está na relação vertical entre significado e significante, enquanto o valor é um elemento da significação, dado em relação a outros signos. Ao retomar o algoritmo saussuriano, Lacan, em busca das ligações do significante e suas funções no significado, apaga as setas que Saussure se utiliza na definição do signo, as quais possibilitavam a leitura da barra como traço de união e de separação. Segundo Le Gaufey (2001/2018), isso desloca a questão do signo saussuriano, relativa às ligações entre significantes e significados, para as ligações entre significantes, fazendo valer uma autonomia do significante, da qual o significado aparece como efeito das produções de significações, deslizando sob o significante. Lacan apaga as setas que marcam o arbitrário por situar aí um sujeito distinto do de Saussure: está acomodado no lugar do significado, pois são, ambos, efeitos das relações significantes (Le Gaufey, 2001/2018).

Arrivé (1986/1994), linguista leitor de psicanálise, ao construir um percurso entre a linguística e a psicanálise, aponta que na apropriação lacaniana do esquema de Saussure, além do apagamento das flechas da figura, há uma diferenciação hierárquica em relação ao S do significante, representado numa maiúscula romana, e o s do significado, com uma minúscula itálica, que seriam impensáveis em Saussure. Além desses elementos, há uma mudança mais sutil, não na forma, mas na denominação da “barra” horizontal entre o Significante e o Significado, nomeação feita por Lacan, não por Saussure. Neste, o traço não é de separação, enquanto, segundo Arrivé (1986/1994), Lacan lê o traço ao pé da letra: nomeia e fundamenta-o como barreira, que resiste a significação; logo, enquanto barreira, tanto separa, como pode ser ultrapassada. Para ele, “o significante lacaniano é sempre pensado, topologicamente, como passando acima do significado. Daí a inversão da posição recíproca dos dois termos do esquema saussuriano (...)” (Arrivé, 1986/1994, p. 106).

Com a dimensão trazida pela linguística, é possível a Lacan realizar um retorno à obra freudiana, sobretudo em textos como *A interpretação dos sonhos* e *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, de maneira a considerar que algo da primeira já estava presente em Freud. Em sua primeira obra, *Contribuição à Conceção das Afasias*, de 1891, Freud desenvolve o embrião de uma teoria da linguagem no campo da psicanálise. Arrivé (1986/1994) destaca que a despeito de Freud não retornar numa formalização explícita, elementos da linguagem estão presentes em toda sua obra. A (re)leitura lacaniana do texto freudiano destaca que a descoberta deste último é justamente a sobredeterminação da ordem simbólica na natureza do homem, ou seja, que a ordem simbólica não é constituída pelo homem, mas o constitui: “o que Freud nos ensina (...) é que o sujeito segue o veio do simbólico” (Lacan, 1998, p. 33). Essa leitura embasa a noção de que não há realidade pré-discursiva, visto que é “o mundo das palavras que cria o mundo das coisas, inicialmente” (Lacan, 1998, p. 277), e não o oposto. Posiciona, assim, a base conceitual de que é o simbólico que humaniza e é posto nesta ordem que é possível ao homem falar; é, no entanto, sua ignorância em relação a essa estrutura na qual está totalmente envolto, em carne e osso, desde antes de sua vinda ao mundo, que lhe possibilita acreditar no seu – somente suposto – livre arbítrio na condução de suas escolhas.

Todo esse percurso serve para demarcar aqui que, embora tenha partido de elementos da linguística e se referencie a esta em diversas exposições ao longo de seus seminários, Lacan marca a distinção da psicanálise em relação a ela justamente por fazer uma apropriação singular desses elementos, importando conceitos e metamorfoseando-os de acordo com o discurso analítico, o que implica conceber, de outro modo, a própria linguagem, a língua, e o sujeito. Sua obra, no entanto, é extensa, e seu ensino comporta uma série de momentos distintos, nos quais diversos conceitos sofrem alterações. Tentaremos perscrutar, de forma breve, esse percurso, a partir de uma orientação cronológica e conceitual que caminhe do campo da linguagem, ao franqueamento de *la língua*.

Inicialmente, segundo Vorcaro (2004), é a partir do resíduo da cisão língua/fala, operada pela linguística saussuriana, que o discurso analítico pôde ser definido por Lacan, fundado pelo que funciona como fala e é definido como campo (Lacan, 1972-73/2008). Ambos os conceitos são fundamentais em seu retorno a Freud. Em “Função e Campo”, Lacan (1953/1998), restaurando a emergência do sujeito da enunciação, aponta a fala enquanto o que introduz o efeito significante no sujeito, por sua função simbolizadora, o que lhe possibilita formular a asserção de que um significante representa o sujeito para outro significante. Nesse texto, Lacan (1953/1998) evidencia as ressonâncias da palavra, elementos não comunicáveis, cuja função é evocar, ou seja, os efeitos dessas ressonâncias estão no campo da comunicação,

mas de forma indireta, não como informativo. Essas ressonâncias, segundo essa trilha, são uma escuta do não-dito, propriedade metonímica da palavra (Miller, 2012b). Nesse escrito, o inconsciente está forjado como um deciframento das cadeias significantes, situado a partir dos efeitos semânticos, havendo aí uma equivalência do inconsciente e do sujeito, a partir das formações do inconsciente.

A exploração lacaniana remete à teoria do valor de Saussure, levando a uma consequência óbvia da noção de que o significante só adquire valor na rede (Vorcaro, 2004). Assim, Lacan afirma em *Função e Campo*:

É que, numa linguagem, os signos adquirem valor por sua relação uns com os outros, tanto na divisão léxica dos semantemas quanto no uso posicional ou flexional dos morfemas, que contrastam com a fixidez da codificação aqui exposta. E a diversidade das línguas humanas adquire à luz disso seu pleno valor (Lacan, 1953/1998, p. 298).

Nesse texto, Lacan franqueia que para que objeto transforme-se na palavra, se faz condição que esteja liberto de seu uso concreto, sendo portanto, simbólico, já que é “por aquilo que só toma corpo por ser o vestígio de um nada, e cujo suporte desde então não pode alterar-se, o conceito, resguardando a permanência do que é passageiro, gera a coisa” (Lacan, 1953/1998 p. 277).

É interessante notarmos que, em um primeiro momento de seu ensino, fica nebulosa a divisão do signo e do significante, na medida em que, pela influência da linguística estrutural, Lacan apreende o significante como constituinte do signo linguístico. Quando se trata do termo significante, temos uma homonímia entre Lacan e Saussure, tendo em vista que Lacan o pega emprestado do último, mas os termos não se confundem (Arrivé, 1986/1994). Arrivé aponta ainda que o próprio termo “linguagem”, usado por Lacan na célebre frase ‘o inconsciente está estruturado como uma linguagem’, não é o mesmo da linguística.

Lacan, ao separar significante e significado, rompe a relação entre som e sentido. Com todas essas mudanças, Castro (2006) afirma que Lacan funda uma espécie de linguística sem signo. A partir de suas formulações, “o signo destituído de suas características principais torna-se inoperante na sua função representativa” (Castro, 2006, p. 33), e a subversão provocada pelo algoritmo lacaniano promove uma redução que perscruta uma formalização, nível no qual o sentido não está dado de imediato: aí está a escritura.

Essa apropriação coloca em cena que o discurso é dominado pelas leis da articulação significante, estruturas de oposição que modificam o mundo desde sua constituição. Influenciado pela antropologia estrutural e se distanciando, portanto, de uma espécie de ‘mentalismo’, que supusesse a noção de inconsciente como sendo da ordem do indivíduo, um

fato mental, Lacan articula, então, o inconsciente enquanto efeito de trocas simbólicas, uma função, estruturado como *uma* linguagem.

Nesse momento de seu ensino, estamos falando a partir do campo da estrutura em que a linguagem se define como um conjunto de elementos relacionados cuja variação é interdependente. Assim, segundo essa fórmula do inconsciente estruturado como uma linguagem, Miller (2012b) extrai três consequências: (1) o inconsciente é uma estrutura, o que implica uma organização de elementos constituintes de um sistema; (2) esses elementos são os mesmos da linguagem; (3) a influência de Saussure nessa formulação, que condiz essa linguagem ao signo, permitindo-nos distinguir significante e significado.

Para Miller (2012b), a abordagem da linguagem segundo essas referências da linguística saussuriana leva a suspensão da diacronia, sendo a temporalidade tomada sincronicamente a respeito do objeto linguagem, numa perspectiva, portanto, sincrônica e transindividual. Essa linguagem implica, no entanto, um Outro correlativo ao conceito de fala, diacrônica e individual. Lacan bebeu da linguística para trabalhar com essa ideia de linguagem, mas dá maior referência à fala, sobretudo por ter como referência Hegel, marcando aí uma perspectiva dialógica e intersubjetiva (Miller, *idem*).

Enquanto a linguística compreende a linguagem como um todo que reúne as línguas, Lacan coloca em cena a impossibilidade de totalização das línguas, de pensar a língua como classe *una*. Pensá-la assim é inconsistente, posto que há sempre um elemento incomensurável em jogo: a dimensão do equívoco (Milner, 2012). Desde que a língua comporta essa dimensão, implica aí também uma exclusão interna que é o sujeito (Vorcaro, 2004), o que leva a um giro na leitura de Lacan em torno da ideia de comunicação: o sujeito aqui é posto como aquilo que só aparece no intervalo entre o eu do enunciado e o sujeito da enunciação (*idem*).

Nessa lógica, é a concatenação de significantes que franqueia os efeitos de significado e significação, posto ser o significante somente representante da representação, advindo dos apagamentos do traço original que, sendo impossível de ser reencontrado, só se apresenta como manifestação da diferença. É, portanto, artifício, que somente ao ser posto em relação é que faz efeito de sujeito (Lacan, 1976-77), pois este advém aí onde está a rasura do traço, aí onde se instaura a articulação significante.

O sujeito é posto em cena justamente enquanto efeito desse apagamento do traço, se fazendo representar por um significante que desconhece, um S_1 , significante fálico, que lhe permite remeter seu valor de um significante para outro, uma referência no mundo simbólico que lhe possibilite circular na linguagem enquanto partilhada.

Ao comparar o funcionamento das abelhas e suas formas de comunicação, Lacan (1953/1998) aponta o que distingue isto em relação a linguagem como exatamente a fixidez com a qual seus signos se correlacionam com a realidade, pois numa linguagem os signos só têm seu valor dado a partir de sua relação com os outros da cadeia. Nessa medida, a lógica de signos, pela concepção de valor em Saussure, passa a compor a lógica dos significantes em Lacan, de modo distinto.

Segundo Nina Leite (2019), a partir de 1957 Lacan começa a operar uma limpeza em relação à teoria, que se dá no “terreno dos alicerces em que se assenta a possibilidade de fazer teoria, de fazer do conhecimento um sistema, uma arquitetura que se sustenta sobre seus próprios enunciados ou ditos” (Leite, 2019, p. 20), de modo a abrir um lugar para a psicanálise no campo das ciências humanas, na medida em que o objeto desta sempre escapa à investigação, conferindo certa especificidade aos conceitos nesse campo. Isso é importante, na investigação aqui em questão, para compreendermos que, ainda que aporte em diversas teorias e disciplinas, como é o caso da linguística, o uso que se faz do conceito em psicanálise comporta esse caráter de deformação, como tentativa de circunscrever seu objeto.

No escrito “*A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*” (Lacan, 1957/1998), Lacan volta a Freud, à luz da linguística, para tentar dar conta do conceito de inconsciente. É um texto em que Lacan faz um retorno à linguística estrutural, sobretudo Saussure, e explora com maior vigor essa referência, se apropriando de diversos conceitos dessa disciplina e vergando-os na direção de seu discurso. Nessa medida, a letra aparece como aquilo que separa significante e significado, na medida em que é conceituada como significante despojado de seu valor de significação. Assim, o significante, pensado sob o domínio da letra, promove uma subversão na noção de signo de Saussure.

A linguística aponta para um sistema naquilo que se escuta, algo distinto das propriedades do som, mas que captura um sistema fonemático que franqueia a oposição entre fonemas e os distingue, franqueando um saber em função das diferenças semânticas naquilo que se escuta (Miller, 2012b). Esse sistema, Lacan o apresenta como as letras de um molde de impressão no sistema antigo. Os elementos da fala, portanto, funcionam como molde que presentifica a letra, prefigurando palavra à impressão. A letra, como tal, “presentifica o que desprende o significante do significado (...) está como tal desprendida do valor de significação (...)” (Miller, 2012b, p. 126). Nesse nível, segundo Miller (2012b), está colocando em jogo também que o inconsciente é também questão de escritura. Lacan busca, nesse Escrito, isolar o que há de escritura na palavra, retornando a Freud e sua análise dos sonhos para demonstrar tal reflexão. O sonho mostra o campo da escritura, posto que a imagem onírica é retida não

por sua significação, mas por seu valor de significante, devendo ser lido como *rébus* (Freud, 1900/2019). O sonho vale, então, como uma letra, criptograma, cifra, na medida em que é aí que o sentido está oculto, até se inscrever em uma língua a partir da qual se reconstitui (Miller, 2012b). Segundo essa dimensão, Lacan ilustra certa equivalência entre a estrutura de linguagem e o estatuto da escrita nesse momento de seu ensino, demonstrando a afinidade entre o simbólico e a letra. “*A Instância da Letra*” é, pois, voltado a essa construção da leitura-deciframento, marcando o estatuto de escrita do sonho e a operação de leitura para que se possa interpretá-lo. Nesse nível, Miller (2012b) afirma que “há tanto mais significância quanto mais o significante funciona como uma letra separada de seu valor de significação” (idem, p. 128).

Nessa direção, Castro (2006), buscando distinguir as propriedades da letra localizada no inconsciente, afirma que, nesse escrito, “a letra conjuga na fala os mesmos elementos presentes na escrita, ou seja, é possível estabelecer, tanto na fala quanto na escrita, uma combinação de letras que interfere no sentido” (p. 35), pontuando com isso uma estrutura literante da fala que permite tomá-la tal qual a indicação freudiana acerca do *rébus*. O deciframento, nesse ínterim, tem por implicação as leis próprias das formações do inconsciente.

Há, ainda nesse texto, um importante marco, ao rechaçar o sentido como fenômeno condicionado pela ideia de estrutura, passando a ser apenas efeito desta. Lacan sustenta que a estrutura do significante implica ele ser articulado, obedecendo às condições de estarem reduzidos a elementos diferenciais e de se comporem segundo as leis da cadeia significante. Assim sendo, a estrutura, a partir da letra, é a relação dos significantes entre si por combinação ou substituição, e o sentido é efeito dessas operações: retido na metonímia ou emergente na metáfora (Miller, 2012b).

Situando a cisão da coisa ao se reduzir a um nome, Lacan (1957/1998) retoma a *Traumdeutung* de Freud para explorar o valor significante das imagens do sonho enquanto realização de um *rébus*, operação de cisão entre o valor significante da imagem e sua significação. Segundo os passos da *decifração* freudiana, franqueia aí as leis da linguagem: *Entstellung* ou transposição, designada pelo deslizamento do significado sob o significante, condição da função do sonho e sempre em ação no discurso; *Verdichtung*, condensação, estrutura de superposição de significantes, mecanismo que em Lacan é lido por Metáfora; e *Verschiebung*, ou deslocamento, operação do inconsciente para despistar a censura do recalque, em Freud, que Lacan aproxima então da função metonímica da linguagem, de transporte da significação.

Segundo esses elementos, ao definir a tópica do inconsciente a partir do algoritmo S/s, Lacan franqueia as leis de articulação do significante: a metonímia, como manutenção da barra, está aí como razão do inconsciente como repetição, constituindo aquilo que resiste à significação; ultrapassando a barra, está a emergência da significação, efeito de substituição de um significante por outro significante, estrutura da metáfora. Essas operações que permitem a Lacan situar essas leis, pela retomada da análise freudiana do sonho, são também o que lhe permitirá sublinhar a prevalência do textual no inconsciente, enquanto aquilo que cifra a realidade. É isso o que franqueia uma operação de leitura (Lacan, 1957/1998).

Com a introdução da letra³⁵ com maior referência, designando a estrutura localizada do significante, Lacan introduz a função da escrita na função da fala (Miller, 2012b), formalizando o inconsciente como escritura e, sua escuta, uma leitura (Castro, 2006), o que franqueia um enlaçamento entre escritura e leitura produzido pela letra. Até então, seu objetivo é cernir a materialidade do inconsciente, buscando romper com a noção de inconsciente substancial, derivada de Freud, tomando, para tal, o significante ao pé da letra (Castro, 2006); isso implica, então, tomar como letra, o fonema, descortinando a dimensão da escritura da letra naquilo que se escuta no que se lê, tendo o sentido como efeito. Define então: “(...) o inconsciente é o discurso do Outro (...)” (Lacan, 1957/1998, p. 529). Nessa medida, tendo em vista o campo do Outro, produz-se uma consequência importante na psicanálise, como observa Castro (2006): a interpretação analítica não como produção de mais sentidos, mas sim como pontuação e escansão de um texto.

Retomando a elaboração do grafo do desejo, Miller (2012b) sublinha que este versa a questão da comunicação intersubjetiva, ou seja, uma estrutura de *diálogo*. Esse aparelho é acionado por uma intenção de significação, ou seja, seu ponto de partida é uma intencionalidade, que mantém o sujeito como vontade-de-dizer. Aqui Miller (2012b) novamente marca uma diferença no ensino de Lacan: quando está centrado na relação intersubjetiva, o sujeito é desejo de reconhecimento pelo Outro; mas o sujeito barrado, este é vontade de dizer na direção do Outro, em função deste.

Portanto, Miller (*idem*) marca que o cerne da função da fala é essa vontade-de-dizer do sujeito e nesta está implicado o Outro, envolvendo pergunta e resposta: “A fala do primeiro ternário é sempre articulada, numa determinada estratégia, ao Outro, sempre decifrável como

³⁵ Vale ressaltar que Milner (1996) diferencia três abordagens da letra em Lacan, que seguem o veio cronológico de seu ensino: no primeiro classicismo, a letra como estrutura essencialmente localizada do significante; no segundo classicismo, a letra se fundamenta na matemática, como um enxame de S_1 não encadeados, ou seja, como aquilo que faz constelação, em uma leitura (*hiper*)bourbakista (*idem*); e no período de desconstrução, com o desvio da letra com a referência à topologia do nó borromeano, está o suporte do poema ou cálculo poemático.

uma estratégia do sentido” (Miller, 2012b, p. 8). Ele destrincha então: a fala histérica estando na ordem de um querer-dizer, evidenciando a distinção entre o dizer e o dito, na medida em que o dito concerne a insatisfação da impossibilidade de dizer toda a verdade, pois a verdade não pode ser toda dita. Por sua vez, a fala obsessiva seca a interpretação, visando a adequação do querer-dizer ao dito, de modo que a divisão subjetiva não apareça. Já na psicose, a fala “assume a tarefa de interpretação” (Miller, 2012b, p. 9), enquanto a fala perversa debocha do sentido.

Em resumo, no campo da fala está situada uma noção de linguagem que visa a comunicação, havendo uma perda de gozo implicada nessa experiência. A palavra, pois, está inscrita em um circuito pergunta-sujeito-resposta-Outro (Miller, 2012b) que é do campo do diálogo, do “blábláblá”, ou seja, a fala vazia (Lacan, 1953/1998). O “blábláblá”, no qual prevalece não o seu sentido semântico, mas a própria “blablação”, apenas trata de garantir a função da comunicação, de manter o contato com o Outro: “quanto mais o blablá é vazio, mais ele manifesta a direção para o Outro, o gancho que o prende ao Outro” (Miller, 2012b, p. 14).

Alguns anos depois da publicação desse escrito, Lacan, no Seminário *A Identificação* (1961-62/2003), se vê diante da exigência de articular mais precisamente a concepção do sujeito estrutural em suas relações com o significante e, por conseguinte, a relação deste com o signo.

Tomado por uma epifania a partir dos entalhes traçados na costela de um animal no museu Saint-Germain, se utiliza disso para pensar a inscrição dessa relação e diferença, na medida em que, para aquele que entalhou, cada traço se tratava de um signo, designando um referente. No entanto, para quem vê esses entalhes no museu, essa ligação entre o signo e a coisa que ele representava está dissolvida, e é precisamente nesse ponto que Lacan marca a condição do surgimento do significante. Este não como um constituinte do signo, mas justamente aquilo que emerge dos diversos apagamentos dessa relação do signo com seu referente.

Segundo Le Gaufey (2001/2018), é a partir daí que Lacan vai encontrar referência na Semiótica, retomando a definição peirciana do signo como aquilo que representa alguma coisa para alguém. No entanto, Le Gaufey (2001/2018) acrescenta que, em Lacan, esse “alguém”

(...) não sustenta, aliás, sua existência – ele é ‘aquilo que é acessível a um signo’, isto é, o lugar em que se faz a diferença e a relação [*rappor*t] entre o signo e sua ‘coisa’ (nome que Lacan atribui ao referente como resto da operação de apagamento que isola o significante como tal) (Le Gaufey, 2001/2018, p. 215).

É pelo signo apagado, traço de algo que não se sabe dizer o que, que é transformado em um significante, em que se pode supor um sujeito que liga significantes, não mais representações, “sujeito que constitui laço entre significantes ‘como tais’ – de modo que, de um significante a outro, haja relação [*rapport*], uma relação não mediada pelo mundo referencial, seus ‘objetos’ e suas ‘coisas’” (Le Gaufey, 2001/2018, p. 215).

Lacan, ainda no Seminário “A identificação”, retoma *O Curso* (Saussure, 1916/2006), para apontar que, diferente do signo, “o que distingue o significante é somente ser o que os outros não são; o que, no significante implica essa função de unidade é justamente ser somente diferença (...)” (Lacan, 1961-62/2003, p. 49). É, portanto, no sistema de valor do signo saussuriano que Lacan vê uma proximidade com as instâncias psíquicas elaboradas por Freud, subvertendo, no entanto, seu uso.

Adentrando nessa seara, são diversas, também, as querelas em relação ao significante lacaniano, considerando as mudanças no decorrer de seu ensino, dadas as referências encontradas pelo caminho que levaram a uma série de guinadas na sua teorização. Desde 1986, no entanto, Arrivé (1986/1994) apontara uma questão importante nesse íterim que nos situa diante da dificuldade, desde a leitura lacaniana de Freud, de isolar conceitualmente o lugar do significante: ora Lacan afirma o significante como a *Wahrnehmungszeichen* (traduzido como signo de percepção), ora como *Vorstellungsrepräsentanz* (representante da representação). Como fica evidente numa passagem já a certa altura de seu ensino, no seminário de 1971, *De um discurso que não fosse semblante*: “(...) WZ, *Wahrnehmungszeichen*, e discernir que isso foi o que ele pôde encontrar de mais próximo do significante na época em que Saussure ainda não o tinha trazido à luz (...)” (Lacan, 1971/2009, p. 111). WZ e VR são conceitos distintos na obra Freudiana e, diante desse impasse, tomamos partido por acompanhar Le Gaufey (2001/2018) em sua argumentação de que *Vorstellungsrepräsentanz* é melhor qualificado para enunciar a materialidade do significante, por ser ele somente representante *da* representação, não representativo, no que fica evidente sua face significante. Por outro lado, WZ é signo de uma percepção, traço, que deve ser colocado, pelo aparelho psíquico, em relação com um signo de realidade para ser reencontrado na percepção atual e, assim, sancionado pelo juízo de existência. Nesse sentido, Le Gaufey (2001/2018) pontua que é justamente o fato de estar apenas em relação a uma realidade, que não se qualifica como significante.

Partindo dessa construção, Lacan abraça e aclara um pouco mais a questão em torno do signo, recobrando a definição peirciana deste como *aquilo que representa algo para alguém*. Estando o alguém lá como suporte do signo (Lacan, 1961-62/2003), ele vai apontar

sua distinção em relação ao significante exatamente por ser, este último, somente o que os outros não são, ser somente diferença. Segundo essa fórmula, ao perseguir a função da escrita no Seminário *A Identificação*, Lacan (1961-62/2003) sustenta o signo como a forma mais elementar da subjetividade, aquilo que aparece antes de todo uso da escrita.

A seu estilo singular, diante dessa questão, ele introduz a letra, para diferenciar o significante do signo e, com isso, a questão da escrita. Sem adentrar muito na questão, Le Gaufey (2001/2018) aponta que a emergência do alfabeto pode ser lida um dos grandes “apagamos” da humanidade. Ao tecer a dimensão do nascimento da letra pensando a partir da escrita chinesa, Lacan aponta:

é articulado *an*; o sujeito que observa esse ideograma o chama de *an*, enquanto ele representa o céu. Mas o que vai resultar disso é que a posição se inverte: que, a partir de certo momento, esse ideograma de céu servirá, numa escrita de tipo clássico, para suportar a sílaba *an* – que já não terá relação alguma, nesse dado momento, com o céu (Lacan, 1961-62/2003, p. 92).

Nesse trecho, embora esteja falando da escrita ideográfica, estende seu alcance, coroando que é dessa operação, ou seja, de um primeiro colocar em relação – *an* = céu – e depois de uma inversão nessa relação – em que o ideograma de céu suportará a sílaba *an* sem relação com o céu –, que a escritura aprende a funcionar como escrita. A letra é então o que permite o esvaziamento total do significante, na medida em que reduz ao extremo qualquer ligação que pudesse haver em relação a um referente, localizando aí o significante. Isso permite a Lacan concluir *o significante como aquilo que representa o sujeito para outro significante*, fórmula que essencialmente o distingue do signo (Le Gaufey (2001/2018)).

O signo, como tal, conota um modo de aparição do significado, o qual resulta da colocação do significante em uma cadeia. Sendo o significante descolado do objeto, é somente na cadeia significante que o sentido insiste, de modo contingencial, o que permite vergar os elementos da linguagem em qualquer direção e põe em cena a dimensão do equívoco. O signo, por sua vez, é apontado em diferentes momentos, de distintas formas: como aquilo que pode se fazer circular em um mundo objetivado (Lacan, 1973-74/2018); o que estaria por baixo do significante (1962-1963/2005); e que somente a função do Um desloca o signo para o significante. Conforme sustenta Lacan (1968-69/2008), se a relação sexual existisse, seria apenas uma questão de signo, na medida em que daria Um.

Em “*A ciência e a verdade*” (Lacan, 1965-66/1998) o significante atua separado de significação, como traço de literalidade. Uma vez que a letra é, então, o significante sem valor de significação, em sua materialidade – dada tanto pela letra-molde como pelo sistema de

oposição dos fonemas -, Miller (2012b) sustenta que há, nesse período, equivalência entre a *parole* (que tanto pode significar palavra como fala) e escritura.

Segundo Miller (idem), no entanto, há uma mudança no estatuto da palavra em Lacan, a partir de suas interrogações sobre o gozo. Isso se esboça no texto *Prefácio de uma tese*, datado de 1970, localizado nos *Outros Escritos* (1970/2003), em que Lacan está às voltas com a linguagem como condição do inconsciente, onde o neologismo “*aparola*” é usado por Lacan, no lugar do conceito de fala. Esse uso marca uma distinção que para nós é fundamental: a fala está sempre no campo da relação, do diálogo; a *aparola*, por sua vez, é monólogo.

O franqueamento do neologismo *Aparola* vem de aparelho: *parole* (palavra) + *appareil* (aparelho) = *l'apparole*. Essa dimensão do aparelho é trazida por Lacan pouco tempo depois, na aula de 14 de janeiro de 1970, no Seminário *O avesso da psicanálise*, em que aponta, a partir da articulação significativa, o saber como meio de gozo que, quando trabalha, produz “entropia”, perda-de-gozo. A isso, ele pontua: “Nisto se traduz, se arremata e se motiva o que pertence à incidência do significante no destino do ser falante” (Lacan, 1969-70/1992, p. 53), e amarra em seguida “isto pouco tem a ver com sua fala, com sua palavra. Isto tem a ver com a estrutura, que se aparelha. O ser humano (...) húmus da linguagem, só tem que se *emparilhar*, digo, se *apalavrar* com esse aparelho” (Lacan, 1969-70/1992, p. 53), fazendo referência, nesse trecho, ao neologismo forjado pouco tempo antes.

Se nesse seminário saber é meio de gozo, no seminário de 1971, *De um discurso que não fosse semblante*, são colocados em campos distintos, em consequência da mudança no estatuto da letra, que se separa do significante e é conceituada como *litoral*. Em “*Lituraterra*” (Lacan, 1971/2003), escrito que é contemporâneo a esse seminário – e compõe uma de suas lições - significante e letra não são mais indissociáveis, como nas primeiras elaborações lacanianas em que o que se aplica conceitualmente para um, também vale para o outro, mas passam a ser postos em polos opostos; há uma mudança em seu estatuto, que passa a se assentar nessa noção de litoral (Castro, 2006).

Um importante fator histórico nessa mudança é a recusa de Lacan a um estatuto primário da Letra tal qual postulado por Derrida, que o leva a recusar esse lugar da letra como arqui-escritura, como marca primeira, postulando-a como litoral entre saber e gozo (Castro, 2006). “A promoção da letra em detrimento do significante vem indicar que este, por si, não responde por tudo que pode estar em jogo na experiência de uma análise” (Mandil, 2003, p. 47), de modo que se constitui, assim, como objeto que permite apreender o gozo, e possibilita uma formalização da psicanálise por meio dos matemas e do nó borromeano. “A letra permite

um tratamento do gozo e ao mesmo tempo cerne o furo no saber” (Castro, 2006, p. 54) através da apreensão, circunscrição, desse gozo, pelo escrito; ela é borda entre saber e gozo. *Lituraterra*, nesse contexto, é um chiste lacaniano que brinca com as homofonias da palavra, resultando nessa ideia de uma escrita que possui rasuras, sem compromisso com o sentido (Castro, 2006), posta mais ao lado do indecifrável. Vale ressaltar que, nesse brincar, Lacan faz ato da função estrutural do equívoco, aí incluindo o gozo. Ele retoma nesse texto uma menção à Freud, para apontar a letra não como marca primária, originária, mas como rasura, sulcagem. Isso implica também, seguindo o rastro de Castro (idem), uma mudança em relação à constituição do sujeito: se no seminário 9, *A identificação*, ele emerge do apagamento do traço unário, que o subordina ao significante, em *Lituraterra*, ele se constitui como rasura de “traço algum anterior” (Lacan, 1971/2003, p. 21), pois é a rasura que o constitui como traço, já quase apagado. A partir dessa noção de rasura, o escrito é colocado como sulco – erosão provocada pelas chuvas -, que se localiza do lado do real; e é nisso que Lacan localiza o gozo, a partir do rompimento do semblante, acolhido pelo escrito (Castro, 2006).

É ao forjar o conceito de lalíngua [*lalangue*], cuja primeira aparição se dá no seminário “*O Saber do Psicanalista*” – que acontece paralelamente ao Seminário “*...Ou pior*” - em 1971, que Lacan provoca um abalo na estrutura de seu ensino, na medida em que “o fenômeno essencial do que Lacan chamou lalíngua não é o sentido – é preciso se dar conta disso –, mas o gozo” (Miller, 2012b, p. 11). Lacan franqueia esse neologismo a partir de um lapso, estando em questão aí a fórmula do inconsciente estruturado como uma linguagem; segundo ele, *lalíngua* “não tem nada a ver com o dicionário (...) não é esse lado que tem a ver com o inconsciente” (Lacan, 1971-72/2000, p. 15); disso extrai que a linguagem no campo da psicanálise não é a linguagem-objeto, pois esta está no campo da metalinguagem. Aqui, se busca um nome para aquilo que não é do campo da univocidade, aquilo que impede a construção de uma classe de línguas, que foge ao registro do coletivo. *Lalíngua* está fora do sentido, é acúmulo de mal-entendidos, de criações languageiras singulares que comportam uma dimensão diacrônica (Miller, 2012b), matriz da equivocidade, apreensível somente do corpo na qual deixa marcas.

A partir desse movimento, o princípio que rege os conceitos da teoria lacaniana não é mais um querer-dizer, mas um querer-gozar (Miller, 2012b). Miller (2012b) demarca de saída um ponto importante acerca disso, a saber: que em *lalíngua*, os elementos de linguagem não o são tão bem discerníveis e delineáveis, na medida em que comporta uma dimensão do equívoco que põe em suspensão sua definição como estrutura, embora não deixe de estar relacionada a esta. Assim, não mais a significação, mas sim a pulsão é tomada como “motor

do ser falante” (idem), de modo que Miller interpreta o grafo do desejo como uma tentativa lacaniana de fazer da pulsão um tipo de mensagem, dotada de um vocabulário próprio. Segundo essa direção, ele sustenta que Lacan partiu da comunicação e estruturou a pulsão a partir da fala, dando a pulsão um lugar como querer-gozar, sob domínio de um querer-dizer.

Se no campo da linguagem se está no domínio da comunicação, do diálogo, o campo de *lalíngua* insere um giro, que conduz ao domínio da relação da palavra com o gozo autista, puro monólogo. Esse giro, segundo organiza Miller (2012b), opera uma passagem do ternário fala – linguagem – letra para o ternário *aparola* – lalíngua – *lituraterra*. A raiz dessa transformação, para ele, é a introdução do conceito de gozo desacoplado da pulsão, que tem consequências em conceitos como o Outro e o sujeito.

Expliquemos melhor. No seminário “*Mais, ainda*” (1972-73/2008), Lacan se interroga se *lalíngua* serve para o diálogo, ao que Miller (2012b) responde, nesse mergulho, que não, exigindo um novo conceito de fala. É nessa direção que é forjado esse neologismo, nível no qual Lacan situa outra referência que não a da comunicação, pois em *aparola* não há diálogo, o que há é autismo de gozo (idem). Distinto da fala, o conceito de *aparola* não quer dizer ao Outro, não se dirige ou parte do Outro, de maneira que se situamos de um lado a noção de diálogo, com a fala e a linguagem, *aparola* está diametralmente oposta, ao lado do monólogo, de lalíngua. *Aparola* em nada se presta a garantir a função da comunicação, pois é justamente a fala na direção do gozo, dominada pela pulsão. Lacan diz “Ali onde isso fala, isso goza” (1972-73/2008), ao que Miller (2012b) reitera: “isso goza de falar” (p. 14).

Ao entrar em cena a noção de “substância gozosa” (Lacan, 1972-73/2008), o gozo fica no oposto da relação: “isso goza, e o gozo não é como tal uma relação com outra coisa. É o estremecimento da substância” (Miller, 2012b, p. 173). Isso implica repensar a evidência da relação com o Outro, disjunto do gozo, pois, embora a realidade seja abordada pelos aparatos do gozo, “o gozo não convém à relação sexual” (1972-73/2008, p. 83). O que põe ordem nessa solidão de gozo e nessa solidão semântica é, portanto, o laço social, relação típica com o Outro; é através do laço social que o significado pode conservar o mesmo sentido (Miller, 2012b). “No nível do gozo, o Outro não existe” (idem, p. 180). Essas construções permitem a ele afirmar que, então, o inconsciente mascara o “isso quer gozar” por meio do “isso quer dizer”.

Nesse mesmo seminário, Lacan retoma a noção de aparelho, matriz com a qual forja *aparola*, com nova roupagem, ao falar da linguagem como aparelho de gozo, através do qual a realidade é abordada. O que Miller (2012b) sublinha nessa passagem é importante, pois até então se considera que a realidade é abordada pelos aparelhos de percepção, de representação,

o sistema da consciência. Mas em “*Mais, ainda*”, Lacan (1972-73/2008) vai adiante formulando, então, que “a realidade é abordada com os aparelhos de gozo” (idem, p. 61), aparelho de linguagem, pelo qual, “no ser falante, o gozo é aparelhado” (idem). Miller (2012b) trata o termo aparelho pela vertente da fantasia como aparelho de gozo, mas há outro lado por ele comentado, que é do útil, o aparelho enquanto função, uma montagem que tem finalidade de ser funcional. Resumindo, o aparelho tem uma vertente de semblante e uma vertente utilitária. Na visão de Miller (idem), o conceito de aparelho aparece em Lacan como oposto ao de estrutura. Argumenta:

Uma estrutura pode ser decifrada, construída, mas dentro um pouco do elemento contemplativo. É preciso acrescentar coisas, como a ação, para que a estrutura comece a funcionar. Já o aparelho é de saída conectado a uma finalidade, aqui uma finalidade de gozo que ultrapassa a dita finalidade de conhecimento da realidade (Miller, 2012b, p. 19-20).

Ao interrogar a tese do inconsciente estruturado como uma linguagem, Lacan põe seu ensino a trabalho, segundo Miller (idem), assinalando que seus fundamentos são postos aí em questão: “O significante é a causa do gozo. Sem o significante, como mesmo abordar aquela parte do corpo?” (Lacan, 1972-73/2008, p. 30) A Outra satisfação, gozo da fala, fundamentada na linguagem, está em oposição ao que seria o “puro gozo do corpo não falante” (Miller, 2012b, p. 16). Mas o gozo da fala não está no registro da pulsão oral. Miller sublinha: “É preciso dar um valor radical a essa expressão, ou seja: o gozo fala. A fala é animada por um querer-gozar” (2012b, p. 17). Há um querer-gozar que é dominado pelo querer-dizer, quando no nível da demanda, visando a satisfação. No entanto, no campo oposto, “o inconsciente estruturado como uma linguagem implica que a verdade fala, enquanto que, no contexto de lalíngua e da *aparola*, é o gozo que fala” (Miller, 2012b, p. 17).

As implicações dessa virada podem ser sentidas também no conceito de inconsciente, que é (re)pensado do lado da pulsão, do gozo, sendo o campo do sentido reduzido, até então atrelado a esse conceito, posto numa dimensão secundária (Miller, 2012b). A partir do deslocamento introduzido por lalíngua, Lacan introduz o termo *ser falante*, com o neologismo *falasser* para qualificar o inconsciente, de modo a dar lugar assim a dimensão do corpo – para além do organismo - como suporte necessário ao gozo vivente. Equivale, pois, o inconsciente ao *falasser* (Lacan, 1972-73/2008), o corpo falante como equivalente do sujeito do significante, de modo a franquear nessa relação a dimensão do gozo. Lacan diz: “essa hiância inscrita no estatuto mesmo do gozo enquanto diz-mansão do corpo, no ser falante, aí está o que torna a brotar com Freud por esse teste (...) que é a existência da fala. Onde isso fala, isso

goza” (idem, p. 123) e diz mais, com essa introdução do corpo: “Falo com meu corpo, e isto, sem saber. Digo, portanto, sempre mais do que sei” (idem, p. 127).

Lacan retoma ainda o tema da comunicação, o qual não vem sem as elucubrações lacanianas em torno de lalíngua, do saber e do escrito. Em “*Função e campo*” (1953/1998), como foi dito anteriormente, abordando a referência a linguagem animal, Lacan sustenta que aí não se trata de uma linguagem, mas somente de um código, dominado pelo referente, pois falta-lhes a dimensão do equívoco. Há, no entanto, uma mudança com relação a essa referência quando no *Aturdito* (1973/2003b) Lacan fala que há linguagem animal, marcando, no entanto, que nesse caso a comunicação é unívoca.

Na medida em que franqueia a linguagem como elucubração de saber sobre lalíngua, há um certo rompimento com a linguística estrutural (Castro, 2006), posto que, ao conjugar palavra e gozo, com a dimensão de lalíngua, Lacan modifica o valor do termo comunicação, já que no nível de lalíngua a finalidade é o gozo, não sua perda. Lalíngua está fora do campo do sentido e, portanto, não se presta ao diálogo, “serve para coisas inteiramente diferentes da comunicação” (Lacan, 1972-73/2008, p. 148). Segundo Miller (2012b) isso vai na contramão da articulação significante/significado a qual Lacan dedica boa parte de seu ensino, colocando entre um e outro um muro que franqueia uma independência na relação do significado com o significante: “(...) o significado não tem nada a ver com os ouvidos, mas somente com a leitura, com a leitura do que se ouve de significante” (Lacan, 1972-73/2008, p. 39). O inconsciente estruturado como uma linguagem, em sua cifragem, é um saber-fazer com lalíngua, na medida em que seus efeitos (efeitos de lalíngua) “já estão lá como saber, vão bem além de tudo o que o ser que fala é suscetível de enunciar” (idem, p. 149).

A questão do saber, totalmente distinta da questão da aprendizagem, segue sendo elaborada em torno de um aprender a apre(e)nder, no qual está implicada a relação à língua em sua coabitação com a lalíngua. Seguindo essa questão, no seminário *Os não-todos erram/Os nomes do pai*, Lacan diz: “é do saber inconsciente que se trata de fazer a articulação para que o dizer verdadeiro tenha sucesso em alguma coisa, tenha sucesso em se fazer ouvir, em alguma parte, para compensar a ausência de toda relação (...)” (1973-74/2018, p. 127). O saber inconsciente é desarmônico, implica a falha e, portanto, é oposto ao instinto enquanto programação natural; essa relação entre o vivente e o que o rodeia está perturbada justamente pelo que, desse saber, insiste, como um parasita, na medida em que o corpo vivente é animado por um gozo. “A relação com o mundo é certamente, se lhe damos seu sentido, o sentido efetivo que tem na prática, é alguma coisa de que não é possível não sentir de imediato” (Lacan, 1973-74/2018, p. 258), na medida em que existe uma desarmonia entre o que é da

ordem do gozo corporal e seu entorno. O campo do sentido, na dimensão de lalíngua, está opaco, é resvalado ao campo imaginário. Lacan afirma então: “(...) é do lado da escrita que se concentra aquilo que eu trato de interrogar sobre o inconsciente quando digo que o inconsciente é alguma coisa no Real” (1973-74/2018, p. 245). Na leitura de Miller (2012b), isso advém como consequência de uma certa desvalorização da palavra, condicionada por impossíveis que, apesar de podermos cerni-los no nível da escrita simbólica, implica também que não se permite tudo no campo da palavra.

Isso marca o que nos esforçamos aqui por sedimentar através desse percurso, a saber, que ao longo do ensino de Lacan, há deslocamentos diversos no estatuto dos conceitos que ele toma da linguística e que levam-no a pôr a teoria a trabalho, forjando novas nomeações na busca de circunscrever o objeto da psicanálise. Com isso, há um momento de sua obra cuja ênfase está numa autonomia do simbólico, sob forte influência do estruturalismo, de modo a buscar estabelecer as leis da linguagem. Nesse momento, a letra é a estrutura localizada do significante, marcando a função da escrita na função da fala e resvalando o sentido ao lugar de efeito da cadeia significante. Segundo Castro (2006), essa posição de Lacan, nesse momento, da clínica ancorada na letra como aquilo que pontua, edita, provoca escansão no texto do analisante, vai contra a clínica do sentido do pós-freudismo. Há, contudo, deslocamentos importantes em sua busca de formalização, que o levam da estrutura simbólica à estrutura das dimensões, dos enodamentos, passando por uma série de interrogações e pela transformação do conceito de linguagem e de comunicação a partir de lalíngua.

Além das decorrências dessa explicitação para a formulação do enodamento borromeano das *dit-mensões* real, simbólica e imaginária, em que a estrutura linguística é sobrepujada por uma noção de estrutura topológica real³⁶, nos interessa o que decorre disso quanto a uma teorização própria do signo em Lacan, que passa por uma teoria da escrita, a qual é formulada no campo do significante e reformulada com a invenção de lalíngua: no *Seminário de Caracas*, em julho de 1980, Lacan afirma que “a 'alíngua' [*lalangue*] só é eficaz ao passar pelo escrito” (Lacan, 1980, p. 5).

Essa construção lacaniana em torno do escrito merece ser melhor explorada por nós, na busca com a qual estamos empenhados em torno da hipótese de que haveria uma primazia do signo em detrimento do significante no autismo.

³⁶ Não entraremos aqui nesse ponto.

3.4 A clínica do escrito

Lacan, na abertura da sessão clínica de 1977, caracteriza a clínica psicanalítica como o real enquanto impossível de suportar³⁷, ao que acrescentamos uma fala anterior que, como diz Allouch (1994/2007), prolonga essa definição: “(...) boto fé no que só a escrita suporta como tal a esse Real (...)” (Lacan, 1973-74/2018, p. 245). É como *leitor* de Freud que Lacan, a certa altura de seu ensino – esse trajeto que nos esforçamos por percorrer anteriormente - inaugura um trilhamento que o distancia de certa tradição metafísica da voz, ao reinterrogar o estatuto da fala e separar a dimensão da letra do significante, levando-o a promover uma clínica do escrito na psicanálise.

Embora Freud não tenha propriamente formalizado uma teoria do escrito, o curso de suas pesquisas evidencia uma leitura do inconsciente que o aproxima da escritura. Percutando o caminho acerca da função e uso da letra na psicanálise, Castro (2006) segue uma posição que nos interessa acompanhar aqui, com a finalidade de apresentar alguns momentos dessa dimensão na obra freudiana: ele toma a carta 52 de Freud como metáfora escritural, seguindo aí o curso dos “traços de memória (*Erinnerungsspur*)” (Freud, 1896/1995, p. 324) enquanto inscrição no aparelho psíquico, marcas que se rearranjam e deixam vestígios, rastros de memória. Essas marcas, W [*Wahrnehmungen*], no entanto, são passíveis de re-escritura, na medida em que o traço sofre sucessivos apagamentos, cujo registro (*Niederschrift*) só se dá na WZ [*Wahrnehmungen*]. Castro (2006) sublinha aí a dupla possibilidade de tradução do termo *Niederschrift*, a partir de Vidal (2000): pode ser traduzido como “registro”, mas está, no alemão, mais próximo de “escrita”. Isso permite uma leitura do inconsciente como escritura, restante do apagamento desses traços. O autor esmiúça:

Os registros são uma escrita que se precipita, assenta-se a partir da intensidade da passagem da palavra gozante pelo aparelho psíquico, palavra que é composta de restos verbais, de coisas ouvidas e vistas, porém não compreendidas e nem reconhecidas e que sulcam o aparelho imprimindo-lhe os seus vestígios (Castro, 2006, p. 4).

Na “*Interpretação dos sonhos*”, Freud (1900/2019) aponta que o modo como se deve ler o sonho é tomando-o como um *rébus*, o que significa não uma leitura das imagens, pictográfica, no campo de uma tradução, pois ele afirma claramente que a leitura por seu valor pictórico induziria a um erro; segundo sua orientação, estas imagens devem, sim, serem tomadas por seu valor de letra, operando aí uma transliteração. Nesse sentido, ele já situa, em seu campo, o valor da escritura. Do mesmo modo quando relembra a cena do esquecimento

³⁷ A frase original é: “*est le réel en tant qu’il est l’impossible à supporter*” (1977, p.4).

do nome *Signorelli*, retratado em “*Psicopatologia da Vida Cotidiana*” (1901/2018), no qual ele mais uma vez enfatiza esse caráter literal da palavra, ao franquear o mecanismo do esquecimento a partir de uma operação de rearranjo de sílabas e letras (Castro, 2006). Há, ainda, no caso do Homem dos Lobos, a intervenção descrita por Freud, a qual não está na direção de produzir um sentido, mas sim uma incidência sobre a letra³⁸, de modo a produzir uma redução de um escrito sob as palavras (Castro, 2006).

Em Lacan, encontramos mais propriamente uma teorização sobre o escrito no seminário “*A identificação*”, em 1961-62 e no seminário “*De um discurso que não fosse semblante*”, de 1971, além de uma elucubração em torno da função do escrito em 1973 localizada em uma aula do seminário “*Mais, ainda*” e em um posfácio redigido por Lacan contemporaneamente, mas adicionado ao fim do seminário “*Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*”. Desse percurso, colheremos aqui o que nos interessa.

3.4.1 A conjectura da escrita

Partindo da máxima de que o “(...) inconsciente... é fundamentalmente a linguagem” (Lacan, 1973-74/2018, p. 30), Lacan persegue a conjectura do inconsciente como alguma coisa no Real, feito de lalíngua, situando aí a escrita como o que o suporta, e introduz o inconsciente como um saber que não se sabe, distinto de um conhecimento, mas desarmônico e definido pela conexão de significantes.

Do encontro traumático da língua com o organismo, brota o sujeito, mas esse organismo não sai ileso, sendo doravante marcado pelo que aí ressoou, criando um ponto de enigma, definido por Lacan como um “corpo do simbólico que é *lalangue*” (Lacan, 1976-77, p. 10). Esse saber insabido consiste na modalidade pela qual a linguagem ressoa (*ressone*) no corpo do sujeito e estabelece a razão (*raison*, no sentido matemático), ou seja, um modo de cifração, de articulação da relação entre significantes. Sua insistência franqueia e dosa um gozo possível, cujo efeito singular estabelece uma espécie de matriz de equivocação, a partir da qual o sujeito transita em relações de representação entre elementos distintos, cifrados em rede passíveis de produzir significância.

³⁸ “Tive um sonho”, disse ele, “em que um homem arrancava as asas de Espe”. “Espe?”, perguntei, “o que você quer dizer com isto?” “O senhor sabe: aquele inseto com listras amarelas no corpo, que dá uma picada. Isto deve ser uma alusão a Grusha, a pêra de listas amarelas”. Agora eu podia corrigi-lo: “Você quer dizer uma Wespe” [Vespa]. “Chama-se Wespe? Na verdade eu achava que era Espe” (Como tantas outras pessoas, ele usava as suas dificuldades com a língua estrangeira como uma forma de encobrir os atos sintomáticos). “Mas Espe, então, sou eu mesmo: S. P”. A Espe era, é claro, uma Wespe mutilada” (Freud, 1918/2010, p. 119).

Esses signos que marcam o corpo do ser, como efeito da linguagem, estão à espera de serem lidos por algum agente da linguagem, no estabelecimento de um circuito, mínimo que seja, que concatene um trajeto para, assim, depois de ter passado pela coisa do outro (Allouch, 1994/2007), serem reconhecidas pelo próprio sujeito na medida em que passa a transpô-los para outros lugares (Lacan, 1968-69/2008), fazendo sua função de escrito. Antes de serem lidos pelo agente, os signos dos primeiros encontros do organismo com a linguagem são meros traços, marcas que configuram o grau zero da cifração (Allouch, 1994/2007), escrita fora da linguagem.

Nessa conjectura lacaniana, apresentada no Seminário 9, *A Identificação* (Lacan, 1961-62/2003), a escrita se estabelece como função latente da linguagem (Allouch, 1994/2007), sendo a partir do escrito que a linguagem poderá ser interrogada:

um momento em que alguma coisa está ali para ser lida, lida com a linguagem quando ainda não há escrita. E é pela inversão dessa relação, e dessa relação de leitura do signo, que pode nascer em seguida a escrita, uma vez que ela pode servir para conotar a fonematização (Lacan, 1961-62/2003, p. 101).

O primeiro tempo do estabelecimento da linguagem, nesse “balé” composto por linguagem, objetos e signos, é constituído pelo colocar em relação: “o nome do objeto pode ser tomado para designar aquilo que o representa pictograficamente” (Allouch, 1994/2007, p. 140), implicando aí um equívoco que permite essa relação. Esse é o tempo de uma leitura primeira e constituinte dos signos que preexistem à escrita, leitura essa que precede o escrito e o constitui. Essa leitura do signo, ao fazer valer o mesmo nome para o objeto e o signo que o representa, traz consigo a objeção do isomorfismo que poderia ser aí suposto (Allouch, 1994/2007).

O segundo tempo é o da inversão dessa relação, em que a partir da leitura da sua marca, o ser pode reinscrever-se em outra parte, instaurando um laço que o torna dependente de um Outro (Allouch, 1994/2007). Nessa inversão, o autor aponta que é o signo que vai escrever o elemento da linguagem que o lia, deixando de referir-se ao objeto e passando a tomar o nome por objeto, como significante em sua literalidade. A efetividade dessa inversão implica uma operação de transliteração, em que o nome se relaciona à outro objeto, e há uma disjunção signo-objeto, em que todo objeto cujo nome seja homófono pode ser associado a esse signo, e este vale, então, como escrita (Allouch, 1994/2007). Essa homofonia é um modo do equívoco, “um dos nomes da não-identidade a si do significante” (Allouch, 1994/2007, p. 71). É o “*rébus* de transferência”, essa operação de transliteração, na qual o escrito dá ao significante seu estatuto de significante, qual seja: o de representar um sujeito para outro

significante, só tendo valor a partir da oposição diferencial de elementos, sem identidade que lhe seja própria (Allouch, 1994/2007).

Transliteração é o nome da operação que equivale cifração - a qual escreve o escrito - e deciframento - essa forma de ler com o escrito, regida pela letra. É um outro nome da formalização, que Lacan tanto se empenhou em alcançar. Essa operação, contudo, enquanto modo de leitura, está articulada a duas outras: tradução e transcrição (Allouch, 1994/2007). Quando o escrito é regulado pelo sentido, se chama tradução, e transcrição quando é baseado no som ou algo fora do campo da linguagem, “um som por letra, uma letra por som” (idem, p. 64). A transcrição opera buscando a produção de um objeto tal qual um objeto visado, o que nunca é possível, encontrando aí um ponto no qual esbarra. Traduzir, por sua vez, é uma operação que muitas vezes esbarra no imaginário do tradutor, que busca transportar o sentido, um sentido único, de modo a se ancorar em algum lugar além do que a orienta. A transliteração, operando sobre a letra, escreve a homofonia, passando de uma maneira de escrever a outra e, por sua vez, tem na transcrição seu ponto de partida e está “a serviço da ancoragem da tradução na sua literalidade” (Allouch, 1994/2007, p. 18).

Dentro dessa conjectura, Allouch (idem) sustenta que não haveria a possibilidade de uma escrita fora da transliteração, essa operação de cifração, que escreve o escrito, escreve a homofonia. E a localiza, então, na formação do inconsciente, apontando-o como cifração.

Essa conjectura denota a distinção do humano em relação ao restante do mundo animal, que “se distingue dos outros por habitar a linguagem” (Lacan, 1973/2003a, p. 551), por situar a representação como operação humana que media sua relação com as coisas, dependente dos efeitos no dizer (Allouch, 1994/2007). Isso decorre da representação, *Vorstellung*, ser fundamentalmente algo da ordem de um processo em curso no aparelho psíquico, que implica modificação deste, instaurando a possibilidade de lembrança, de memória³⁹. Freud, desde o *Projeto de uma Psicologia* (1895/1995), apontara a posição de desamparo do ser humano, na ausência de um aparelho que garanta a sua sobrevivência e que necessita, então, da ação específica de um Outro para lidar com o mundo, aí incluindo seu organismo. Essa especificidade do humano marca a impossibilidade de existência de uma realidade pré-discursiva (Lacan, 1972-73/2008), na medida em que a realidade será construída pelo enquadramento simbólico, balizando uma relação com o mundo (que é também uma construção discursiva) que não se dá de maneira direta, pelo organismo dado na natureza, mas mediada pela linguagem, por meio do Outro, pela via da representação.

³⁹ Cf. capítulo 2

Diante da absoluta dependência e, portanto, constatando a onipotência do Outro, o vivo se aliena a sua gramática, de modo a poder equacionar essa relação por meio de um saber-fazer com o Outro, o que constitui um modo de defesa. Na neurose, esse saber com o qual o sujeito se defende da suposta onipotência do Outro está referido à metáfora paterna, ou seja, em que o referente está situado numa função fálica, unidade de medida segundo a qual pode se situar em relação às coisas do mundo. Por sua vez, na psicose, o referente não está situando em um ponto de amarração orientador. Está situado em significantes, semblantes que adquirem função determinativa para indicar o que deve ser lido e em que sentido deve o leitor decifrar, suspendendo o equívoco na homofonia e indicando uma orientação de sentido, em uma operação de tradução (Allouch, 1994/2007).

3.4.2 O escrito como *pas-à-lire*

Ao construir um exame da função do escrito no Seminário “*Mais, ainda*”, Lacan parte da função do que se lê, colocando em questão seus *Escritos*, como o que não é para ser lido. Perseguindo o que se produz por efeito da escrita num discurso, parte da distinção entre significante e significado para além da proposta pela linguística, na medida em que cabe ir além de uma leitura espontânea, mas distinguir o que aí é efeito de discurso: a letra. Localizar essa dimensão no discurso psicanalítico, no entanto, implica considerar uma distância entre significante e significado:

Se há alguma coisa que possa nos introduzir à dimensão da escrita como tal, é nos apercebermos de que o significado não tem nada a ver com os ouvidos, mas somente com a leitura, com a leitura do que se ouve de significante. O significado não é aquilo que se ouve. O que se ouve é significante. O significado é efeito do significante (Lacan, 1972-73/2008, p. 39).

O significante, nesse ínterim, é elevado a primeiro plano, sendo o significado apenas efeito deste, e a barra, por sua vez, tendo por suporte a escrita, marca a negação, o impossível de escrever da relação. O escrito como isso que não é para ser compreendido compõe um querer-dizer que toma outro caminho, do significante, substituindo a intenção de significação.

Há, no entanto, uma importante contextualização a ser feita acerca dessa lição, para que possamos caminhar mais além, ainda, no que Lacan está propondo. Trata-se de duas referências com as quais realizamos essa leitura: a referência trazida no texto pelo próprio Lacan, a saber, *Finnegans Wake*, de Joyce; e o posfácio do Seminário 11, já citado, escrito uma semana antes de ser ministrada a aula em questão.

Comentando a leitura de Joyce, Lacan diz “ali vocês verão como a linguagem se aperfeiçoa quando se trata de jogar com a escrita. Joyce, acho mesmo que não seja legível (...) O que é que se passa em Joyce? O significante vem recheiar o significado” (Lacan, 1972-73/2008, p. 42). O que é que se passa em *Finnegans Wake*? Segue um trecho da versão traduzida por Donaldo Schüler:

15 A queda (bababadalgharaghtakamminarronkonnbronntonner-
16 ronntuonnthunntrovarrhounawnskawntooohooordenenthur-
17 nuk!) dum dantanho wallstreetado velhonário é recontada cedo no leito, depois
18 sabe viva no conceito ao longo de toda a cristã menestrelidade (Joyce, 1999/2004, p. 3).

Schüler, na introdução do livro, diz que o trabalho de tradução exigido na obra passa por um cuidado de não destruir a “*joycosidade*” própria do texto, que implica a impossibilidade de atingir completa inteligibilidade deste, e um distanciamento da literalidade para ultrapassar significados. Segundo ele, trata-se de um texto que exige um exercício caleidoscópico: é um texto cifrado, que convida a uma leitura falada repleta de jogos sonoros, de modo que o sentido não se dá a *ler* de imediato. Segundo Ram Mandil (2003), Joyce produz em seu leitor um efeito próximo às formações do inconsciente, a saber, esse feito de leitura outra do significante, que não o que ele significa, dada a multiplicidade de leituras possíveis. Assim, aproximando esse texto do lapso, Lacan diz: “é a título de lapso que aquilo significa alguma coisa, quer dizer, que aquilo pode ser lido de uma infinidade de maneiras diferentes. Mas é precisamente por isso que aquilo se lê mal, ou que se lê de través, ou que não se lê” (Lacan, 1972-73/2008, p. 42). Nessa afirmação, Lacan aponta uma opacidade entre escrita e leitura imediatas, um descompasso entre uma e outra que *Finnegans Wake* evidencia, através de uma escrita cujas funções “não são necessariamente comprometidas com o dar-se a ler” (Mandil, 2003, p. 136).

Na esteira dessa aula, no posfácio do Seminário 11, Lacan vai levar essa hipótese ao extremo, afirmando que “um escrito, a meu ver, é feito para não se ler” (1973/2008, p. 271). Refere-se então aos seus *Escritos*, distintos, segundo ele, da transcrição, na qual “o que se lê passa-através da escrita, ali permanecendo indene” (idem, p. 271). O que está em questão é a impossibilidade de uma leitura hermenêutica ou intuitiva de seus *Escritos*, na medida em que estes não se dão facilmente à compreensão. Acerca disso, Foucault (2006) diz:

Penso que o hermetismo de Lacan é devido ao fato de ele querer que a leitura de seus textos não fosse simplesmente uma ‘tomada de consciência’ de suas ideias. Ele queria que o leitor se descobrisse, ele próprio, como sujeito de desejo através dessa leitura. Lacan queria que a obscuridade de seus *Escritos* fosse a própria complexidade do sujeito, e que o trabalho necessário para compreendê-lo fosse um trabalho a ser realizado sobre si mesmo (p. 330).

Nessa tese que realoca o estatuto do escrito, Lacan evoca Joyce como seu “*intradutor*”, brincando aí com o que da leitura comporta uma tradução e, segundo Ram Mandil (2003) a partícula “in”, indicativa de “dentro” e, portanto, de uma dificuldade produzida pela autotradução provocada pelo texto. Poucas linhas depois, Lacan adiciona aí uma outra dimensão, do “*ler-se*” (1973/2008, p. 272), situando o registro do discurso psicanalítico: “o de que se trata no discurso analítico é sempre isto – ao que se enuncia de significante, vocês dão sempre uma leitura outra que não o que ele significa” (Lacan, 1972-73/2008, p. 43).

No posfácio, direciona uma crítica ao que ele chama de “*alfabestização*”, neologismo forjado acerca da aprendizagem de leitura da escrita fonética, leitura essa que não se alinha com um escrito que não responde a essa leitura, como é o exemplo de *Finnegans*. Lacan afirma:

Eu (...) tenho que tirar dessas cabeças o que elas creem manter do tempo da escola, dita sem dúvidas maternal pelo que nela se possui até à desmaternalização: ou seja, que se aprende a ler ao se alfabestizar. Como se a criança ao saber ler por um desenho que é girafa, por um outro que é gato que se tem que dizer, não aprendesse somente que o G, com que os dois se escrevem, nada tem a ver com se ler pois que não responde por isso (Lacan, 1973/2008, p. 272).

Essa alfabestização que ensina uma leitura fixando um som a uma letra, segundo Ram Mandil (2003), ignora “a discrepância entre uma letra e sua leitura fonética” (p. 144), desconsiderando assim uma dimensão de autonomia do escrito em relação a leitura que marca a disjunção entre ambos.

Lacan opõe a isso, então, a bricolagem: “Que o que se produz desde então de anortografia só seja julgável tomando-se a função do escrito por um modo outro do falante na linguagem é onde se ganha na bricolagem (...)” (1973/2008, p. 272). Nessa direção, o escrito está desvinculado de uma noção de comunicação na qual o sentido está dado de imediato, que não necessariamente se presta a leitura alfabetizada. Escrito e palavra se dissociam, na medida em que a palavra está no campo da fala. O que está em jogo na escrita caleidoscópica de Joyce é um escrito que só se entende em voz alta, escutando, e não apenas lendo. Lacan marca um atordoamento aí, também assinalado no neologismo “*L’étourdit*”, em que o “t” não pronunciável no final cria uma homofonia, um equívoco, entre *étourdi* e *étourdit* (“dit”, do francês, se traduz por “dito”), que franqueia a inapreensão do dizer pelo dito, na medida em que é do dizer que vem a verdade comandada pelo real (Leite, 2019). É o que a crítica de Lacan a *alfabestização* denuncia: há que se ultrapassar a tentativa (tentadora) de compreender,

e dar aí um *passo-a-ler* para se escutar as sonoridades de lalíngua, esses efeitos que a linguagem provoca em cada um, franqueando uma matriz de equívocos.

É preciso que nos detenhamos, *en passant*, no *passo*. Lacan, jogando (propositalmente ou não) com a homofonia, diz: “o escrito como *pas-à-lire*, é Joyce que o introduz” (1973/2008, p. 272). A tradução estabelecida por Miller, no entanto, não dá espaço para o equívoco e a aponta como “não-a-ler”, levando-o a afirmar que o estatuto extremo do escrito é o indecifrável, está fora do que se lê (Miller, 2012b). Contudo, sendo a linguagem uma má ferramenta e o escrito, confuso (Lacan, 1977-78), Haroldo de Campos (2001) captura o equívoco aí presente propondo uma outra tradução: *impasse-a-ler*. O que está posto em relevo nessa multiplicidade de leituras é que, em francês, “*pas*” tanto pode ser uma partícula negativa, como pode ser entendido e traduzido como “*passo*”, de modo que Castro (2006) retoma essa dimensão para marcar aí duas leituras possíveis dessa expressão em Lacan, que tanto comporta um não-a-ler como um passo-a-ler, vinculados, segundo ele, aos tratos com a letra. Contudo, como dito antes, Lacan se refere aos seus Escritos quando diz que não são feitos para se ler, pois não se prestam a uma leitura cuja compreensão é imediata. Portanto, no que se refere a escritura inconsciente, embora haja uma defasagem do escrito em relação a leitura, há também um convite de um *passo a ler*, porque o lisível do qual se trata não é o que está ancorado na letra, mas em lalíngua; é orientado pelo literal, capturando a cifra da coisa, indicando o lugar de gozo. É o que indica no Seminário *Momento de Concluire* (1977-78), quando fala do que é lisível:

Há certamente da escritura no inconsciente. Fosse apenas porque o sonho, princípio do inconsciente – isso é o que diz Freud – o lapso e mesmo o chiste se definem pelo lisível. Um sonho, nós o fazemos não sabemos porquê, e depois, posteriormente, isso se lê; um lapso, idem; e tudo o que Freud diz do chiste é bem como estando ligado a essa economia que é a escritura, economia com relação a palavra. O lisível: é nisto que consiste o saber. E, em suma, é curto (Lacan, 1977-78, p. 37).

Fazendo referência ao texto do chiste de Freud, ele aborda o que seria a função do escrito como “a via mesmo da estrada de ferro” (Lacan, 1973/2008, p. 273), que Ram Mandil (2003) traduz: sendo, o escrito, essa via, ele pode conduzir tanto a um lugar quanto a outro, ou seja, pode ser vergado e interpretado em direções distintas, conduzindo a infinitas leituras. Os trilhos são aí diferenciados como sendo o objeto *a*, enquanto excedente, via para chegar ao mais-de-gozar (Lacan, 1973/2008). A condição, portanto, para que a via leve a um ou outro caminho, ou seja, para orientar em meio as múltiplas interpretações possíveis em um escrito, é a presença de um gozo no escrito (Mandil, 2003), que Saussure tanto se dedicou a buscar, em suas pesquisas com os anagramas.

Não que se pudesse jamais esperar essa relação da qual digo que é sua ausência que constitui o acesso do falante ao real. Mas o artifício dos canais por onde o gozo vem a causar o que se lê como mundo, taí, há de se convir, o que vale que o que disse se leia (...) (Lacan, 1973/2008, p. 274).

Em sua aula, aborda um exemplo do voo de uma abelha, que, na nossa leitura enquanto falantes, realiza a polinização através das patas, passando de flor em flor; e um pássaro a voar baixo, o qual lemos aí que haverá chuva. Levanta a questão: “mas será que, eles, lêem? Será que a abelha lê que ela serve à reprodução das plantas fanerógamas? (...)” (Lacan, 1972-73/2008, p. 43). Segundo ele, é aí que está a questão em torno do sujeito do inconsciente, o qual supomos que saiba ler e que saiba aprender a ler. E responde a isso, então, marcando uma vez mais essa disjunção, essa espécie de descompasso, entre escrita e leitura: “o que vocês o ensinam a ler, não tem, então, absolutamente, nada a ver, em caso algum, com o que vocês possam escrever a respeito” (idem, p. 43), ao que agregamos o que diz no posfácio: “se da exploração da abelha leio sua parte na fertilidade das plantas (...) é mesmo do que os leva ao significante pelo fato de eu falar, que tenho que dar conta” (Lacan, 1973/2008, p. 273).

Em resumo, recortar a dimensão do escrito inconsciente como o fizemos aqui é cernir o dizer lacaniano de que “o inconsciente trabalha sem pensar, nem calcular, nem tampouco julgar (...): um saber que se trata apenas de decifrar, já que ele consiste num ciframento” (Lacan, 1973/2003a, p. 553). Trata-se, no que concerne a sua estrutura, de dar um *passo* na direção de eliminar a gramática e decantar sua lógica (Lacan, 1976-77), que não é a do que está dado de maneira evidente, mas sim de maneira cifrada; o sentido com o qual cada sujeito cifra sua realidade não está dado a ler de prontidão, demanda, pelo contrário, o franqueamento dessa lógica de cifração, para que se possa ler, na medida em que a escritura é artifício para dizer algo do real. É nesse sentido que Allouch (1994/2007) demarca que a dimensão da escrita tem outra lógica que não só passar pelo significante, na medida que “o texto não é a fala deposta no papel, e opor **a priori** um à outra equivale a regular antecipadamente a questão do escrito, reduzindo-a imaginariamente a uma pura transcrição” (idem, p. 77), pois “não há acesso imediato ao escrito, logo, não há reconhecimento possível do escrito no imediato (...)” (idem, p. 77). É o que Lacan evidencia ao falar de *Finnegans Wake*. Não que o escrito inconsciente não seja lisível, mas que consiste nesse texto cifrado, distinto do sentido, já que “a operação da cifração está feita para o gozo” (Lacan, 1973-74/2018, p. 37) e “não tem nada a ver com a comunicação” (idem, p. 36), na medida em que diz respeito a lalíngua, ao que ressoa no corpo.

Uma cifra é justamente aquilo de que não se entende nada, é sem sentido pois obedece a um procedimento de substituição de elementos, uma transposição, que não dá acesso imediato a leitura a não ser para quem possui o conjunto de convenções que rege determinada cifração. Assim, operar uma leitura de um deciframento ou “decriptação” (Allouch, 1994/2007) implica observar e reconstruir essas convenções a partir do próprio texto cifrado.

Nisso que resiste à compreensão, Allouch (1994/2007) faz um convite a um modo específico de leitura regida pela primazia do caso e pela escuta com o escrito, da cifra, tendo como regra a pontuação no lugar do Outro, visando a logicização dos elementos do caso, de modo a que uma formalização seja possível e, então, a transliteração destes elementos. A transliteração, portanto, enquanto essa operação que depende da leitura de um Outro para que o sujeito possa reconhecer sua marca. A consequência que tiramos dessa orientação é que, mais do que o significante, o que nos importa é a articulação que o sujeito põe em jogo para cifrar os elementos do mundo que lhe chegam, que lhe marcam, visto que a razão estabelecida por essas ressonâncias franqueia distintos modos de operar a linguagem. Com isso, podemos dar um passo adiante na busca da verdade do funcionamento dos sujeitos ditos autistas.

4. Escrita com o corpo

Essa trajetória que percorremos até aqui nos permite reposicionar teoricamente as nossas questões e, além disso, nos convoca a uma leitura dos testemunhos dos autistas a partir de outra lógica: em vez de atribuir consistência de sentido, oferecendo significações que visariam à compreensão do texto, pretendemos, nessa leitura, registrar seus enigmas para demarcar a modalidade lógica que especifica o que há aí de Real.

É fundamental, antes de tudo, ressaltarmos a importância política e subjetiva envolvida nos testemunhos escritos desses sujeitos. Não somente nas obras retratadas aqui, como em diversas outras, essa escrita ganha caráter de militância: para alguns, é uma oportunidade de ser porta-voz daqueles que não alcançaram ainda meios de comunicação verbal ou alternativa; é também espaço para dizer de seu funcionamento, trazer mais conhecimentos sobre o mundo do autismo, apontar críticas às teorias e métodos e dirigir seu apelo ao mundo na busca de melhores tratamentos; outros contam de suas dificuldades, reivindicando mais inclusão, seja na escola regular, universidades ou mercado de trabalho; há ainda aqueles que militam pelo movimento da neurodiversidade, entendendo o autismo como um funcionamento dentre vários no mundo e, portanto, não como uma doença; ao mesmo tempo que há aqueles que dirigem uma demanda por cura, diante das dificuldades impostas

pelo autismo. Como já foi apontado nesse trabalho, essas escritas provocaram e seguem provocando abalos e reconstruções nas várias teorias sobre o autismo, em diversas áreas do conhecimento, compondo um movimento fundamental para reivindicar e dizer de seu lugar no mundo por parte dos próprios sujeitos autistas. Nessa direção, reiteramos: não se trata da necessidade de *dar voz* a eles, mas de *escutá-los*, pois o lugar da militância já estão ocupando.

Além dessa importância social e política, a escrita tem efeitos e funções muito singulares para cada um deles, estando frequentemente atrelada à urgência por comunicação, sobretudo para aqueles que se encontram desprovidos da fala. Para Donna Williams, por exemplo, escrever teve uma função de esvaziamento de gozo, fazendo certa organização e encadeamento de ideias que lhe permitiram o abandono gradativo de certas defesas autísticas; em alguns momentos, a escrita lhe serve como ancoragem, evitando sua dissolução ante as emoções e sensações que não consegue processar: “Eu senti os formigamentos começarem a rastejar e peguei lápis e papel. Antes que me alcançasse, escrevi: ‘Está tudo bem, estou voltando (...)’” (Williams, 1994, p. 94). Contudo, é importante ressaltar que, embora a escrita tenha para Donna essa função de um autotratamento, isso não significa que seja uma saída generalizável para todos os autistas ou que funcionará do mesmo modo para todos aqueles que escrevem, sendo esse encontro algo contingente.

No entanto, autistas como Ido Kedar (2012) sustentam a importância desse instrumento para possibilitar a comunicação para aqueles que estão excluídos da função da fala:

Acho que o autismo é como um confinamento solitário. A comunicação não pode ser acessada sem ajuda e a instrução certa. (...) Eu posso estar longe de ser normal. Ainda sou muito autista. Eu tenho estereotípias e sou impulsivo e não muito verbal. Eu sou ansioso e tímido também, mas eu sou uma alma livre porque posso comunicar meus pensamentos para o mundo. Eu desejo isso para todas as pessoas autistas (Kedar, 2012, p. 62)⁴⁰.

Para as diversas áreas do conhecimento que se debruçam sobre o autismo, essa escrita de testemunho traz grandes contribuições que permitem (re)pensar nossas teorias. No campo psicanalítico, os testemunhos de autistas provocaram diversas derrocadas e reformulações de teorias. Antes da virada cognitivista dos anos 70, as abordagens psicanalíticas do autismo tinham como núcleo comum a visada do autismo como uma patologia “mais arcaica” em relação à constituição psíquica: mau funcionamento do *self* para Meltzer, profunda regressão libidinal para Mahler, angústia em seu modo mais extremo para Bettelheim e mesmo “fantasia mais catastrófica”, para Tustin (Maleval, 2009/2017). Essas concepções sofrem sucessivos

⁴⁰ Tradução livre.

abalos diante do crescimento das crianças estudadas por Kanner, por volta da década de 70, pois muitos deles, em idade adulta, apresentavam boas capacidades verbais e cognitivas, sem perturbações psicóticas; além disso, foram impactadas com o avanço dos interesses das ciências cognitivistas, que começaram a ganhar espaço junto à biologização da psiquiatria, aliada à introdução dos psicofármacos modernos; e, sobretudo, são abaladas pelos escritos de autistas. Embora os testemunhos de alguns deles, dado seu elevado grau de funcionamento, tenham levado alguns kleinianos a chamarem-nos de personalidades pós-autísticas (Maleval, 2009/2017), a publicação do livro autobiográfico de Birger Sellin, intitulado “*Já chega de estar fechado em copas: mensagens de uma prisão autística*”⁴¹, em 1993, refuta diversas teorias anteriores do autismo. Isso porque Birger apresenta uma sintomatologia tipicamente kanneriana, mas, por meio de seus escritos, revela a riqueza de seu mundo por trás do mutismo e das estereotípias, no qual ausência de mentalização e retraimento não fazem parte (Maleval, 2009/2017).

Esses escritos, apesar de refutarem certas abordagens do autismo, puseram as psicanálises a trabalho, por proporcionarem uma abertura para uma recolocação da questão que, desde os anos 80, os Lefort se esforçavam por elaborar. Como já foi explicitado no capítulo 2, mais recentemente, no campo lacaniano, Maleval se apoiou em diversos testemunhos para as formulações de suas hipóteses. O fundamento de retomarmos essa querela nesse momento de nossa elaboração é, relembrando as questões que fomentam essa pesquisa – a saber, *seria o primado do signo uma questão de estrutura? Podemos conceber que o modo como o autista cifra o que vive está amarrado a um funcionamento signico?* –, situarmos os impasses que encontramos, diante de toda trajetória até aqui percorrida, em investigá-las a partir dos escritos dos autistas.

Maleval formula a hipótese da primazia do signo na língua factual com base nos testemunhos de sujeitos que, em sua maioria, podem ser considerados autistas primários, por já apresentarem sintomatologia autística desde muito cedo. Conforme trouxemos anteriormente, Daniel Tammet e Donna Williams são exemplos que Maleval toma nessa formulação, tendo como base o que descrevem em seus testemunhos acerca do seu modo de tratar a estranheza da realidade. Donna, quando criança, categorizava situações de acordo com o contexto, apresentando grande inflexibilidade a mudanças: “As coisas eram armazenadas, mas a sobrecategorização compulsiva delas era tão refinada que os fatos tinham que ser quase

⁴¹ A primeira tradução feita para o francês reduziu este título para “*Un âme prisonnere*”. Maleval (2009/2017) propõe essa tradução livre diretamente do título original em alemão.

idênticos para serem considerados comparáveis” (Williams, 1994, p. 62). Além disso, sua relação com a linguagem foi muito orientada pela concretude, como na passagem abaixo:

As palavras ‘saber’ e ‘sentir’ eram como ‘isso’ e ‘de’ e ‘por’ – você não podia vê-las ou tocá-las, então, a definição era insignificante. As pessoas não podem mostrar-lhe um ‘saber’ e você não pode ver o que parece ‘sentir’. Aprendi a usar as palavras ‘saber’ e ‘sentir’ como uma pessoa cega usa a palavra ‘ver’ e uma pessoa surda usa a palavra ‘ouvir’. As vezes, eu podia entender esses conceitos invisíveis e intocáveis, mas sem imagens internas eles se afastariam, de novo, como nuvens fofas. Até que eu pudesse ver ‘conhecer’ ou ‘sentir’, a pergunta simplesmente não surgiu para perguntar o que tinha ‘saber’ e o que tinha ‘sentimento’ e o que não tinha (Williams, 1994, p. 65).

Tal como Donna, Daniel Tammet e Tito Mukhopadhyay também descrevem um modo predominantemente sensorial e concreto de abordar a linguagem, assim como uma apreensão de situações ancoradas em contextos específicos, dificilmente modificáveis. Segundo suas narrativas, lembram de enfrentar maiores dificuldades com abstrações e metáforas durante a infância, cada um a seu modo encontrando saídas para distender e flexibilizar esses usos da linguagem. Apesar disso, nos deparamos com um problema de método em nossa investigação, tendo em vista que os movimentos que a linguagem faz não são da ordem do senso comum, de modo que ao descrever que, para pensar a palavra “complexidade”, lhe é necessário evocar a imagem de uma trança de cabelo, Daniel Tammet põe em funcionamento uma complexa articulação com elementos em uma rede, cuja leitura está longe de uma hermenêutica. Outro importante ponto a ser destacado é a relação que os três estabeleceram com as línguas: descrevem grande interesse no estudo de línguas, gramática, linguística, empenhando-se em apreender suas regras e dominar o funcionamento dos idiomas que aprenderam.

É preciso retomar algumas questões. Em 1962, no seminário *A identificação*, Lacan aponta o signo como aquilo que guarda relação com o objeto, na origem do significante. A conjectura de Lacan construída por Allouch, apresentada no capítulo anterior, ilustra os dois tempos do nascimento da escrita que servem de eixo para a elaboração de Lacan acerca das relações do Sujeito com o significante e o objeto (Allouch, 1994/2007). Allouch ilustra aí, a partir de uma hipótese sobre a história geral do nascimento da escrita, as operações de estruturação da linguagem, pensadas a partir da neurose e da psicose. (Re)aproximando tais concepções da noção de aparelho psíquico: o traço mnêmico, cheio de sensações de objeto que marcam uma vivência de prazer, ao ser decantado no traço unário, essa rasura que é pura marca de distinção, implica sucessivos apagamentos, que assentam a instauração da função significante do traço ao ser só diferença, impossível de representar senão por substituições

significantes. Tendo em comum apenas a diferença a todos os outros, cada significante comemora esse mesmo traço. Para que entre em jogo esse funcionamento significativo, está implicado o esvaziamento dos traços mnêmicos pelas inibições da alucinação do objeto de satisfação e o “encaminhamento da atenção para as modalidades de adiamento, antecipação e substituição implicadas na perda da ilusão alucinatória de satisfações que substituem esse traço pelo significante” (Vorcaro, 2019, p. 10).

Essa série de operações franqueiam a passagem de um estado de sensorialidade a um enquadre perceptivo da realidade, no qual a ordem discursiva faz mediação daquilo que é percebido. Esse enquadre está referido ao significante fálico, cuja condição de possibilidade está no traço distintivo da diferença, o traço unário. Instituído, na neurose, na regulação do Desejo Materno pelo significante do Nome do Pai, mediante o assentimento do ser falante a dissipar o falo imaginário a que estava referido, de modo a encontrar um mediador do campo simbólico que estrutura sua relação com a alteridade. Ele tem posição e função diferenciadas da rede significativa pois é signo da latência com que é cunhado tudo o que é significável. Sua função é desempenhada de modo velado: “o falo é o significante privilegiado dessa marca, onde a parte do logos se conjuga com o advento do desejo” (Lacan, 1958/1998, p. 699). Ele é, portanto, a barra entre o significante e significado, designando os efeitos de significado mediante o qual os outros significantes irão se orientar para “significar a realidade para o sujeito” (Texeira & Santiago, 2017, p. 109). É pela amarração da linguagem, mediante essas operações, que deriva o mecanismo de inibição ao qual se atrela a neutralidade do transfundo da percepção, elaborado por K. Conrad (Texeira & Santiago, 2017).

A percepção, e aqui recorremos a Merleau-Ponty (1994/2006), está posta segundo uma zona de apagamento que instaura uma unidade; desta unidade neutra do transfundo, mediada pela ordem discursiva, podem destacar-se os objetos que se convertem em figuras. O discurso fixa um ponto de neutralidade desse transfundo, permitindo que, daquilo que chega no campo sensorial, a percepção possa selecionar elementos organizados (Souza, 2019). Dito de outro modo: é por meio da extração do *objeto a* que o campo da realidade se sustenta e que se dá condição para o juízo de realidade, mediante o qual “o pensamento poderá julgar se o objeto que se apresenta em seu campo perceptivo corresponde ou não ao objeto de sua representação fantasmática” (Carvalho & Barros, 2017, p. 135).

Isso nos permite retornar às elaborações de Vorcaro (2019) anteriormente citadas (Capítulo 2.2.1) que, em sua articulação da questão, ainda que sem defendê-la como uma hipótese, propõe um caminho distinto para pensar as consequências dessas operações na estruturação psíquica. No autismo primário, portanto, estaria em jogo um aprisionamento do

juízo de existência no juízo de atribuição, “a criança teria acessado uma primeira distinção em que algo da sensação de satisfação se afirmou decantado em traços mnêmicos que mantêm atributos da vivência de prazer” (Vorcaro, 2019, p. 10), sem que, no entanto, esses traços sejam decantados em um traço distintivo, o que a mantém na busca pelo idêntico que é, sobretudo, impossível. Extraíndo disso uma consequência distinta da apontada por Carvalho & Barros (2012), que afirmam a psicose como busca de “encontrar o objeto através de um processo de substituição da realidade externa socialmente compartilhada por uma realidade delirante privativa” (p. 137), Vorcaro (2019) aponta que no autismo, sem a perda do objeto, na busca desse reencontro, a diferença não é admitida: “é o que seu recurso ao signo esclarece, ao só admitir uma circulação recíproca e imediata em equivalência, absorvendo e exilando a criança das partilhas simbólicas” (p. 11). Afinal, a criança restringe-se ao valor de uso singular em que ela lida com o objeto, não operando seu valor de troca.

Retomemos seus testemunhos: Donna Williams, em suas memórias da infância, descreve as dificuldades em privilegiar a voz humana ou o que vinha do mundo das pessoas, em detrimento de sensações que a absorviam por inteiro (Williams, 2012, p. 28). Antes dos dois anos de idade, sua visão muito sensível fazia com que se perdesse observando “filamentos” suspensos no ar, “partículas que eu percebia construía um primeiro plano hipnótico que tirava ao resto do ‘mundo’ seu brilho e sua realidade” (idem, p. 37).

(...) Eu estava ainda em estado de sensorialidade puro, sem pensamento ou sentimento. Sentimentos, que ainda não tinham conhecido a percepção consciente, estavam sendo acionados. Não havia nenhuma palavra para eles ou mesmo conhecimento de onde eles vieram. O que era derramado lá, ficava lá. Os sentimentos não estavam prontos (Williams, 1994, p. 14).

Um ‘aqui’ e um ‘lá’ estão postos para ela, a ponto de levá-la a cindir profundamente “seu mundo” e “o mundo”. Se “a primeira operação da atenção é portanto criar-se um *campo* (...) sem que a consciência se perca na proporção daquilo que adquire, e perca-se a si mesma nas transformações que provoca” (Merleau-Ponty, 1994/2006, p. 57), é possível supor que em alguma medida há modalidades de presentificação do transfundo do Outro no autista, tomando o campo do Outro como essa zona de indeterminação positiva (Vorcaro, 2019), sem que, no entanto, a neutralização deste possibilite privilegiar certos elementos em detrimento de outros *tal qual* no enquadramento dado pelo significante fálico, que não implica na mera somatória de elementos. Donna não privilegia a fala do Outro para manter a neutralidade do transfundo, mas evidencia, em sua narrativa, que há ressonâncias do dizer em seu corpo.

Por sua vez, Tito (Mukhopadhyay, 2008), na seguinte passagem, discorre acerca de sua estratégia de enquadramento:

Eu comecei a ver a diferença entre a percepção dela (mãe) e a minha. Quando eu entro em um novo cômodo, no qual eu esteja entrando pela primeira vez, e eu olho para a porta, eu reconheço isso como uma porta apenas depois de alguns estágios. A primeira coisa que eu vejo são as cores. Se eu não entro em uma cogitação mais profunda de suas cores, definindo-a como ‘amarelo’, e alinhando mentalmente todas as coisas amarelas que eu conheço, incluindo uma das minhas bolas de tênis amarelas quando eu tinha 7 anos, então eu sigo para a forma da porta. E se no fim das contas eu pôr meus olhos na dobradiça da porta, eu posso ficar distraído com as funções das alavancas. De toda forma, eu puxo minha atenção disso e penso sobre a função daquele grande e retangular objeto amarelo, com alavancas de primeira ordem, chamadas dobradiças. Por que esse grande e retangular objeto amarelo está aqui? Eu mentalmente respondo à questão, ‘ele me permite entrar no cômodo, e pode ser aberto ou fechado. E o que mais pode ser, senão uma porta’. Minha rotulagem está completa. E eu sigo para o próximo objeto no cômodo para achar suas características, depois definir e rotular aquele objeto. Isso acontece em todas as circunstâncias? Não, quando estou acostumado com a situação (...) eu não preciso seguir todos os passos. Eu posso rotular a situação e os objetos no meu primeiro passo (Mukhopadhyay, 2008, p. 95).

Sem a colocação em cena desse apagamento, Tito descreve o caminho inverso, sendo a somatória de elementos justamente sua estratégia para localizar-se, na medida em que é justamente a articulação o que ele busca construir nessa associação. A linguagem compõe seu campo, mas não realiza um enquadre perceptivo da realidade:

Desde que de momento a momento isso ou aquilo poderia ser tão imprevisível, quando meus sentidos alternavam com muito mais intensidade e frequências, era melhor trabalhar com interruptores, ligando e desligando-os em ordem para trazer mais previsibilidade para o meu entendimento e compreensão do ambiente. Senão, isto poderia ficar muito fragmentado e difícil de coletar todas as peças e combina-las em uma imagem completa de um ambiente real (Mukhopadhyay, 2008, p.53-54).

Se no plano do juízo de realidade os traços de sensações precisam ser articulados à inibição alucinatória para constituir essa ordenação da percepção, segundo o raciocínio aqui em questão, o autista elidiria essa desilusão, de modo que as representações, *Vorstellungen*, não assumiriam a estrutura dos representantes da representação (*Vorstellungrepräsentanz*) (Vorcaro, 2019). Ao estabelecer trajetos curtos entre seu corpo e objetos do mundo; ao narrar situações que, aprendidas em determinado contexto, não faziam sentido em outro contexto (Mukhopadhyay, 2008; Williams, 2012); ao dizer ser “intoxicado com a certeza” (Mukhopadhyay, 2008, p. 60); ao falar de uma necessidade obsessiva por ordem e rotina (Tammet, 2009); ao narrar sua dificuldade com o sentido de palavras que não podia ‘ver’ ou a associação da utilidade de algo ao contexto físico observável (Mukhopadhyay, 2008; Williams, 1994; Tammet, 2009); enfim, dão testemunho de uma posição subjetiva na qual simbólico e imaginário não se enlaçam para constituir um enquadre da realidade em um

espaço intersubjetivo. Contudo, isso não significa que não ponham a trabalho elementos da linguagem para se defender dela: suas operações parecem apontar para modalidades de enlace ancoradas na materialidade mais concreta, fixando “representações a elementos concretos destacados da fluidez do mundo” (Vorcaro, 2019, p. 22), ou seja, atando a coisa e o nome, a situação e o contexto, mediante relações biunívocas. É onde Maleval franqueia um funcionamento signico, que já foi anteriormente discutido, esse mecanismo de cernir a realidade por meio de códigos fixos e isolados.

Teixeira & Santiago (2012) propõem que no caso da percepção apofântica⁴² vivenciada no desencadeamento da psicose, o momento em que o sujeito pensa “É isso: a corda pendurada na cortina é o sinal inequívoco de que vão me enforcar” (p. 106), o “é isso” se produz na forma de signo que, diferente do significante sempre remetido a outro significante, o signo “é algo que se coloca fora da cadeia significante. Ele é, na verdade, um significante desencadeado, e é por se apresentar desencadeado que o signo suscita a necessidade de se produzir, a seu redor, uma nova cadeia que lhe dê sentido (...)” (p. 107). Segundo sua leitura, o delírio é a tentativa de produzir um sentido para esse signo, essa verdade que lhe chega como certeza absoluta e que não se articula à cadeia significante. No entanto, além das diferenças estruturais entre a psicose e o autismo, já por nós ressaltadas, ao propor um funcionamento signico no autismo, Maleval o faz a partir do signo de Peirce, especificamente o ícone e o índice, também anteriormente definidos, o que nos confronta com uma dificuldade de transpor tais conceitos para a conjectura lacaniana.

No enlace de sua conjectura, conforme demonstrado anteriormente, Lacan toma a definição peirciana de signo como o que representa algo para alguém, para apontar isso que estaria na pré-história do significante, o qual foi forjado a partir da teoria do valor de Saussure e da volatilização dessa noção do signo peirciano, de modo que o “para alguém” dá lugar ao outro significante (Miller, 2003/2006). O signo peirciano está implicado em toda cognição humana e sua essência é: univocidade, regra, hábito; e a noção de signo triádico diz respeito a capacidade do signo de representar e ser decodificado e interpretado (Táboas, 2010/2015). Segundo o clássico exemplo de Lacan, a fumaça pode ser signo do fogo, como também pode ser signo do fumante. Teixeira & Santiago (2012) afirmam, a partir disso, que “o valor do signo [em Lacan] não é nem de longe unívoco, ele só significa se veiculado a uma cadeia que cada sujeito em torno dele constrói, engajando-o nessa composição” (p. 107) [grifo nosso].

⁴² Termo de K. Conrad retomado por eles nessa elaboração que denomina o momento em que o sujeito psicótico se vê diante de um “é isso” que vem seguido de uma elaboração a partir de um determinativo, cujo caráter é de revelação, em que a certeza delirante se instaura.

Em Peirce, o signo tem como fundamento o objeto representado e forma na mente do intérprete um novo signo, porém Lacan se afasta da teoria clássica da representação, de modo que segundo a orientação lacaniana existe um lençol da linguagem que é tanto Real, quanto Simbólico e Imaginário, não sendo possível diferenciar a linguagem só com o que a linguística ou a semiótica escolhem para tratar.

Além disso, é fundamental localizarmos outro ponto: essas elaborações teóricas calcadas na clínica das neuroses dificilmente escapam da querela anteriormente citada, das hipóteses psicanalíticas do autismo pensarem-no como um déficit, algo que não ocorreu em relação à constituição psíquica: não extração de objeto *a*, ausência de significante-mestre, precariedade simbólica, etc. A partir da psicanálise, consideramos que o enquadre discursivo no qual nos situamos nos coloca diante de uma dificuldade de ultrapassá-lo para ler o mundo sob outro enquadramento. Tendo por base a trajetória teórica que trilhamos até aqui, nos interrogamos sobre os limites de nossas elucubrações no campo da teoria estrutural da linguagem: temos instrumentos, na psicanálise, para formular e fundamentar uma clínica estrutural dos autismos que não esteja orientada pela estruturação neurótica como fim?

Ao escreverem seus testemunhos, esses sujeitos estão operando e articulando uma série de elementos cujos referentes estão orientados pela cultura. Sua escrita comporta uma transmissão na língua que responde ao Outro, endereçando um apelo. Que deem testemunho de uma linguagem desligada da pulsão, não implica que seu campo não esteja posto, ainda que não saibam se servir disso (ou que o façam de outro modo). A incidência do Outro nestes testemunhos evidencia como a especificidade do autista foi nublada, esvanecida pela função do Outro. A narrativa descritiva que apela ao reconhecimento recorre a um funcionamento linguístico que preserva as leis da língua encobrendo, assim, a modalidade de cifração da qual eles partem, ponto marcadamente distinto, por exemplo, da escrita do presidente Schreber, na qual há uma proximidade entre narrativa e condição psicótica (Lacan, 1955-56/1988). Tito, Donna e Daniel, ao contrário, embora descrevam os enigmas que a relação com a linguagem lhes trazem, fazem um uso da língua que possibilita uma transmissão sem deixar traços, no texto, de sua condição, ou melhor, parecem deixar o traço de uma higienização de gozo, no tratamento dado à língua, obedecendo as normas cultas e regras gramaticais. Mostram, assim, uma incorporação do simbólico e, inclusive, a possibilidade de um tratamento que lhes permite narrar o reconhecimento, no corpo, de que ele é habitado por uma estranheza. O que são essas narrativas, afinal?

Com Maleval (2019), o que podemos pensar é que se trataria de uma progressão do funcionamento signico no autismo, que seria a flexibilização no vínculo do signo com seu

referente e, por conseguinte, maior relação entre os signos. Ele mesmo se questiona acerca disso: quando o signo se torna flexível, torna-se significante? Contudo, para ele, mesmo adultos, esses sujeitos continuam demonstrando o não apagamento em relação ao referente, ainda que alcancem uma flexibilidade na relação entre os signos, que lhes permite chegar a abstrações, a exemplo desse relato: “Só escuto fragmentos de cada frase, que meu cérebro une automaticamente para encontrar um sentido. Não obstante, ao perder palavras-chave acabo não compreendendo o que me está sendo dito” (Tammet, 2006, p. 177). Contudo, isso nos leva a outras questões: mediante o percurso que fizemos, considerando aqui, por signo, essa relação do imediato, circular e que volta ao mesmo lugar, como se dá esse alargamento do signo?

A dificuldade é realizar aqui um caminho inverso para apreender algo de sua cifração a partir dos testemunhos, posto que, o autista quando funciona com o signo não está simplesmente fazendo uma relação com o código linguístico, mas com o transfundo da linguagem, ainda que ignore esse funcionamento. Escrever de modo elaborado já passa pela coisa do outro. Como diz Lacan: “As pessoas escrevem suas recordações de infância. Isso tem consequências. É a passagem de uma escrita para outra escrita” (Lacan, 1975-76, p. 143). Esse é o limite que se nos impõe o trabalho com a literatura dos autistas: como fundamentar que no princípio da defesa autística está uma circunscrição da matriz biunívoca das articulações que estabelecem?

Com as elaborações de Vorcaro (2019), podemos pensar com Maleval que o autista é afetado pela linguagem e está operando com seus elementos de um modo específico, em que, sobretudo, pelo que vimos, nos autistas primários, em seus primeiros anos de vida a “representação não se descola da coisa representada, mantendo atributos concretos daquela” (Vorcaro, 2019, p. 7). No entanto, é a partir das elaborações lacanianas em torno de lalíngua que podemos pensar na especificidade da incidência da linguagem no autismo, sobretudo no que o distingue de uma comunicação unívoca da função de código, a qual Lacan alude em *O Aturdido* (1973/2003b).

Lalíngua é essa ressonância da linguagem no corpo que antecede a lógica gramatical e sintática da língua e da discretização de seus elementos, a qual está na ordem do uso e não da troca, do gozo e não da comunicação. Efeito do Outro, lalíngua é, entretanto, o resíduo do que, da linguagem, ressoou no corpo, antes de elementos da linguagem serem diferenciados e assim articulados, antes da criança discernir gramática, sintaxe. Conforme trabalhado no capítulo anterior, diferentemente da fala, Lacan forja a *aparola* enquanto aparelho de gozo que não serve ao diálogo, atestando um autismo de gozo “como uma aparelhagem alheia à

estrutura da língua para abordar a realidade” (Vorcaro, 2019, p. 7-8). Nessa medida, para se servir dos efeitos desse aparelho, é preciso ter sofrido os efeitos da linguagem, ainda que não seja a serviço do laço social. Esses encontros e desencontros nos levam a uma leitura voltada não para o que os autores autistas já elaboram do seu funcionamento, mas uma leitura das suas “horinhas de descuido”⁴³: é em outros momentos que podemos nos aproximar do que é da sua cifração.

O conceito de lalíngua nos permite elucubrar as ressonâncias da linguagem, que antes eram atribuídas à significação, a partir de outra ótica: a partir dessa zona em que as fonações agramaticais ressoam em um corpo, franqueando uma matriz de equivocação. Os textos com os quais trabalhamos parecem re-velar seu modo de inscrição no campo da alteridade, por meio dessa terraplanagem por eles realizada no tratamento gramatical e regrado dado a língua. Entretanto, podem ser trazidos à tona a partir de um encontro contingente que tivemos com o trabalho de Fernand Deligny (1913-1996), um pedagogo francês contemporâneo de Jacques Lacan e leitor de suas obras, que trabalhou com crianças autistas graves numa abordagem que se propunha não interventiva⁴⁴.

Deligny (1913-96/2015) criou em Cêvennes, no interior da França, um centro de acolhimento de crianças com graves psicopatologias, Monoblet, onde passou a registrar os trajetos dessas crianças que “vivem vacância da linguagem” (idem, 1913-96/2015, p. 130) em diversos momentos, construindo, ao longo de mais de uma década, uma espécie de cartografia do que ele intitulou “linhas de errância” de mais de 60 crianças que por ali passaram (Anexos). Esse sistema de transcrição tinha por fim o registro da liberdade do “agir” dessas crianças que, em sua opinião, eram “estrangeiros à linguagem” (idem, 1913-96/2015, p. 214), testemunhas do “real”, por ele compreendido enquanto uma existência natural, ou seja, que não passou pela domesticação da linguagem. Na concepção de Deligny, aquelas crianças e adolescentes autistas graves com quem trabalhou eram “seres refratários ao poder” (1913-96/2015, p. 184), sem consciência de ser, cujos gestos estariam na dimensão desse agir inato, sem significação e sem um querer-dizer, se perpetuando no vazio. Nessa medida, ele chama de “ornado” uma postura de respeito mediante a qual esses *agires* – que para ele são traços manifestos de uma memória pré-discursiva - dos autistas se multiplicariam, ao invés de

⁴³ Poema “Felicidade”, de Guimarães Rosa.

⁴⁴ Destacamos que, embora Deligny acreditasse não estar intervindo nos trajetos das crianças atendidas na Monoblet, pensamos que os mapas por ele cartografados já marcavam um olhar distinto, cujo efeito sob as crianças não pode ser desconsiderado e fica evidente em algumas passagens por ele narradas. Cf.: Deligny (1913-96/2015).

definharem, o que o levou a defender a não intervenção nos circuitos dessas crianças, deixando-as percorrerem suas repetições ao longo de anos⁴⁵:

Felizmente existem os de(s)-votados (*voto do 'pacto' da linguagem*), ainda que raros, autistas, para nos chamar de novo a outra 'ordem' - não a da lei -, e que seria a da própria natureza do 'animal' de antes do voto (...) sem o qual existiria talvez o traçar (sem o SE), mas não o escrever (Deligny, 1913-96/2015, p. 146) [grifo nosso].

Apesar da carência de sistematização, esses mapas evidenciam trajetórias do corpo falante por meio de pontos de cruzamento dos trajetos, que ele chama de “*chevêtres*”, em lugares como próximo à água, e momentos como o do preparo do pão ou a lavagem da louça, em geral marcados pela presença de adultos, ainda que essas crianças não realizassem interações com estes. Segundo os ensaios de Deligny, essas crianças que se dirigiam a Monoblet se encontravam em um espaço de retorno à natureza, libertadas, em sua concepção, de contratos sociais ou de demandas, de modo que lhes era permitido permanecer em uma espécie de “espaço-tempo neutro” (Rey-Flaud, 2013, p. 73) que possibilitaria a dignidade do não-agir, entendida não como passividade, mas o oposto (idem). Para Rey-Flaud (2013), ao se colocar como depositário desses trajetos, Deligny eleva a não-vontade à dignidade de um dispositivo que se faz, fazendo. Em sua interpretação, diferente de um animal selvagem mantido em cativeiro que efetua todos os dias o mesmo percurso, os autistas de Monoblet se apropriam do que seu percurso marca, de modo que esse trajeto pode ser lido como sua inscrição no mundo, garantidor de sua permanência pela construção de “um espaço <territorializado> que lhes permitia não desaparecer no nada” (idem, p. 75)⁴⁶. Rey-Flaud (idem) demarca como Janmari, uma das crianças da Monoblet, que foi quase adotada por Deligny, era indiferente ao ritmo do cosmo, usando jaqueta no verão e não no inverno, entendendo que o autista constrói com seu corpo trajetos que são coordenadas no espaço, um retorno espacial que lhe garante permanência.

Se Deligny (1913-96/2015) presentifica em suas “linhas de errância” a existência dessas trajetórias do corpo falante, essas elaborações nos trazem uma outra perspectiva em relação aos testemunhos aqui trabalhados. Nestas, ao escreverem um texto, já evidenciam uma relação que não é mais a das crianças nas “linhas de errância”, pois a narrativa já fala de uma impregnação do valor de troca do simbólico. Estaria essa diferença atrelada ao fato de que

⁴⁵ Cf.: Meira & Vorcaro (2019). Autistas e suas linhas de errância: uma leitura psicanalítica do trabalho de Fernand Deligny.

⁴⁶ Tradução livre.

Daniel, Donna e Tito foram submetidos à educação, entendida tanto quanto educação formal como em seu sentido mais amplo, vestindo-os de simbólico?

Como descrito no primeiro capítulo deste trabalho, Tito desde cedo teve contato com a educação formal por meio de sua mãe, que lhe ensinava questões de ciências e outras disciplinas, além das terapias diversas pelas quais passou, que o levaram a alcançar certo grau de destreza e controle de seu corpo para conseguir digitar, vestir-se, etc. Daniel Tammet, por sua vez, desde muito pequeno, esteve na educação regular e cercado de livros pelos quais nutria profundo interesse. Donna Williams, apesar das dificuldades enfrentadas em seu percurso educacional, também passou por diversas escolas e, quando adulta, por acompanhamentos terapêuticos distintos e pelo ensino superior.

Além disso, conforme relatado no primeiro capítulo, demonstram profundo interesse no estudo de línguas, sua estrutura e gramática, na busca de apreender suas regras. Tito, quando aprende a escrever, empenha-se duramente em controlar seu corpo para realizar os movimentos necessários à escrita e domar sua mente para manter-se focado nessa atividade e na memorização dos movimentos da escrita e das palavras, dedicando-se todos os dias pela manhã a prática de escrever. Donna Williams, por sua vez, relata que: “Se tinha alguém que havia analisado o idioma, era eu. Eu tinha um vocabulário enorme e sabia tudo sobre estrutura de frase e fonética. Eu tinha estudado linguística. Eu era completamente empenhada em aprender línguas e o valor da linguagem em geral” (Williams, 1994, p. 110). Daniel, desde sua alfabetização, fala dessa necessidade: “ao escrever estudava minuciosamente cada letra, cada palavra e ponto e separação. Se via um borrão ou um erro apagava tudo e começava novamente” (Tammet, 2006, p. 60). Seu interesse crescente pelo estudo de línguas o levou a dominar fluentemente diversos idiomas, conforme relatado no primeiro capítulo. Há aí um investimento e uma incorporação do simbólico, que dá um meio de legitimá-los, podendo fazer um uso deste, de modo que lhes tenha sido possível fazer uma neutralização própria do transfundo da linguagem, por suas próprias elucubrações. Seria isso, no entanto, algo que qualquer criança autista adquiriria?

As crianças de Monoblet, por sua vez, nos dão outros rastros por não terem sido submetidas a esse mesmo enquadramento, embora não estejam incólumes. Consideremos que, na fugacidade dos movimentos de um corpo, algo espera para ser lido, para então tornar-se escrito, numa lógica ex-sistente à fala que comporta o dizer do corpo falante. Nessa espera, não se trata, no entanto, de haver uma intenção que, de antemão, já visaria ser lido. Assim, pode ser apenas contingente. Na medida em que alguém conceba essa deriva como passível de ser lida e opere aí uma leitura, reconhece a presença de um ser falante, independente da

significação que possa ali atribuir. Essa leitura é, portanto, transpor o visto ao escrito, em que o que talvez seja contingente passe a um registro que é marca de um sujeito.

Partindo disso, podemos derivar algumas questões. Primeiro, as marcas encravadas do organismo devem ser lidas, concatenadas na rede do Outro, o qual dá seu testemunho de serem marcas de um sujeito, sustentando-as, dando-lhes consistência antes mesmo que o sujeito experimente transpô-las, repetindo-as. Essas meras marcas, no plano do organismo, são pictográficas. Lidas em alguma medida mínima, não sinalizam ter sido transliteradas, mas insistem em circuitos ínfimos, que dependem de outra leitura para que daí, então, o sujeito possa transliterar (Vorcaro, 2018a).

É essa outra leitura que parece apontar, posteriormente, que o próprio sujeito terá que inventar como ler, a partir do que capturou da linguagem. Assim, é possível pensar que, além da homofonia, outros modos de equívocos do gesto, sem estabilidade na representação do Outro (que não o reconhece como o mesmo de antes) ou desprezado como representativo, entendido como não querendo dizer nada, o manteriam ilegíveis: ao não ser lido, não passando pela coisa do outro, mantém-se em exterioridade à função de escrito que poderia ter.

É justamente essa dimensão do equívoco que, para alguns autistas, parece ser da ordem do insuportável, na medida em que toda representação que ultrapassa a biunivocidade, é concebida como real (Vorcaro, 2018a), fazendo obstáculo a uma possível modificação do sentido, a depender do contexto, podendo gerar desordem e angústia:

Num instante, se eu vi um pássaro numa árvore e, ao mesmo tempo, eu vi alguém andando do outro lado da rua em frente ao nosso portão, eu concluiria que toda vez que um pássaro pousasse numa árvore, alguém precisaria andar do outro lado da rua. E se isso não acontecesse junto? Bom, eu entraria em pânico e ficaria tão ansioso que gritaria. Gritar me faria parar de olhar para a árvore ou para a rua, já que eu só consigo fazer uma coisa de cada vez. Eu posso usar meus olhos ou minhas orelhas. Ouvir minha voz gritando impediria meus olhos de ver (Mukhopadhyay, 2008, p. 7).

Interpõe, assim, um objeto qualquer para reproduzir a matriz simbólica em um circuito fechado, operando a linguagem a partir de um uso binário: um nome para cada coisa, acumulados um a um. Ao fixar-se biunivocamente entre significantes, o autista põe a matriz simbólica a serviço do princípio de prazer, não operando a imaginação da representação, buscando o idêntico que almeja a direção imediata da satisfação (Vorcaro, 2019), reproduzindo a imutabilidade que lhes permite alguma ordenação em um mundo não orientado por um significante-mestre ou cujo significante-mestre se restringe ao ‘Um sozinho’, insistente e desarticulado de um outro significante que o substituiria e o concatenaria a outros.

Entretanto, a articulação dos testemunhos apresentados, mesmo que expressem isso, demonstram operar na trama da língua. A narrativa, mesmo sendo descritiva, aciona a gramática e a sintaxe da língua de modo a alçar o Outro e inserir-se nesse campo, enfim, comunicando. Nesse ínterim, das descrições de Deligny às autobiografias, podemos supor que é por ter sido afetado pelo campo da linguagem que o autista pode operar com isso, avançando no recorte em que elege alguns objetos, estabelecendo uma identidade entre uma coisa e outra, num circuito restrito, via circular. Imiscuindo-se nesse ato de ligar coisas com o corpo, os diferencia e os relaciona em remissão um ao outro. Supomos que esse percurso franqueie a inclusão de fragmentos fonemáticos da língua que, mesmo tomados inicialmente também como objetos sonoros, deles se destacam quando se tornam nome, signo do circuito.

Os autistas parecem ser, então, capazes de preservar uma “pureza” do simbólico, não admitindo a “licença poética” existente na relação com o significante. Nas linhas de errância cartografadas por Deligny, parecem habitar a linguagem de um modo muito distinto, mostrando o esforço de trabalho psíquico em jogo, em uma escrita com o corpo que dá testemunho do ressoar do encontro com a língua, que estabelece um modo de cifração. Já nos testemunhos aqui trabalhados, estão evidentes as incidências do Simbólico no texto em seus depósitos e encadeamentos de representações, bem como do Imaginário nos sentidos e significações atribuídos neste, e do Real por estarem afetados pelos efeitos de a língua, ainda que de modo distinto do traço unário.

O fato de estarem afetados por um desejo de escrever testemunha as consequências de um primeiro escrito, precedente das formalizações que podem ser atribuídas à aprendizagem, e que dependem da escansão do espaço-tempo provocada pelo reconhecimento de um outro (Pommier, 2008), sem o qual permanecem a repetir, com o corpo, esses trajetos cuja inscrição iterativa tenta fazer uma substituição do tempo pelo espaço (Rey-Flaud, 2013). Aqui um rastro pode ser fisgado, nos apontando uma direção para a incidência do tempo na estrutura. Teria, o tempo e o modo de inserção do simbólico, efeitos na estrutura?

Miller (2009) em *Perspectivas do Seminário 23*, aponta a dissimetria entre o espaço e o tempo e sua incidência na estrutura, na medida em que o primeiro é uma construção verbal, entre simbólico e imaginário, enquanto o tempo, talvez, indique uma direção do real com o real, inapreensível. Rendendo homenagem aos Lefort, Miller (2009) retoma o título de um de seus livros acerca do autismo, “O nascimento do Outro”, para daí derivar suas consequências: “O Outro não está lá desde sempre? Então como? Nascemos no Outro, nascemos em um banho de significantes. Não é o Outro que nasce” (Miller, 2009, p. 121). Segundo sua indicação, o autismo enquanto categoria clínica aponta o “status nativo” do falasser,

associando aí um tempo topológico circular, simbolizado pela roda no inconsciente que “fala sozinho”. Não se trata de uma circularidade eterna, representante da ausência de tempo, que seria apenas um sonho (idem), mas de uma circularidade iterativa, que inscreve e escreve a existência em seus rastros.

Em seus últimos seminários, Lacan leva adiante suas elaborações em torno dos registros Real, Simbólico e Imaginário (R.S.I.), extraíndo daí consequências diversas para a prática psicanalítica que, sem invalidar suas construções anteriores, apontam, nas palavras de Miller (2009), certa degradação do simbólico, na medida em que sua definição de estrutura linguística parece dar lugar à estrutura topológica. Ao trabalhar a topologia do nó borromeano, Lacan enfatiza que “três é o seu mínimo” (Lacan, 1974-75, p. 5) e demonstra as incidências, em R.S.I., da consistência, ex-sistência e do buraco, de modo que a distinção conceitual operada entre os três é apenas efeito da fabricação conceitual por nós imaginizada (Miller, 2009), posto que “na maioria das vezes, real, imaginário e simbólico passam de um para outro, se confundem” (idem, p. 113).

Nesse rastro, o que nosso percurso investigativo até aqui nos permitiu não foi dar respostas conclusivas para uma ampla interrogação, mas reposicionar as questões, pela localização de alguns pontos de impasses da teoria lacaniana estrutural da linguagem, elucubrando em torno destes para, com isso, contribuímos para melhor estruturação e fundamentação de uma clínica psicanalítica do autismo. Mediante o espaço vazio deixado na leitura dos testemunhos e as construções teóricas ao longo desse trabalho de pesquisa, deparamo-nos com enigmas que procuramos aqui registrar. Em resumo, os ricos testemunhos de Daniel Tammet, Donna Williams e Tito Mukhopadhyay, embora localizem diversos enigmas destes em sua relação com a linguagem, com o corpo e com o Outro, conseguem fazer um uso da língua do Outro cuja transmissão realiza tal articulação que sua modalidade de cifração “escapa ao texto”, pelo tratamento conferido a este. Demarcando essa modalidade lógica que cerne um ramo de Real, nos questionamos acerca do que é essa escrita do autista, afinal, e o que esta pode nos indicar sobre o autismo. Podemos pensar que essa escrita funcione como uma forma de manutenção de sua defesa autística e, simultaneamente, um meio de saída desta? Haja visto que a consistência que é dada em seus textos, ao dizer de sua dificuldade com a linguagem, vem acompanhada de uma escrita que tenta apagar todas as pistas dessa dificuldade, por meio do tratamento dado à língua, podemos pensar que a marca que deixam em seus textos é justamente a de uma terraplanagem do gozo? Será, esse texto enquadrado, higienizado, o que têm de mais próprio?

À guisa de conclusão, tendo em vista nosso trajeto até aqui, uma indicação de Miller parece-nos relevante: “O autismo, entendido como uma categoria clínica fundamental, pode certamente valer-se de Lacan, do Lacan desse sistema que se desfaz, e onde, às vezes, ele reduz o inconsciente ao fato de falar sozinho” (Miller, 2009, p. 121). Talvez seja possível, assim, ante as diversas interrogações que o autismo endereça à psicanálise, vislumbrar um caminho para melhor pensarmos tal categoria clínica, por outra via que não a de um déficit, a partir de um passo na direção do estruturalismo topológico e formalista de Lacan. Considerando ainda que o método psicanalítico coaduna com sua ética, tendo o singular do sujeito como questão fundamental, bem como a indissociabilidade entre teoria, clínica e pesquisa, ressaltamos a importância dos registros e publicações de casos clínicos que, junto às contribuições das literaturas dos autistas, podem trazer luz às interrogações aqui levantadas, pensando os limites de trabalho com um escrito textual, não equivalente a uma psicanálise.

Considerações Finais

O trajeto percorrido nesse trabalho evidenciou um esforço empreendido mais na direção de melhor situar uma pergunta, do que efetivamente dar respostas que visassem encerrar a questão. Nessa medida, seguimos o trilho segundo o qual a psicanálise se situa frente ao paradigma da verdade a partir da unidade de seus elementos teóricos, numa fidelidade a ética psicanalítica, a ética do sujeito. Isso a coloca numa posição distinta de uma função realista, na medida em que pressupor uma realidade a ser descortinada se configuraria como obstáculo epistemológico, por extrair da ciência sua capacidade de produzir e construir um novo real (Bachelard, 1996). Se configura, assim, como método que inclui a contingência em seu campo e revela o real como fuga do sentido no que se escreve do saber.

Nessa direção, defendeu-se aqui um distanciamento da pesquisa em psicanálise em relação a uma objetivação, experimentação ou metodologia, partindo de uma noção distinta da ciência positivista. Isso posto, buscamos operar a partir de: um objeto, como aquilo a ser construído com o trabalho; um método, que se configura *a posteriori*, na medida em que este vai contra a ideia de que o sucesso de um problema proposto possa ser predeterminado; e na experiência, a qual não entra na lógica do que pode ser repetido em laboratório, mas no campo da impossibilidade, do que escapa a transmissão. É crucial pensar que, se a psicanálise não é uma disciplina de aplicação de técnicas, justamente porque isso apaga o que há de

singular no sujeito do inconsciente, faz com que cada um, nesse campo, tenha que se responsabilizar por sua produção e recriar o método a partir de sua marca (Vorcaro, 2010).

De partida, tínhamos duas questões principais: *seria o primado do signo uma questão de estrutura? Podemos conceber que o modo como o autista cifra o que vive está amarrado a um funcionamento signico?* Se as duas eram, inicialmente, orientadoras dos nossos estudos dos testemunhos dos autistas, a sustentação de um espaço para a contingência na leitura foi imprescindível para dar lugar aos enígmata trazidos nestes. Encontramo-nos, assim, frente à necessidade de esclarecer o conceito de *signo* em psicanálise, sendo preciso, antes, retomarmos suas fontes. Mediante esse percurso, pudemos distinguir que há uma apropriação do signo saussuriano em Lacan, que é a junção de uma imagem acústica à um conceito, transmutado no significante lacaniano, e uma referência constante em seu ensino à definição peirciana de signo, como o que representa algo para alguém. Não obstante a importância que as construções do estruturalismo e da linguística têm no retorno de Lacan a Freud, o psicanalista francês marca, por diversas vezes ao longo de seus seminários e textos, a distância entre essas disciplinas e o discurso da psicanálise, pela referência ao inconsciente. Perscrutando esse terreno, nos deparamos com a diferença conceitual entre a proposta de Maleval da primazia do signo no autismo, baseada em Peirce, e as definições que o conceito tem no ensino de Lacan, sobretudo diante das mudanças na noção de comunicação ao longo desse trajeto, mediante a qual Lacan passa a investigar cada vez mais a conjectura do escrito.

Segundo nosso percurso, o que Maleval (2009/2017) chama de “primado do signo” diz respeito a um funcionamento que liga biunivocamente uma situação a um contexto ou uma palavra para uma coisa. Defini-lo dessa forma nos levou a questionar, com os testemunhos, que demonstram as incidências das instâncias simbólica, imaginária e real, o que diferenciaria esse funcionamento autístico da função de um código, de uma comunicação unívoca (Lacan, 1973/2003b). Nesse ínterim, nos vemos ainda diante de um embaraço e um desafio para fundamentar o autismo enquanto categoria clínica tendo ciência da limitação que temos para enxergar o mundo a partir de outra lente, fora do enquadramento ao qual estamos submetidos, o que nos leva a pensa-lo pela via de um déficit em relação à neurose. Isso nos levou a traçar um caminho até o conceito de *lalíngua*, dado que, a partir da introdução deste, há um aprofundamento e maior diferenciação das incidências do real na linguagem, que antes não estavam explicitadas. A partir de *lalíngua* e da mudança na concepção de comunicação, podemos pensar que o autista está afetado pelos efeitos da língua, franqueando um modo de cifração singular.

Cernir essa cifração nos registros textuais dos testemunhos aqui estudados configurou para nós um impasse, haja vista que seus textos, embora apontem seus embaraços com a linguagem, carregam a marca de uma certa higienização de gozo no modo como escrevem. Ainda que expliquem um modo de funcionar biunívoco, no qual atribuem uma palavra a uma coisa, como um índice de algo ou um referente icônico, mobilizam uma grande rede simbólica para fazê-lo, com grande domínio da língua e sua gramática, transmitindo algo na língua do Outro, ainda que não privilegiem a fala do Outro para manter a neutralidade do transfundo. Sua escrita endereçada a um leitor, por vezes, repleta de militância e apelos, diz do autista se colocar no mundo partilhado, diz das incidências e usos do simbólico para fazer troca, notadamente assinalada pela terraplanagem de gozo que caracteriza seus textos. Será isso o que seus testemunhos têm de mais próprio?

Os registros cartográficos, feitos por Deligny, das “linhas de errâncias” dos autistas atendidos na Monoblet nos deram, junto aos testemunhos, uma outra perspectiva para situar melhor nossas questões. Diferentemente dos sujeitos dos testemunhos, essas crianças não foram submetidas à educação formal ou aos tratamentos convencionais, uma vez que Deligny acreditava que o ornado devia possibilitar-lhes seu *agir* inato, registros de um funcionamento sem influência da domesticação do simbólico (Deligny, 1913-96/2015). Permaneceram, ao longo de décadas de registros, realizando percursos repetidos pela instituição, com pontos de sobreposição – os “*chevêtres*” – em lugares e momentos específicos, como onde havia presença de água ou pessoas. Com as “teias” cartografadas pelas “linhas de errância”, podemos tocar o Real desses circuitos, retomando o que Lacan aponta sobre “*A cycloïde*”: “eles forneceram o objeto *a*, claro, mas justamente sem o saber (...) passaram pela estrutura, pela estrutura que lhes disse, a saber, essa borda do Real” (Lacan, 1973-74/2018, p. 206).

A partir disso, traçamos a ideia de uma escrita com o corpo, contida nessas “linhas de errância”, que comporta um dizer em sua iteração. Seguindo a conjectura lacaniana do escrito apontada por Allouch (1994/2007), demos um passo nessa leitura dos mapas, ao considerar que o escrito depende da leitura do outro para tornar-se escrito e para que o sujeito possa ler, fazendo disso um dizer. Os autistas das “linhas de errância” dão indícios da incidência da linguagem em seu corpo, cujas marcas, não transliteradas, insistem em circuitos mínimos iterados (Meira & Vorcaro, 2019), enquanto nos testemunhos sinalizam estarem banhados de simbólico ao ponto de estarem mobilizados na escrita de si. Entre um e outro, pudemos decantar daí algumas questões, como pensar se há efeitos dos modos e do tempo de inserção do simbólico na estrutura, além de vislumbrar na apuração do nó borromeano a possibilidade

de localização do autismo em outra perspectiva que não deficitária em relação às outras categorias clínicas.

Por fim, buscando extrair de nosso percurso implicações para o dispositivo analítico, “(...) pode-se pensar o que dessas linhas de errância é possível tomar como signos do enlace da linguagem com o real, escrita que precede sua colocação em função, a qual possibilita lê-los como objeto e reinscrevê-los numa estrutura de linguagem” (Meira & Vorcaro, 2019, p. 151). Se pensarmos, a partir dos registros da Monoblet e dos relatos autobiográficos, que o autista realiza uma conexão circular e biunívoca entre um objeto e um movimento, como no apagar-acender do interruptor - que reverberam em uma situação e um contexto, um nome e um objeto -, incidir aí pode fazer “uma detenção, a de um cessar e o recomeçar” (Lacan, 1973-74/2018, p. 198).

Assim, podemos apostar na possibilidade de o analista, operando com a sutileza, deixando-se guiar pelo próprio autista e seus trajetos, testemunhar o dizer de suas linhas errantes, marcando, pontuando, trinchando, enfim, transliterando o ato para que o próprio autista possa (se) ler e, com isso, fazer nascer a função do escrito daquilo que já marcou o sujeito.

No entanto, é pertinente lembrarmos que:

Ser psicanalista é simplesmente abrir os olhos para essa evidência de que não há nada mais desbaratado que a realidade humana. Se vocês creem ter um eu bem adaptado, razoável, que sabe navegar, reconhecer o que tem de ser feito e o que não tem de ser feito, levar em conta as realidades, não resta senão mandá-los para longe daqui (Lacan, 1955-56/1988, p. 99).

Isto posto, ante às inúmeras interrogações que o autismo continua trazendo à psicanálise, nos colocando a trabalho a partir de cada caso, cada testemunho, cabe sustentarmos a advertência lacaniana de “levar as coisas a sério” (idem, p. 99). Levando em conta tal rigor, registrado aqui o que, para nós, constituiu enigma, por hora, esperamos contribuir para que outras investigações possam dar um passo além.

Referências⁴⁷

- Allouch, J. (1994/2007). *A clínica do escrito*. (D. Estrada, Trad.). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Álvarez, P. (2014). Desencadenamientos tempranos o tardíos. In Tendlarz, E. B. (org). *Una clínica posible del autismo infantil*. Olivos: Grama Ediciones.
- American Psychiatric Association. (2014). *Manual de diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-V*. (5. ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Ansermet, F. (2017). *Sobre uma doídice deletéria em torno do autismo*. Recuperado de <http://autismoepsicanalise.blogspot.com/2017/09/sobre-uma-doidice-deleteria-em-torno-do.html>
- Arrivé, M. (1986/1994). *Linguística e psicanálise: Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e outros*. São Paulo: EDUSP.
- Bachelard, G. (1996). *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Belaga, G. (2007). Las psicosis infantiles: del “autismo” a la psicotización. *Rev. Virtualia*, n. 16., Recuperado de <http://www.revistavirtualia.com/articulos/504/formas-contemporaneas-de-la-psicosis/las-psicosis-infantiles-del-autismo-a-la-psicotizacion>
- Bialer, M. (2015). *Literatura de Autistas: uma leitura psicanalítica*. Curitiba, PR: CRV.
- Campos, H. (2001). O Afreudisiaco Lacan na galáxia de lalíngua (Freud, Lacan a Escritura). In *Idéias de Lacan* (2 ed.). São Paulo: Iluminuras, pp. 175-195.
- Carvalho, F. F., Barros, R. R. (2017). Semiologia do pensamento e da linguagem: do juízo de realidade ao delírio universal. In Teixeira, A., Caldas, H. (Orgs.) *Psicopatologia lacaniana I: semiologia*. Belo Horizonte: Autêntica, pp. 121-144.
- Castro, M. M. (2006). *A escritura de Michel Leiris como uma interrogação sobre as formulações da letra em Jacques Lacan: escrita e lalíngua*. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Costa, A. M. M. (1998). *A ficção do si mesmo: interpretação e ato em psicanálise*. Rio de Janeiro, Companhia de Freud.
- Deleuze, G. (1967). Em que se pode reconhecer o estruturalismo? In Chatêlet (org.), *História da filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Deligny, F. (1913-96/2015). *O Aracniano e outros textos*. (L. Malimpensa, Trad.). São Paulo: n-1 edições.

⁴⁷ Segundo as normas da APA (*American Psychological Association*).

- Foucault, M. (2006). *Problematização do sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise (Ditos e Escritos: vol. I)*. (A. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Freud, S. (1891/2013). *Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico*. (E. B. Rossi, Trad.). Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- _____. (1895/1995). *Projeto de uma psicologia*. (F. O. Gabbi Jr., Trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1896/1995). *Carta 52*. In *Edições Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. 1. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1901/2018). *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*. (R. Zwick, Trad.). L&PM Editores.
- _____. (1911/2010). Formulações sobre os dois princípios de funcionamento psíquico, In *Obras completas, volume 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber"), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)*. São Paulo: Cia das Letras.
- _____. (1918/2010). História de uma neurose infantil ("O homem dos Lobos"). In *Obras Completas*, v. 14. São Paulo: Cia das Letras, pp. 10-119.
- _____. (1925/2016). A negação. In *Obras Incompletas de Freud*. Belo Horizonte: Autêntica.
- _____. (1900/2019). A interpretação dos sonhos. In *Obras completas, volume 4: A interpretação dos sonhos*. (P. C. Souza, Trad.). São Paulo: Cia das Letras.
- Grandin, T., Scariano, M. M. (1999). *Uma menina estranha: autobiografia de uma autista*. (S. Flaksman, Trad.). (4ª reimpr.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Grandin, T. (2009). *Thinking in pictures*. New York: Randon House Audio.
- Guerra, A. M. C., Moreira, J. O., Oliveira, L. V., Lima, R. G. (2017). The Narrative Memoir as a Psychoanalytical Strategy for the Research of Social Phenomena. *Psychology*, 8, 1238-1253. <https://doi.org/10.4236/psych.2017.88080>
- Higashida, N. (2014). *O que me faz pular*. (R. Durst, Trad.). Rio de Janeiro: Intrínseca.
- Joyce, J. (1999/2004). *Finnegans Wake/ Finnicius Revém*. (D. Schüler, Trad.). (2 ed.). Cotia, SP: Ateliê Editorial.
- Kanner, L. (1943/1983). Autistic disturbances of affective contact. *Nervous child*, 2, pp. 217-250, *Childhood psychosis: Initial studies and new insights*. New York: Willey.
- Kedar, I. (2012). *Ido in Autismland: Climbing out of autism's silent prison*. (e-Book). United States: Sharon Kedar.
- Lacan, J. (1953/1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, pp. 238-324.

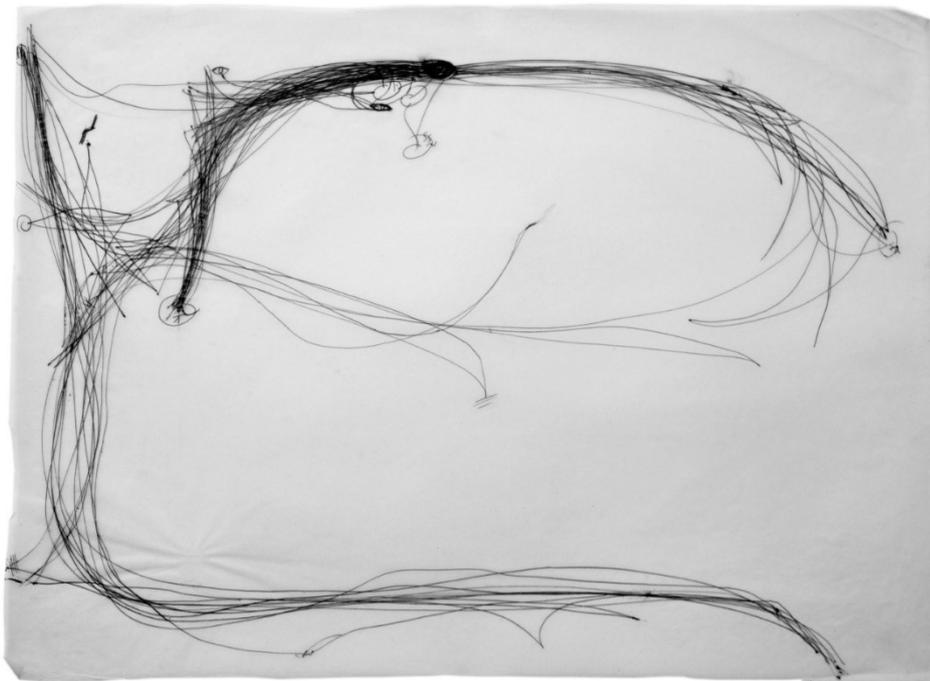
- _____. (1955-56/1988). *O Seminário, livro 3: as psicoses*. (2 ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- _____. (1957/1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, pp. 496-533.
- _____. (1958/1998). A significação do falo. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, pp. 692-703.
- _____. (1959-60/1997). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*, (A. Quinet, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- _____. (1961-62/2003). *O seminário, livro 9: A identificação*. Publicação não comercial do Centro de Estudos Freudianos do Recife.
- _____. (1962-1963/2005) *O Seminário livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- _____. (1965-66/1998). A ciência e a verdade. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, pp. 869-892.
- _____. (1968-69/2008). *O Seminário, livro 16: De um outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (1969-70/1992). *O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (1970/2003). Prefácio a uma tese. In *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, pp. 389-400.
- _____. (1971/2003). Lituraterra. In *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, pp. 15-25.
- _____. (1971/2009). *O Seminário, livro 18: De um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (1971-72/2000). *Seminário: O saber do psicanalista*. Publicação não comercial do Centro de Estudos Freudianos do Recife.
- _____. (1972). *Intervenção de 14 de junho de 1972*. (inédito).
- _____. (1972-73/2008). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (1973/2003). Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos Escritos. In *Outros Escritos*. (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, pp. 550-556.
- _____. (1973/2008). Posfácio. In *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original proferido em 1964).

- _____. (1973/2003). O aturdido. In *Outros escritos*. (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, pp. 448-497.
- _____. (1973-74/2018). *Os não-tolos erram / Os nomes do pai*. (F. Denez e G. Volaco, Trad.). Porto Alegre, RS: Editora Fi.
- _____. (1974-75). *O Seminário, livro 22: R. S. I*. Publicação não comercial da Associação Freudiana Internacional.
- _____. (1976-77). *O seminário, livro 24: L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*. Publicação não comercial da edição heReSIa.
- _____. (1977-78). *O seminário, livro 25: Momento de concluir*. Publicação não comercial da edição heReSIa.
- _____. (1980). *Seminário em Caracas*. Recuperado de http://gaogoa.free.fr/Seminaires_HTML/27-D/12071980.htm
- _____. (1998) O seminário sobre “a carta roubada”. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, pp. 496-533.
- Lang, C. E., Bernardes, J. S., Ribeiro, M. A. T., Zanotti, S. V. (Orgs.). (2015) *Metodologias: pesquisas em saúde, clínica e práticas psicológicas*. Maceió: EDUFAL.
- Laurent, E. (2014). *A batalha do Autismo, da clínica a política*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Leblanc, V., Fajnwaks, F. (2017). *Apprendre: désir ou dressage*. Argumento da 47ª Jornada da Escola da Causa Freudiana. Recuperado de <http://www.desiroudressage.com/le-programme/>
- Lefort, R., Lefort, R. (1980/1995). *Nacimiento del Otro. Dos psicoanálisis: Nadia (13 meses) y Marie-Françoise (30 meses)*. (M. Vasallo, Trad.). Paidós Campo Freudiano 6.
- _____. (2003/2017). *A distinção do autismo*. (A. L. Santiago e C. Vidigal, Trads.). Belo Horizonte: Relicário Edições.
- Leite, N. V. A. (2019) O Esquecimento do dizer: efeitos sobre a leitura. *Modernos & Contemporâneos*, v. 3, n. 5.
- Le Gaufey, G. (2001/2018). *A incompletude do simbólico: de René Descartes a Jacques Lacan*. (P. S. Souza Jr., Trad.). Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- Maleval, J-C. (2008). “Más bien verbosos”, los autistas. In *Psicoanálisis Aplicado: clínica del autismo y las psicosis*. Colección INVENCIONES. Córdoba: Fundación AVENIR.
- _____. (2009). Autismo, enunciación y alucinaciones. In Laurent, E., Daumas, A., Stiglitz, G. (orgs.) *Psicoanálisis con niños y adolescents 2: políticas, practicas y saberes sobre el niño*. Buenos Aires: Grama Ediciones.
- _____. (2010). *O que existe de constante no autismo? CliniCAPS*, v. 4, n. 11.

- _____. (2012). *¡Escuchen a los autistas!* (E. Berenguer, Trad.). Buenos Aires: Grama Ediciones.
- _____. (2015). Por que a hipótese de uma estrutura autística?, In *Opção Lacaniana online* (trabalho original publicado em *La Cause du désir*, nº 87/88 e 89), Paris: ECF.
- _____. (2009/2017). *O autista e sua voz*. (P. S. Souza Jr., Trad.). São Paulo: Blucher.
- _____. (2018). Da estrutura autista. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*. Rio de Janeiro, v. 13, n. 26, pp. 4-38.
- _____. (2019). Atracción del signo para el autista. *Revista Lapsó*, n. 4. Recuperada de <http://matpsil.com/revista-lapso/portfolio-items/maleval-atraccion-del-signo-para-el-autista/>
- Mas, N. A. (2018). *Transtorno do Espectro Autista – história da construção de um diagnóstico*. Dissertação (mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo.
- Mandil, R. A. (2003). *Os efeitos da letra: Lacan leitor de Joyce*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Contra Capa Livraria UFMG.
- Meira, A., Vorcaro, A. (2019). *Autistas e suas linhas de errância*. In Lash, M., Leite, N. (Orgs.) *Anatomia, destino, liberdade*. Campinas, SP: Mercado das Letras, pp. 139-153.
- Merleau-Ponty, M. (1994/2006). *Fenomenologia da percepção*. (C. Moura, Trad.). (3 ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Miller, J-A. (2003/2006). *La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós.
- _____. (2009). *Perspectivas do Seminário 23 de Lacan: O sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (2012a). *A Psicose Ordinária: a convenção de Antibes*. Belo Horizonte: EBP/Scriptum.
- _____. (2012b). *La fuga del sentido*. Buenos Aires: Paidós.
- _____. et al. (2014). *Estudios sobre el autismo*. Buenos Aires: Colección Diva.
- _____. (2015). *O osso de uma análise. + O inconsciente e o corpo falante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Milner, J-C. (1983/2006). *Os nomes indistintos*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- _____. (1996). *A obra clara: Lacan, a ciência, a filosofia*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- _____. (2012). *O amor da língua*. (P. S. Souza Jr., Trad.). Campinas: Editora da Unicamp.

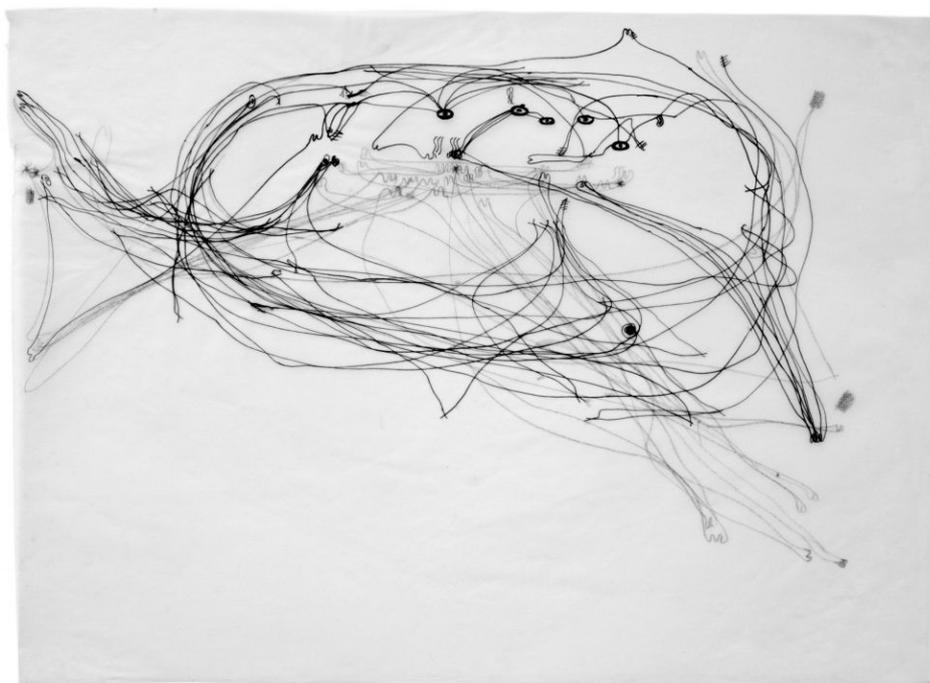
- Mukhopadhyay, T. R. (2008). *How Can I Talk If My Lips Don't Move?* Estados Unidos: Arcade Publishing.
- Peirce, C. S. (2005). *Semiótica*. (Coelho Neto, Trad.) (3 ed.) São Paulo: Perspectiva.
- Pimenta, P. (2018). Especificidades diagnósticas do transtorno do espectro autista (TEA). In Alvarenga, E., Laia, S. (orgs.). *O que é o autismo, hoje?* Belo Horizonte: Editora EBP.
- Pommier, G. (2008). É possível falar de um desejo "primitivo" de escrever?. *Estilos da Clínica*, 13(24), pp. 14-23. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282008000100002&lng=pt&tlng=pt.
- Rey-Flaud, H. (2013). *Sortir de l'autisme: parents, ces vérités qu'on vous cache*. Paris: Flammarion.
- Saussure, F. (1916/2006). *Curso de Linguística Geral*. (A. Chelini, J. Paes, I. Blikstein, Trans.). (27 ed.). São Paulo: Cultrix.
- Sellin, B. (1993/1994). *Une âme prisonnière*. Paris: Robert Laffont.
- _____. (1995/1998). *La solitude du déserteur: un autiste raconte son combat pour rejoindre notre monde*. (M. Keyser, Trad.). Paris: Robert Laffont.
- Scheffer, E. (2019). *Crianças de Asperger: As origens do autismo na Viena nazista*. (A. Bonrruquer, Trad.). Rio de Janeiro: Record.
- Schejtman, F. (2014) ¿Qué es un agujero? In Miller, J. A. et al. *Estudios sobre el autismo*. Buenos Aires: Colección Diva, pp.73-92.
- Silveira, D., Vorcaro, A. (2016). *Da verneinung ao traço unário*. Vol., 19, n. 3. Rio de Janeiro: Ágora.
- Sociedade Brasileira de Pediatria. (2019). *Manual de Orientação: Transtorno do Espectro do Autismo*. Recuperado de https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/Ped._Desenvolvimento_-_21775b-MO_-_Transtorno_do_Espectro_do_Autismo.pdf
- Souza, M. A. (2019). *A miragem da compreensão e o rigor lógico da estrutura: Considerações Psicanalíticas sobre o Fenômeno Psicótico*. Dissertação (mestrado). Programa de pós graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Starobinski, J. (1971). *As palavras sob as palavras: os anagramas de Ferdinand de Saussure*. (Carlos Vogt. Trad.). São Paulo: Perspectiva.
- Táboas, C. G. (2010/2015). *Un amor menos tonto: Una lectura del "seminario XXI" de Lacan*. Buenos Aires: Grama Ediciones.

- Tammet, D. (2006). *Nacido em um dia azul*. España: Editorial Sirio.
- Teixeira, G. (2016). *Manual do autismo*. (2 ed.). Rio de Janeiro: BestSeller.
- Teixeira, A., Santiago, J. (2017). Semiologia da percepção: o enquadre da realidade e o que retorna no real. In Teixeira, A., Caldas, H. (Orgs.). *Psicopatología lacaniana I: semiologia*. Belo Horizonte: Autêntica, pp. 93-119.
- Tendlarz, S. E., Bayón, P. A. (2013). *¿Qué es el autismo? Infancia y psicoanálisis*. Buenos Aires: Colección Diva.
- Viscasillas, G., López, P. (2017). “Appendicite”. Recuperado de <http://www.desiroudressage.com/2017/06/27/appendicite-une-inflammation-du-appendre-par-gracia-viscasillas-et-pilar-lopez-de-la-garma/>
- Vidal, E. (2000). A heterogeneidade Deleuze-Lacan. In *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. São Paulo: Ed. 34. pp. 479-491.
- Vorcaro, A. M. R. (2004). *A criança na clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- _____. (2010). Psicanálise e método científico: o lugar do caso clínico. In Neto, K. F., Moreira, J. O. (Orgs.). *Pesquisa em Psicanálise: transmissão na Universidade*. Barbacena, MG: EdUEMG.
- _____. (2018a). *A abordagem psicanalítica a crianças excluídas da função da fala*. Projeto submetido ao CNPq. (inédito).
- _____. (2018b). *Os autismos na psicanálise: uma diferenciação necessária a clínica*. Trabalho apresentado ao HC Educação Continuada em 25 de maio de 2018. (inédito).
- _____. (2019). *Uma articulação preliminar da diferenciação estrutural Autismo / Psicose*. (inédito).
- Williams, D. (1994). *Somebody Somewhere – Breaking free from the world of autism*. Jessica Kingsley Publishers, Ltd.
- _____. (2012). *Meu Mundo Misterioso: Testemunho excepcional de uma jovem autista*. (T. B. Santos, Trad.). Brasília: Thesaurus.

ANEXOS

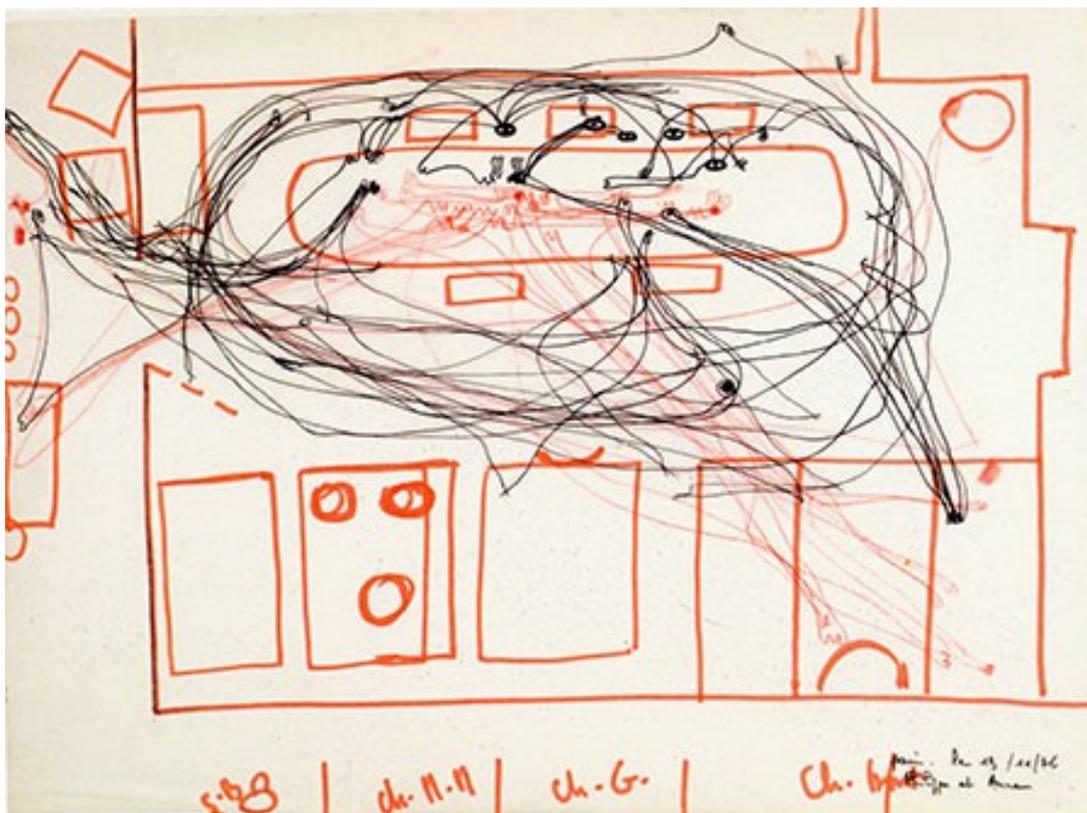
Anexo 1: Monoblet, novembro de 1976. Transparências sem o mapa de fundo.

Fonte: <https://deligny.jur.puc-rio.br/index.php/os-mapas/#close>



Anexo 2: Monoblet, novembro de 1976. Transparências sem o mapa de fundo. Fonte:

<https://deligny.jur.puc-rio.br/index.php/os-mapas/#close>



Anexo 3: Linhas de errância.

Fonte: <http://www.khiasma.net/rdv/les-lignes-derre-de-fernand-deligny/>